

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA
RELIGIÃO

SERGIO CARLOS SILVA

O DISCURSO DE FÉ NO CRISTIANISMO PRIMITIVO:
ANÁLISE COMPARATIVA DAS EPÍSTOLAS DE HEBREUS E
ROMANOS

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2022

SERGIO CARLOS SILVA

O DISCURSO DE FÉ DO CRISTIANISMO PRIMITIVO:
ANÁLISE COMPARATIVA DAS EPÍSTOLAS DE HEBREUS E
ROMANOS

Dissertação apresentada à Universidade Metodista de São Paulo em cumprimento às exigências do programa de Pós-graduação em Ciências da Religião para a obtenção de grau de Mestre.

Orientação: Prof. Dr. Marcelo da Silva Carneiro

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Si38d Silva, Sergio Carlos
O discurso de fé do cristianismo primitivo: análise comparativa das epístolas de hebreus e romanos / Sergio Carlos Silva -- São Bernardo do Campo, 2022.
120 p.

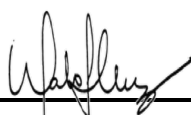
Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) --Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2022.

Bibliografia
Orientação de: Marcelo da Silva Carneiro.

1. Fé - Cristianismo primitivo 2. Bíblia - N.T. - Hebreus - Crítica e interpretação 3. Bíblia - N.T. - Romanos - Crítica e interpretação I. Título

CDD 227.8706

A dissertação de mestrado intitulada: “O DISCURSO DE FÉ NO CRISTIANISMO PRIMITIVO: ANÁLISE COMPARATIVA DAS EPÍSTOLAS DE HEBREUS E ROMANOS”, elaborada por SERGIO CARLOS SILVA, foi apresentada e aprovada em 13 de setembro de 2022, perante a banca examinadora composta por Prof. Dr. Marcelo da Silva Carneiro (presidente/UMESP), Prof. Dr. Paulo Roberto Garcia (titular/UMESP), Prof. Dr. José Roberto Cardoso (titular/FATESUL).



Prof. Dr. Marcelo da Silva Carneiro
Orientador e Presidente da Banca Examinadora



Profa. Dra. Maria do Carmo Fernandes Martins
Pró-reitora de Pós-Graduação

Programa: Pós-Graduação em Ciências da Religião

Área de Concentração: Linguagens da Religião

Linha de Pesquisa: Literatura e Religião no Mundo Bíblico

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador e professor Marcelo Carneiro, pela sua atenção e orientação nessa caminhada de estudos e pesquisas.

Aos demais professores, pelos ensinamentos e conhecimentos transmitidos.

Ao Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião (IEPG), pelas bolsas de créditos concedidas, pelas quais através desse incentivo foi possível a conclusão dessa caminhada de estudos e pesquisas.

*“Ora, sem fé é impossível ser-lhe agradável.
Pois aquele que se aproxima de Deus
deve crer que ele existe
e que recompensa os que o procuram. ”*

Hebreus 11.6 (Bíblia de Jerusalém)

RESUMO

A presente pesquisa tem o objetivo de apresentar a análise do discurso de fé, presente no cristianismo primitivo, realizando comparações entre os escritos literários do Novo Testamento bíblico. Na análise comparativa, a pesquisa usará as epístolas aos Hebreus e Romanos. Sendo as epístolas do Novo Testamento desenvolvidas por seus autores para destinatários inseridos dentro de um contexto plural greco-romano do primeiro século, a abordagem resumida desses escritos se torna necessária para a pesquisa comparativa. A abordagem dos escritos do autor mais influente do Novo Testamento, ou seja, Paulo, é importante para o conhecer o pensamento desse influente autor. Sendo a epístola aos Romanos seu maior escrito na literatura neotestamentária e provavelmente com o maior peso teológico em comparação com outros de seus escritos torna-se importante para a pesquisa. Paulo, na epístola aos Romanos, aborda a fé de maneira ampla, talvez entre os seus escritos é a que mais se aprofunda no discurso de fé. A epístola aos Hebreus, pela qual não há a certeza de sua autoria, torna-se uma importante obra, também com certo peso teológico para o cristianismo, sendo esse escrito necessário para a abordagem da fé cristã. Recebendo influências da cultura e literatura greco-romana, alguns autores dos escritos do Novo Testamento usaram da arte retórica para abordar os seus destinatários, e as epístolas aos Hebreus e Romanos possuem essas características retóricas, e notamos o uso dessa arte nos discursos de fé presentes nessas epístolas. Nas abordagens dos discursos de fé dos textos pesquisados na epístola aos Romanos (1,16-17; 3,21-31; 5,1-5), Paulo preocupa-se em demonstrar a importância da fé na vida de seus destinatários. O autor da epístola aos Hebreus, nos textos pesquisados (11,1-3; 12,1-3), em seu discurso de fé procura incentivar os seus destinatários em sua caminhada cristã. Sobre a questão do discurso de fé, poderia haver semelhanças e diferenças entre o pensamento paulino e o pensamento da epístola aos Hebreus. As semelhanças poderiam apontar para uma provável autoria paulina ou influencia paulina na questão do discurso de fé.

Palavras-chave: Fé; Cristianismo Primitivo, Discurso, Epístola aos Hebreus, Epístola aos Romanos

ABSTRACT

The present research aims to present the analysis of the discourse of faith, present in primitive Christianity, making comparisons between the literary writings of the biblical New Testament. In the comparative analysis, the research will use the epistles to the Hebrews and Romans. As the New Testament epistles developed by their authors for addressees within a first century Greco-Roman plural context, the summary approach of these writings becomes necessary for comparative research. The approach to the writings of the most influential author of the New Testament, that is, Paul, is important to know the thought of this influential author. Since the epistle to the Romans is his greatest writing in the New Testament literature and probably with the greatest theological weight compared to other of his writings, it becomes important for research. Paul, in the epistle to the Romans, addresses faith in a broad way, perhaps among his writings it is the one that goes most deeply into the discourse of faith. The epistle to the Hebrews, for which there is no certainty of its authorship, becomes an important New Testament literature, also with a certain theological weight for Christianity, being this writing necessary for the approach of the Christian faith. Receiving influences from Greco-Roman culture and literature, some authors of the New Testament writings used rhetorical art to address their recipients, and the epistles to the Hebrews and Romans have these rhetorical characteristics, through which we note the use of this art in speeches of faith. Present in these epistles. In approaching the discourses of faith in the texts researched in the epistle to the Romans (1.16-17; 3.21-31; 5.1-5), Paul is concerned with demonstrating the importance of faith in the lives of its recipients. The author of the epistle to the Hebrews, in the texts researched (11.1-3; 12.1-3), in his speech of faith, seeks to encourage his recipients in their Christian walk. On the matter of the discourse of faith, there could be similarities and differences between Pauline thought and the thought of the epistle to the Hebrews. The similarities could point to a probable Pauline authorship or Pauline influence on the issue of the discourse of faith.

Keywords: Faith; Early Christianity; Speech; Epistle to the Hebrews; Epistle to the Romans

ABREVIATURAS

BJ - Bíblia de Jerusalém

FL - Tradução de Frederico Lourenço

VG - Versão Grega

Hab – Habacuque

Mt – Evangelho de Mateus

Mc – Evangelho de Marcos

Rm – Romanos

I Cor - I Coríntios

II Cor - II Coríntios

Gl – Gálatas

Fil – Filipenses

I Ts - I Tessalonicenses

Fm – Filemon

Hb – Hebreus

4Mac - 4 Macabeus

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 AS EPÍSTOLAS DO NOVO TESTAMENTO DENTRO DO MUNDO PLURAL DO CRISTIANISMO PRIMITIVO	13
1.1 Romanos.....	14
1.1.1 Autoria paulina as epístola aos Romanos	18
1.1.2 O uso da retórica nos escritos paulinos.....	21
1.2 O escrito da epístola aos Hebreus	31
1.2.1 A autoria paulina de Hebreus	31
1.2.2 A autoria não paulina de Hebreus	34
1.2.3 A linguagem de Hebreus	36
1.3 O discurso retórico no mundo antigo.....	42
2 A FÉ EM ROMANOS: O DISCURSO TEOLÓGICO DE PAULO	52
2.1 Análise do discurso de fé em romanos.....	52
2.1.1 O discurso de fé em romanos 1,16-17	52
2.1.2 O discurso de fé em romanos 3,21-31	61
2.1.3 O discurso de fé em romanos 5,1-5	73
3 O DISCURSO DE FÉ EM HEBREUS: TESTANDO TEOLOGIA PAULINA .	82
3.1 Análise do discurso de fé em hebreus	82
3.1.1 Introdução aos textos analisados	82
3.1.2 O discurso de fé em hebreus 11,1-3	86
3.1.3 O discurso de fé em hebreus 12,1-3	97
3.2 Comparando Hebreus e Romanos: teologia paulina?	108
CONCLUSÃO	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	115

INTRODUÇÃO

Ao analisarmos a literatura bíblica e especificamente os escritos epistolares do Novo Testamento, percebemos diversos assuntos que os autores dessas epístolas tratavam nos discursos dirigidos às comunidades cristãs primitivas. Comunidades essas que estavam em seu estágio de formação, pois o movimento iniciado por Jesus de Nazaré, movimento que se iniciou na região da Palestina, sendo continuado pelos seguidores de Jesus. E da Palestina espalharam o movimento pelas diversas regiões do Império Romano. Todo esse movimento, iniciado na Palestina para muitas localidades do Império, ocorreu no período do século 1 d.C.

Nessa literatura epistolar diversas teologias e conceitos se apresentam como construções doutrinárias e formações de pensamentos para um grupo que está inserido dentro de um contexto greco-romano. Esses grupos, essas comunidades, estando em processo de formação e em contato com a sociedade em que estavam inseridas, necessitavam fundamentar sua nova maneira de viver e de relacionar-se com a sociedade em seus diversos contextos. Os autores, ao escrever suas epístolas, demonstraram preocupação com as necessidades que esses grupos em formação enfrentavam e utilizando desse meio de comunicação utilizado no mundo antigo, formulavam conceitos e poderíamos dizer, teologias, para atender às necessidades doutrinárias desses grupos.

Dos diversos temas teológicos que se apresentam nos escritos epistolares do Novo Testamento bíblico, um importante tema tratado é o discurso sobre fé. Mas a princípio, pode surgir a seguinte pergunta: “O que seria a fé? ”. Para não deixarmos a nossa pesquisa com essa curiosidade, rapidamente podemos definir a fé, como: Um ato pessoal e subjetivo de acreditar (GOUVÊA, 2000). Mas ao analisarmos o conceito de fé no Novo Testamento, podemos aprofundar esse tema um pouco mais.

A fé que os autores dos escritos do Novo Testamento recomendam é simplesmente uma maneira de viver, um modo de vida; além de ser um ato particular é uma ação habitual ou uma ação de caráter. A fé não é uma circunstância que ocorre uma vez na vida do ser humano, mas uma contínua ação que o leva a um modo de vivência no mundo. (GOUVÊA, 2000). Podemos questionar esse

pensamento da seguinte maneira: Seria esse o conceito de fé, que as comunidades cristãs em formação no século 1 d.C. teriam?

O objetivo da nossa pesquisa é realizar a análise comparativa do discurso de fé no cristianismo primitivo nas vertentes de Hebreus e Romanos, através da análise exegética bíblica textual. O discurso de fé está presente na literatura bíblica, em diversos textos do Antigo Testamento e do Novo Testamento sendo um assunto com considerável abordagem nas epístolas. Percebemos nas diversas citações que os autores neotestamentários fazem em seus escritos e conseqüentemente um assunto que teve grande amplitude no início do cristianismo.

Mas algumas perguntas podem surgir nesse início de pesquisa. A primeira pergunta que poderíamos fazer é essa: Por que abordar o discurso de fé entre os autores das epístolas? Poderíamos argumentar a resposta da primeira pergunta com a segunda pergunta: O discurso de fé no início do cristianismo tinha diferenças entre um autor e outro? Chegamos a essa segunda pergunta, analisando o fato que os autores que discursaram sobre esse tema em suas epístolas, poderiam ser diferentes em seus modos de pensar o tema e também poderiam desenvolvê-lo segundo as necessidades de seus destinatários.

Poderíamos propor um segundo grupo de perguntas: Por que na abordagem do discurso de fé, foram utilizadas as epístolas aos Hebreus e Romanos? A epístola aos Hebreus, sendo sua autoria discutida em toda a história da literatura do cristianismo e não sendo diferente nos dias atuais, notamos que aborda alguns temas relevantes e que levam ao discurso de fé, sendo este assunto tratado quase no final da epístola, percebemos que o autor realiza uma considerável abordagem do tema.

Compreendemos que a epístola aos Romanos, sendo uma obra da autoria de Paulo e considerada de relevada importância para o desenvolvimento do cristianismo pós século 1 d.C. e sendo considerada por alguns críticos como um tratado teológico paulino; notamos que a abordagem de Paulo no discurso de fé, na epístola aos Romanos, é amplo. O assunto é apresentado na introdução, quando Paulo apresenta o tema da epístola, e abordado nos capítulos seguintes. Percebemos a importância do discurso de fé em Romanos, sendo esse assunto um dos que compõem o tema da epístola. Poderíamos usar outros escritos paulinos para a pesquisa desse tema, como por exemplo a epístola aos Gálatas. Mas

podemos notar que em Gálatas, realiza uma abordagem diferente sobre o discurso de fé, não aprofundando o tema como em Romanos.

Por pesquisarmos o discurso de fé no cristianismo primitivo, concluímos que as epístolas neotestamentárias aos Hebreus e Romanos são fundamentais, para o entendimento do conceito de fé.

A nossa pesquisa, primeiramente, fará uma abordagem das epístolas neotestamentárias dentro do contexto plural do mundo onde cristianismo primitivo estava inserido. Abordaremos sobre os escritos paulinos e comentaremos algumas características da epístola aos Romanos como a questão da autoria paulina e em seguida apresentaremos, resumidamente, o uso retórico nos escritos paulinos. Em seguida, abordaremos algumas características da epístola aos Hebreus. Na finalização desse capítulo trataremos sobre o uso retórico no mundo antigo, mais especificamente no contexto greco-romano.

O segundo capítulo, abordaremos o discurso teológico de fé em Paulo na epístola aos Romanos. Analisaremos exegeticamente o discurso de fé em Romanos nos seguintes textos: 1,16-17; 3,21-31; e 5,1-5.

No terceiro e último capítulo, trataremos sobre o discurso de fé na epístola aos Hebreus, analisando exegeticamente o discurso de fé em Hebreus nos seguintes textos: 11,1-3; e 12,1-3. Faremos uma comparação do escrito de Hebreus com a teologia paulina.

Os possíveis resultados dessa pesquisa seriam uma aproximação do escrito de Hebreus com o escrito de Paulo aos Romanos em relação ao discurso de fé e poderíamos supor que Paulo tenha escrito ou influenciado a epístola aos Hebreus, ou com essa comparação, com o discurso de fé entre os dois escritos, encontrarmos as diferenças, mas também algumas semelhanças, que poderíamos supor uma autoria diferente da epístola aos Hebreus para os escritos paulinos.

1. AS EPÍSTOLAS DO NOVO TESTAMENTO DENTRO DO MUNDO PLURAL DO CRISTIANISMO PRIMITIVO

Ao pesquisarmos sobre o Novo Testamento, percebemos a considerável produção que houve entre os primeiros cristãos, que estavam inseridos em um período de pluralidade, sendo que nos aspectos políticos e militares, o Império Romano predominava, mas nos aspectos culturais havia a predominância da cultura grega. A literatura produzida pelo cristianismo primitivo, como conhecemos hoje como Novo Testamento, e outros materiais literários que não constam no Cânon neotestamentário, foi escrita para as comunidades de cristãos que se formaram naquele contexto greco-romano. Sobre a produção literária do cristianismo primitivo, Boring, destaca:

O cristianismo primitivo produziu muita literatura, muitos mais do que foi incluído no Novo Testamento. Estamos cientes de pelo menos 63 documentos que circulavam como “Evangelhos” na igreja primitiva, bem como numerosos “Atos”, “Epístolas” e Apocalipses. [...] Nosso Novo Testamento é, assim, uma seleção feita pela comunidade cristã a partir do cabedal de escritos muito maior (BORING, 2005, p. 21).

E da literatura presente no Novo Testamento, as epístolas ou cartas, aparecem como importante material que compõe o Cânon. Sendo a maioria das epístolas do Cânon do Novo Testamento atribuídas a sua autoria a Paulo, o presente capítulo, procurará abordar, de maneira resumida, as características das epístolas paulinas, especialmente a epístola aos Romanos. Em relação a epístola aos Hebreus, por ser um escrito com um considerável teor teológico e por apresentar o discurso de fé, faremos também a abordagem de suas características. E pelo fato das epístolas paulinas e a epístola aos Hebreus utilizarem da arte retórica, abordaremos resumidamente sobre a retórica no mundo antigo.

1.1 Romanos

Ao analisarmos os textos do cristianismo primitivo contidos no Novo Testamento, percebemos que a maioria dos escritos, considerando as epístolas ou cartas, é de autoria paulina ou está associado à Paulo. Segundo Moreschini e Norelli (1996, p. 32) “Os mais antigos documentos cristãos conservados de forma independente são as cartas de Paulo.”. O personagem central do cristianismo é a pessoa de Jesus Cristo, sendo ele o personagem, podemos dizer, que iniciou o movimento na região que era controlada pelo Império Romano, conhecida como Palestina. Mas o personagem Paulo acaba tendo destaque no Novo Testamento, pela quantidade de escritos e por ser o responsável pela maior parte da base teológica cristã.

As epístolas ou cartas eram escritas quando não havia a possibilidade de uma comunicação direta, oral; mas quem compunha esse material precisaria ter o conhecimento da leitura e arte escrita. (SHREINERE DAUTZENBERGER, 2004). Eram usadas para a comunicação entre as pessoas, se tornou um importante meio de comunicação para as comunidades cristãs, mesmo que a tradição oral prevalecesse no cristianismo do primeiro século. Pouco a pouco essas produções escritas tiveram papel importante na formação do pensamento cristão.

As produções escritas se tornaram um meio de comunicação e transmissão das antigas tradições do cristianismo primitivo, principalmente a partir da terceira geração de cristãos, mas ainda a transmissão oral era a mais utilizada. O uso literário usado por Paulo exerceu grande impacto nesse período, sendo que a literatura paulina, como instrumento de política nos grupos cristãos primitivos, tinha o objetivo de propaganda e organização das comunidades cristãs, sendo que o uso literário de cartas se tornou popular. (KOESTER, 2005).

Devemos ressaltar que na formação das primeiras comunidades cristãs, os cristãos dependiam das Escrituras Judaicas, das tradições orais acerca dos feitos e palavras de Jesus e dos profetas cristãos que proferiam mensagens divinas. Nesse princípio não havia nenhuma organização canônica dessa literatura, ou os escritos não estavam organizados em um cânon, como temos hoje. Mesmo depois da literatura neotestamentária serem escritas, muitas delas não haviam sido distribuídas nas comunidades espalhadas pelo Império Romano. Nesse período, antes da compilação para a formação do cânon do Novo Testamento, outros escritos foram produzidos por cristãos, sendo algumas boas, mas outras com qualidade inferior.

(GUNDRY, 2008). O que percebemos é que a maioria dos críticos concordam que a finalidade das epístolas era em substituição a oralidade.

As comunicações escritas em forma de epístolas ou cartas, para as comunidades cristãs primitivas, se tornaram o gênero literário mais importante para instruções. O próprio livro de Atos dos Apóstolos continha cartas e pode indicar que as comunidades cristãs primitivas desenvolviam uma rede mantidas por cartas. (BORING, 2015). Ainda, segundo Boring:

Os gêneros narrativos Evangelhos e Atos apareceram depois que o formato carta estava bem estabelecido, e o novo gênero não foi imediatamente aceito por todos os cristãos. Essa dominância inicial do formato carta é um fato marcante e imprevisto. Em nenhuma outra comunidade religiosa as cartas de tornaram Escritura sagrada, nem desempenharam tal papel formativo (BORING, 2015, págs. 324-325).

Mas esses documentos escritos acabaram sendo reconhecidos pelos cristãos e se tornaram modelos de escrituras sagradas. Segundo Gundry (2008, p. 114): “Livros como as epístolas de Paulo e os evangelhos receberam reconhecimento imediato. São chamados *homologoumena* (palavra grega que significa “confessados”).”.

E a literatura paulina se apresenta como exemplo das comunicações escritas para as comunidades cristãs primitivas, segundo Koester (2005, p. 3): “Para produzir essa literatura, os cristãos podiam recorrer às cartas de Paulo como modelo.”. Uma vez que as epístolas de Paulo se tornam modelos, o personagem Paulo torna-se autoridade entre os cristãos primitivos.

Antes de abordarmos exclusivamente sobre as epístolas paulinas, presumimos, como necessidade, uma rápida citação sobre os elementos formais das correspondências epistolares do primeiro século. As epístolas possuíam os seus elementos formais, ou seja, formas fixas, que admitiam um limitado espectro de variações que se encontravam no início e na conclusão. A epístola iniciava com o chamado prescrito (*praescriptum*), que era constituído do nome do remetente (*superscriptio*), o nome do destinatário (*adscriptio*) e de uma saudação (*salutatio*) ao qual podia desejar um voto de boa saúde (fórmula *valetudinis*). No corpo da carta várias fórmulas introduziam as comunicações desejadas. No final da epístola se colocava uma fórmula de cuidados ao destinatário, do tipo “cuida-te para estares

bem”, substituída mais tarde por saudações de outros ou o pedido de transmissão de saudações a outros conhecidos, a conclusão se encontrava a fórmula “que fiques/fiqueis bem”, seguida da data de composição. (MORESCHINE E NORELLI, 1996).

Sendo o próprio Paulo o iniciador da literatura apostólica e servindo de modelo para outras epístolas antigas posteriores, ao adotar as cartas como modo de comunicação para as comunidades cristãs primitivas, ele modifica suas convenções, ampliando a sua forma de saudação, no início da epístola; ele menciona o seu nome e título e algumas vezes menciona o nome de seus colaboradores que estão associados as suas viagens. Desenvolve a menção aos seus destinatários, e o que chamamos de “ações de graças”, Paulo menciona a situação dos respectivos destinatários, com exceção da epístola aos Gálatas. No corpo da epístola, Paulo costumava seguir as convencionais fórmulas das cartas do mundo antigo. Na finalização do escrito, Paulo substitui a tradicional fórmula de saudação por um voto. Algumas vezes convida os destinatários a trocar o “santo beijo”, de maneira recíproca, remetendo as epístolas a uma leitura no contexto da liturgia comunitária, mencionado que a saudação é autografa. (MORESCHINE E NORELLI, 1996). Em relação aos escritos paulinos, sobre as divisões do corpo principal das epístolas, Boring apresenta alguns aspectos:

[...] o corpo das cartas paulinas gira em torno de dois polos, tipicamente dividido em duas seções distintas. O primeiro polo explica o ato salvífico de Deus e seu significado, no modo indicativo; o polo secundário explicita a resposta da fé em uma série de imperativos. (BORING, 2015, p. 338).

Esses polos são descritos pelo autor como pares complementares, dinamicamente relacionados e inseparáveis, de acordo com o exemplo a seguir:

Quadro 1: Os dois polos em torno das cartas paulinas

O ato de Deus	//	resposta humana
Graça	//	gratidão-fé
Χάρις como graça de Deus	//	χάρις como gratidão humana
Teologia	//	ética
Indicativo	//	imperativo
Kerygma	//	didaquê
Evangelho	//	parênese
“O que? ”	//	“Então o que? ”

Fonte: Boring (2015, p.338).

Ainda em relação a esses polos, segundo Boring:

Nenhum elemento pode ficar isolado. A coluna da esquerda tomada por si mesma resulta numa abstração teológica. A coluna da direita isoladamente resulta em moralismo legalístico. Tomados juntos, os dois polos correspondem à forma do comprometimento com a aliança do Antigo Testamento e da Bíblia como um todo: o gracioso ato de Deus faz com que a autêntica resposta humana seja possível e necessária. Esse padrão é visto claramente no Decálogo (Êx 20,2-17), introdutório do Livro da Aliança, 20,22 – 23,33, que começa “Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão, (portanto) não terás outros deuses diante de mim”. (BORING, 2015, págs. 338-339).

Essa estrutura apresentada anteriormente, segundo Boring, é mais visível na epístola de Paulo aos Romanos, e poderia expressar o seu pensamento estrutural, mesmo para uma comunidade cristã que Paulo não fundou. As epístolas de Paulo, mesmo sendo ocasionais, escritas para uma comunidade cristã específica, tinham também por finalidade alargar o campo das atividades missionárias e o conteúdo da epístola tomava a forma estilística de uma pregação missionária oral. (SHREINER E DAUTZENBERGER, 2004). Além desses objetivos, Paulo, ao escrever a epístola de Romanos, se apresentou para aquele grupo ou grupos de cristãos com pretensões definidas para aquela comunidade, que o poderia ajudar em seus objetivos de ir a outros lugares mais longe, mas procurou também abordar questões teológicas que serviriam de instrução para as comunidades cristãs.

Os escritos paulinos foram desenvolvidos como respostas a diversas questões como interpretação judaica, o envolvimento de cristãos no paganismo, e buscava corrigir posturas que não condiziam com a fé pregada. Também era usada como incentivo e continuidade das atividades das comunidades cristãs primitivas. (CARNEIRO, 2019). Abordaremos resumidamente a autoria paulina na epístola aos Romanos.

1.1.1 Autoria paulina da epístola aos Romanos

Sobre a autoria paulina da epístola aos Romanos, a maioria dos críticos confirmam essa possibilidade, aliás considerando a epístola aos Romanos como de autoria autêntica de Paulo, conforme Romanos 1,1-7. Em relação às evidências externas, Calvino e Karl Barth reconheceram Paulo como o autor da epístola. (SOUZA, 2012). Ainda, segundo Souza (2012, p. 68), “Em relação às evidências externas, podemos citar que esta carta foi incluída por Marcion em seu cânon, por volta de 140. Irineu (140-203), Clemente de Alexandria (155-215), e Tertuliano (150-222), também atribuem esta epístola a Paulo.”. Percebemos que a maioria dos estudiosos, durante a história do cristianismo, atribuem a autoria da epístola aos Romanos a Paulo.

Paulo, provavelmente escreveu a epístola aos Romanos na cidade de Corinto, completando a sua terceira viagem missionária e havendo realizado o levantamento da coleta para os cristãos em Jerusalém. (GUNDRY, 2008). A data da composição, conforme 15,30-33, Paulo cita a sua futura viagem a Jerusalém, para levar os donativos dos demais grupos cristãos, sendo que logo após ele se dirigiria para a cidade de Roma. Pelo contexto da narrativa de Atos 19,1 – 21.17, Paulo escreveu a epístola no final de sua terceira viagem entre 55 e 57 d.C., dentro do contexto de Atos 20,2-3.

Diferentemente das comunidades cristãs das cidades de Corinto, Tessalônica, Filipos e das comunidades cristãs na região da Galácia, a comunidade cristã presente na cidade de Roma não teve como seu fundador o próprio Paulo. Há algumas suposições sobre quem iniciou essa comunidade cristã primitiva, mas não há certezas sobre essa questão. Há muitas dúvidas e especulações sobre o surgimento da comunidade cristã primitiva na cidade de Roma. Segundo Vielhauer:

O surgimento da comunidade romana está envolto em total escuridão; não sabemos quando nem por intermédio de quem a fé em Cristo chegou a Roma. Atos dos Apóstolos relata a respeito tão pouco quanto relata sobre os começos do cristianismo no Egito, é da Carta aos Romanos, o testemunho mais antigo da existência de uma comunidade cristã em Roma, igualmente nada ficamos sabemos sobre sua origem. (VIELHAUER, 2012, p. 208).

A epístola aos Romanos apresenta uma questão levantada por alguns críticos que seria sua integridade do final da epístola. O capítulo 16 apresenta-se como um problema crítico literário. Sobre a integridade da correspondência aos cristãos da cidade de Roma, Souza argumenta:

Muitos autores têm questionado a integridade, isto é, a inteireza da carta. Têm-se discutido sobre o seu final. Mas, apesar dos debates relativos aos capítulos 14, 15, e 16, onde apresenta possíveis finais (14,23; 15,33; 16,24), a única questão séria reside na doxologia dos versos 25 a 27 do capítulo 16. (SOUZA, 2012, p. 69).

Para a maioria dos críticos o capítulo 16, passando ou não por interpolações, pertenceria a epístola endereçada à comunidade de Roma. A tradição manuscrita complexa do texto final da epístola aos Romanos é resultado da edição de efeito cascata que Marcião¹ editou nas epístolas de Paulo, retirando as seções dos escritos paulinos que refletiam as Escrituras Judaicas ou que apresentavam pensamentos pró-judaicos, sendo estes considerados acréscimos tardios e não paulinos. (BORING, 2015). Questões essas que não temos o objetivo de nos aprofundar nessa pesquisa.

Percebemos a importância dessa epístola no cânon do Novo Testamento, e podemos dizer que para o cristianismo posterior assim como foi para o cristianismo primitivo, o escrito é reconhecido como influente ou o mais influente entre os escritos paulinos. Segundo Boring (2015, p. 485): “[...] talvez a expressão mais importante do evangelho e teologia já escrita.”.

A epístola aos Romanos apresenta ideias que Paulo já havia apresentado em outras de suas epístolas, para outros grupos cristãos primitivos em outros contextos específicos.

¹ Marcião foi um mestre na comunidade cristã de Roma, aproximadamente em 140-150 d.C.

A carta aos Romanos reflete e atualiza do princípio ao fim ideias que foram surgindo em controvérsias anteriores. Para a promessa feita a Abraão (Rm 4), compare Gl 3,16-18; para o tópico de Adão e Cristo (Rm 5,12ss), compare I Cor 15,45-49; sobre os dons do espírito (Rm 12,1ss), compare I Cor 12,1ss; para a relação entre fortes e fracos (Rm 14,1-15,6), compare I Cor 6,12-11,1. A justificação pela fé apenas, sem a lei, havia sido o tema principal de Filipenses 3 e Gálatas. (KOESTER, 2005, págs. 153-154).

Há alguns aspectos semelhantes da epístola aos Romanos com as outras epístolas originariamente paulinas, mas há também suas diferenças.

Daí também se pode entender o caráter literário da Carta aos Romanos, que se distingue de modo tão acentuado do das outras cartas paulinas. De acordo com a temática e rigor da estrutura, ela tem maior semelhança com a Carta aos Gálatas. No entanto, justamente nessas cartas semelhantes se torna especialmente perceptível a diferença; a motivação imediata e a situação concreta de Gálatas faltam inteiramente na Carta aos Romanos. (VIELHAUER, 2012, p. 216).

A impressão que a epístola aos Romanos provoca é que a sua composição seria um tratado. Não somente a sua doutrina está com estrutura exata e lógica, mas demonstra uma técnica apurada de composição que além de encaixar as subdivisões ramificadas umas nas outras também resumem as explanações e repetem pensamentos. A epístola é marcada por blocos coesos tendo conclusões de efeitos retóricos. (VIELHAUER, 2012). Essa ideia pode ser corroborada pelo fato que a epístola aos Romanos tenha sido, provavelmente, a última epístola escrita por Paulo. Outros objetivos poderiam estar presentes no escrito da epístola. Segundo Brown:

A interpretação mais satisfatória de Romanos combina elementos de diferentes propostas. De certa forma, a carta era um sumário do pensamento de Paulo redigido com um ar de irreversibilidade, pois ele condenava as ideias antes de ir a Jerusalém onde teria que defendê-las. [...] Além do mais, os cristãos romanos, se convencessem de que Paulo não era preconceituoso em relação ao judaísmo, poderiam ser intermediários junto aos seus ancestrais de Jerusalém, pavimentado o caminho para uma acolhida favorável de Paulo por parte das autoridades judaico-cristãs dali. Em diversas frentes, pois Romanos tinha a intenção de persuadir, e isso pode explicar o uso intenso do formato diatribe – um gênero usado pelos

filósofos greco-romano para defender teses e responder objeções. (BROWN, 2012, págs. 742-743).

As diferenças entre a epístola aos Romanos e as outras epístolas autênticas² de Paulo acabam sendo um fator que demonstra a singularidade desse escrito paulino.

1.1.2 O uso da retórica nos escritos paulinos

Observaremos nesse tópico alguns usos retóricos dos escritos paulinos.

Os escritos de Paulo diferenciavam-se de alguma maneira dos escritos do mundo antigo, pois as epístolas de Paulo eram maiores que as cartas do mundo antigo. Segundo Gundry (2005, p. 426): “Todavia as dimensões médias das epístolas de Paulo elevavam-se a cerca de 1300 palavras, variando desde 335 palavras, como em Filemom, até 7114 palavras, como no caso de Romanos.” Ainda segundo Gundry:

É obvio, portanto, que as epístolas de Paulo são várias vezes maiores que as cartas médias da Antiguidade, pelo menos também, em certo sentido, Paulo foi o inventor de uma forma literária – e nova não somente em sua extensão, visto que era maior que as cartas da época, mas em sua natureza teológica e geralmente na natureza comunitária dos destinatários -, algo como a antiga “epístola” literária que continha um ensaio político ou filosófico, ou algo semelhante. (GUNDRY, 2005, págs. 426-427).

Em relação aos escritos de Paulo no Novo Testamento, não há certeza se ele frequentou alguma escola que ensinasse a arte da retórica, mas o próprio Paulo demonstra, em seus escritos, conhecimento da técnica da retórica. Além disso Paulo utilizava diversos padrões em seus escritos epistolares.

Sobre a retórica das cartas paulinas, assim como as extensas cartas helenísticas, as cartas de Paulo não mostram um amontoado de palavras desconexas, mas percebe-se uma estrutura cuidadosamente escrita. Não há evidências se Paulo foi treinado no uso formal da retórica, mas percebe-se que Paulo tinha conhecimento no assunto da forma retórica. Mas Paulo não impõe um

² Vários autores como, Koester, Vielhauer e Boring defendem que as epístolas autênticas de Paulo são: Romanos, I e II Coríntios, Gálatas, Filipenses I Tessalonicenses e Filemom.

padrão de composição a si mesmo, como se acompanhasse um padrão rígido, pois no mundo helenístico havia diferentes padrões para tais correspondências e tais convenções influenciaram os escritos paulinos. (BORING, 2015). Os escritos que os primeiros cristãos desenvolveram para as próprias comunidades, não seguiam exatamente os padrões retóricos estabelecidos, mas propunham suas argumentações e ensinamentos usando da arte retórica.

Paulo como um escritor cristão, assim como outros escritores do cristianismo primitivo, raramente seguia com rigidez e exatidão o desenvolvimento dos padrões colocados pelas escolas retóricas, mas desenvolviam as retóricas de argumentação e composição, adotando uma estrutura por vezes fixa de introdução, narração histórica e colocações de provas e apelos, mostrando-se à vontade com tais convenções. (KOESTER, 2005). Paulo compunha as suas epístolas às comunidades destinatárias com o intuito de persuadir seus ouvintes em alguma questão, sem a preocupação de seguir o padrão rígido das escolas. Segundo Boring:

Essas convenções indubitavelmente tiveram um efeito sobre a estrutura e estilo das cartas paulinas, mas não se mostraram úteis para aplicar os critérios da escritura de carta à interpretação de documentos individuais, como se Paulo dissesse a si mesmo em cada caso: “Agora, vou escrever uma carta de defesa e seguir seu padrão específico...” (ou qualquer outro tipo). Do mesmo modo, uma vez que há pontos de contato entre a composição de uma carta de persuasão e o preparo de um bom discurso, as convenções podem, às vezes, ajudar a ver o que Paulo está fazendo e como ele está compondo uma carta específica ou a seção de uma carta. (BORING, 2015, p. 332).

O próprio Paulo compreendia que as suas palavras deveriam ser de entendimento do povo comum, no contexto utilizado por aqueles que não frequentaram as escolas filosóficas da época, portanto, a maioria da população que viviam dentro do contexto do Império Romano. As epístolas paulinas não podem ser consideradas obras de alto nível sob o ponto de vista “profissional” vigente na época, mas levando em conta a recontagem de suas palavras escritas e analisando o contexto em que se situavam a sua literatura, percebe-se que os escritos paulinos se encontravam no momento adequado e com as palavras certas, algo difícil de conseguir se utilizasse palavras difíceis ou raras. Mesmo Paulo não sendo um erudito, e não sendo um especialista na língua grega, Paulo entendendo a

linguagem grega, compreendeu o seu contexto cultural em sua essência. (BOSCH, 2002).

Paulo para comunicar aos seus destinatários, utilizava-se das técnicas da arte retórica disponíveis, das quais ele tinha conhecimento. Segundo Aguiar (2012, p. 161): “Paulo tem uma mensagem para dar aos ‘ouvintes’ e precisa convencê-los quanto à sua importância. A retórica era algo que estava à sua disposição, visto que ele recebera treinamento suficiente para utilizá-lo em seu favor.” Existiam grupos de exemplos retóricos e a *homologoumena*, ou seja, a literatura paulina reconhecida como escritos sagrados, são classificadas em três grupos de exemplos retóricos. Essas *homologoumena* são divididas em três grupos. As epístolas de I Tessalonicenses, I Coríntios, Filipenses e Filemom podem ser classificadas como exemplos de retórica deliberativa. As epístolas aos Gálatas e II Coríntios podem ser classificadas como exemplos de retórica forense ou apologética. A epístola aos Romanos pode ser classificada como exemplo de retórica epidíctica. (AGUIAR, 2021). Esses três exemplos serão citados no tópico posterior: O discurso retórico no mundo antigo.

Paulo sabia comunicar-se com os seus contemporâneos, pois conseguia ter um diálogo com os judeus, e também se comunicava com os demais que estavam inseridos na sociedade greco-romana. Eram diferentes indivíduos da sociedade que Paulo dialogava. (DUNN, 2003). Bosch descreve o lado positivo da retórica de Paulo em seus escritos:

- Uma palavra significativa. Sobretudo em autores antigos, muitas vezes é preciso passar páginas e páginas para chegar à próxima ideia. Com Paulo não tem esta impressão de estar afundado em barro mole, mas de estar pisando em rocha firme.
- Uma palavra clara, quente e penetrante. Não tanto, como dizíamos, o “período” ou a perícope inteira. Muito mais, se tomarmos as frases soltas: ali se percebe a paixão e a força da convicção. São frases que se “forjaram” com base em repetições contínuas e avaliando o efeito que produziam.
- Muitos momentos de autêntico lirismo e de autêntica habilidade (por não usar a palavra) retórica. São célebres Rm cap. 8, bem como I Cor 13 e 15. Mas encontramos muitíssimos exemplos mais. (BOSCH, 2002, p. 48).

O gênero que mais se aproxima das epístolas de Paulo, está nos escritos de Diógenes e dos filósofos conhecidos como “cínicos”. Percebem-se três pontos em

paralelo com a literatura paulina: o conteúdo “filosófico”; o destinatário coletivo; e o uso frequente do paradoxo e da ironia. (BOSCH, 2002). Paulo utilizou-se, em suas epístolas, das técnicas de comunicação utilizadas pelos filósofos e pelas diversas escolas filosóficas da época greco-romana. O conteúdo dessas comunicações ou discursos, atendia as necessidades que tais comunidades cristãs tinham em seus respectivos contextos.

Como suas epístolas não eram comunicações particulares, mas tinham como objetivo a leitura pública dos escritos nas comunidades cristãs primitivas, Paulo recorreu com naturalidade e devido as necessidades do contexto, das técnicas de persuasão já utilizadas em ambientes deliberativos. Paulo utiliza do estilo da diatribe estoico-cínica em sua epístola aos Romanos, sendo uma técnica de adaptação das retóricas praticadas nas escolas de filosofia com o objetivo de refutar ou suscitar possíveis objeções dos alunos ou adversários. A utilização de Paulo, dos recursos da retórica persuasiva, como a diatribe, reflete as suas práticas de professor, missionário e pregador. (KOESTER, 2005). Outro exemplo da oratória deliberativa é a defesa que Paulo faz da futura esperança da ressurreição do corpo no escrito de I Coríntios 15³:

- Paulo inicia com uma transição breve introdutória – versículos 1-2;
- Realiza uma narração histórica do resumo da crença levando para a ressurreição de Jesus – versículos 3-7;
- Demonstra a própria experiência com o Jesus ressuscitado – versículos 8-11;
- Relaciona um grupo de provas para refutar as ideias dos oponentes – versículos 12-19, 35-44;
- Corrobora com a sua posição citando analogias e exemplos – versículos 20-34, 44-57;
- Termina o seu argumento com exortação-síntese – versículo 58.

Os escritos de Paulo tratavam de situações concretas, de dificuldades que existiam em seus respectivos destinatários, como problemas doutrinários, pelas quais Paulo considerava necessário intervir de longe. Segundo Carneiro (2019, p. 100): “No caso do apóstolo Paulo, o objetivo delas era orientar as igrejas pelas quais ele já

³ Exemplo tirada da citação de Koester, 2005, p.79; de sua obra Introdução ao Novo Testamento, volume 2

havia passado, e que tinham problemas em diferentes áreas.”. Mesmo que as epístolas paulinas divergem das correspondências do mundo antigo, especificamente do período greco-romano, percebemos a utilização ampla dos recursos retóricos.

Naturalmente, as cartas de Paulo são bem mais longas e complexas que a maioria das cartas privadas que nos chegaram em papiro. Elas desenvolvem temas teológicos e éticos, e, pelo próprio fim polêmico e apologético, servem-se amplamente dos recursos retóricos. (MORESCHINI; NORELLI, 1996, p. 34).

Em se tratando das epístolas de Paulo, podemos supor que quase todas as epístolas, ou a totalidade delas envolveu bastante trabalho, tempo e despesas, pois escrever esse tipo de literatura não era algo comum. A epístola de Romanos, que é o texto mais longo escrito por Paulo, provavelmente exigiu diversos dias de trabalho de um escriba profissional em tempo integral, além dos materiais usados. (BORING, 2015).

Uma das particularidades dos escritos paulinos é relacionado com o objetivo doutrinário porque Paulo procura esclarecer as questões atuais das comunidades cristãs pelas quais destina suas epístolas, usando textos como autoridade. Percebemos o emprego do termo “a Escritura” em suas principais epístolas. Ele cita o Antigo Testamento usando a versão da LXX com citações avulsas e citações combinadas, realizando as vezes extensas demonstrações, sendo que a metodologia é determinada pela exegese judaica. (VIELHAUER, 2012). Além das citações das escrituras judaicas, Paulo utilizava-se de citações de filósofos gregos. Ainda, segundo Vielhauer:

[...] Paulo não cultivava uma retórica artística, e tinha pouca formação nessa área. As figuras retóricas, as imagens ou citações de poetas (I Cor 15,33) e adágios que usa, ele, como judeu da diáspora, as pôde ouvir na rua de filósofos populares; essas coisas também haviam penetrado presumivelmente na sinagoga grega; nisso não se revela ambições literárias. (VIELHAUER, 2012, p. 98).

Como exemplo do uso retórico por Paulo temos a epístola aos Gálatas. A questão, que Paulo trata na epístola aos Gálatas, é sobre os judaizantes, que não somente seguiam essa linha errônea, mas também abandonavam aquilo que Paulo

lhes havia ensinado. O texto de Gálatas 4,12-20, Paulo apresenta seu argumento, depois de ter contado, na própria epístola a história de repreensão que teve com Pedro, e de, posteriormente, trazer o argumento citando o personagem Abraão em contraponto com a Lei.

O apóstolo procura reconduzir a comunidade cristã da Galácia, a posição anterior, posição essa, que a própria comunidade cristã o havia recebido, segundo Gálatas 4,14 (BJ): “E vós não mostrastes desprezo, nem desgosto, em face da vossa provação na minha carne; pelo contrário me recebestes como Anjo de Deus, como Cristo Jesus.”. Paulo argumenta usando a reciprocidade que aquela comunidade teve com ele; Paulo procura mostrar que a comunidade em nada agiu com injustiça para com ele, assim como Paulo não estava agindo injustamente para com a comunidade, segundo o versículo 12 (BJ): “Suplico-vos, irmãos, que vos torneis como eu, pois eu também me tornei como vós. Em nada me ofendeste.”. Mesmo Paulo sendo severo no discurso aos Gálatas, ele reconhece o cuidado e amor daquela comunidade para com ele e suas necessidades, segundo versículo 15 (BJ): “[...] pois vos testemunho que, se fosse possível, teríeis arrancado os olhos para dá-los a mim.”. Paulo faz uma comparação entre ele a comunidade com a mãe e os filhos que gerou com dores de parto, segundo o versículo 19 (BJ): “meus filhos, por quem sofro de novo as dores do parto, até que Cristo seja formado em vós.”. (FERREIRA, 2011). Ainda de acordo com Ferreira:

A epístola inteira é uma peça retórica que busca, por um lado, restabelecer a confiança que parece ter sido perdida entre enunciador e enunciatários e, por outro lado, fazer revigorar as premissas do acordo que foram abaladas pelas incertezas que surgiram a partir de novos valores divergentes, sem o que todo esforço anteriormente dispensado na evangelização sofreria malogro. Considerando que cinco dos seis capítulos foram dedicados a essas causas (e que portanto receberam grande presença), é possível perceber o grau de importância atribuída ao assunto. (FERREIRA, 2011, p. 282).

Outros exemplos do uso retórico por Paulo, as citações nas duas epístolas destinadas a comunidade cristã da cidade de Corinto.

Nas duas cartas dirigidas à Igreja de Corinto, Paulo investe no uso dos exemplos históricos e testemunhais como força persuasiva no discurso, com vistas aos ensinamentos, admoestações e reflexões.

Sendo assim, os exemplos comparecem no discurso com determinadas finalidades para as quais cada um se destina. (SANTOS, 2016, p. 117).

Na epístola de I Coríntios 10,1-11, Paulo usa um fato histórico para apresentar uma analogia com o presente da comunidade cristã de Corinto. Paulo cita a jornada do povo hebreu pelo deserto, durante 40 anos, com destino a Terra Prometida, e através dessa história Paulo demonstra os perigos que a desobediência pode acarretar. (Santos, 2016). Ainda, segundo Santos (2016, p. 117): “Em conjunto com essa memória histórica, básica para o raciocínio indutivo, surge o entimema como raciocínio dedutivo, resultante da aplicação da alegoria adotada.”. A história usada por Paulo, da narrativa das experiências no deserto pelo povo hebreu, é também usada no Salmo 78, em um princípio de alegoria. E também foi utilizado por Filon de Alexandria, em um método alegórico amplamente usado. (SANTOS, 2016). Paulo procura persuadir os seus destinatários, utilizando-se da alegoria, para um melhor entendimento de seus leitores, sendo que em Corinto, uma cidade grega, era provável que seus habitantes tinham conhecimento dos recursos retóricos.

Na enunciação desse exemplo, Paulo segue uma sequência lógica. Primeiro, coloca em cena um fato histórico dos antepassados, construindo conjuntamente uma alegoria com as imagens do mar, do maná e da água, que implicitamente podem também ser remetidas às experiências da Igreja de Corinto, com relação ao batismo e à celebração da Ceia. (SANTOS, 2016, p. 120).

Em I Coríntios 10,5 (BJ), há uma construção retórica: “Apesar disso, a maioria deles não agradou a Deus, pois caíram mortos no deserto.”. Paulo apresenta esse raciocínio dedutivo para introduzir o argumento que servirá para admoestar e ensinar aos seus destinatários, de acordo com o versículo 6 (BJ), na sequência: “Ora esses fatos aconteceram para nos servir de exemplo, a fim de que não cobicemos coisas más, como eles cobiçaram.”. (SANTOS, 2016). Paulo utiliza-se de métodos retóricos e também alegóricos, que filósofos e escolas da época utilizavam, para instruir a comunidade cristã de Corinto e convencê-la a corrigir-se dos erros cometidos.

Na epístola de II Coríntios, Paulo expõe os seus sentimentos em quase toda a sua obra destinada aquela comunidade. Em II Coríntios 4,7-16, Paulo, diante das acusações de seus adversários, defende-se a si mesmo e as seus companheiros de

trabalho. Em sintonia com os textos do Antigo Testamento, ele utiliza da metáfora “vasos de argila”, no versículo 7, demonstrando aquilo que os profetas mostraram de Deus como o oleiro e o ser humano como pó da terra, e do pó vem a argila, demonstrando a fragilidade do ser humano. Com essa perspectiva, Paulo afirma a vulnerabilidade do ser humano em contraposição ao poder de Deus, uma concepção divina que não poderia ser ignorada, pois apresenta Deus como soberano sobre o mundo e contrapõem o pensamento estoico de um Deus imanente. (SANTOS, 2016). Lembrando que Paulo parte da afirmação do versículo 7 (BJ): “Trazemos, porém, esse tesouro em vasos de argila, para que esse incomparável poder seja de Deus e não de nós.” Ainda segundo Santos (2016, p. 121): “[...] Paulo, valendo-se do gênero epistolar, também expõe sua subjetividade, usando exemplo pessoal como forma de alcançar seus destinatários.”.

Na epístola aos Romanos, Paulo se utiliza de uma expressão (*διὰ τοῦτο*) que estabelece relações de causas e consequências. Percebemos essa relação nos textos de 1,26; 4,16; 5,12; 13,6; e 15,9. A preposição *διὰ*, é associada por Paulo com o pronome demonstrativo neutro, no acusativo *τοῦτο*, que marcam um movimento de um lado ao outro, compreendendo a ideia causal de “passando por isso”, “por meio disso” ou “por causa disso”. A expressão é ligada a um pensamento persuasivo, que Paulo procura impor o seu raciocínio aos seus destinatários. (FERREIRA, 2011).

Em Romanos 2,1-16, Paulo procura demonstrar a moralidade arruinada do ser humano, demonstrando que os judeus e os não judeus estão no mesmo nível de situação. Aquele que julga, ou seja, o judeu, acaba por condenar a si mesmo pois ele pratica as mesmas atitudes daquele que é julgado, ou seja, o não judeu. Paulo coloca em evidência as diferenças entre o ethos discursivo, aquele que é imanente e projetivo, com o ethos efetivo, aquele que é real. (FERREIRA, 2011). Ainda, segundo Ferreira:

A técnica utilizada por Paulo é a ruptura. [...]. Na argumentação paulina, a assimetria entre o ato discursivo e o ato efetivo valoram negativamente o orador, pois o discurso (admitido como falso ou verdadeiro), vinculado a quem diz, manifesta características da pessoa, que é o contexto para a apreciação do sentido e do alcance dito. (FERREIRA, 2011, p. 398).

No trecho de 4,10, Paulo procura chamar a atenção de seus destinatários, utilizando-se de uma pergunta que seus destinatários já saberiam a resposta. Paulo emprega o recurso da interrogação para chamar a atenção de seu público, e a resposta já seria conhecida e não seria uma questão de dúvida ou desconhecimento dos destinatários. Seria uma figura de presença com o objetivo de atingir a sensibilidade e consciência dos destinatários, colocando em evidência o objeto do discurso. (FERREIRA, 2011). Ainda, segundo Ferreira:

Mas ele vai mais além. Embora a resposta fosse bem conhecida, facilmente depreendida pelo auditório competente, ele não a deixou subentendida. Paulo a expôs com força incisiva, agindo abertamente sobre seus ouvintes/leitores, usando-a como argumento que tanto ratifica a autoridade das Escrituras [...]. (FERREIRA, 2011, p. 427).

No prosseguimento do trecho em 4,13-14 (BJ): “De fato, não mediante a Lei que se fez promessa a Abraão, ou à sua descendência, de ser o herdeiro do mundo, mas por meio da justiça da fé. Porque, se os herdeiros fossem os da Lei, a fé ficaria esvaziada e a promessa sem efeito.”. Paulo procura argumentar com opiniões plausíveis, utilizando de forma reduzida o que ele procurou demonstrar em Gálatas 3,15-29. Ele utiliza de silogismo retórico, sendo as suas opiniões fundadas na plausibilidade e o seu argumento em um significado de implicação que vem do raciocínio quase lógico da transitividade, estabelecendo um relacionamento de consequência lógica. (FERREIRA, 2011). Ainda, segundo Ferreira:

A ação de identificação da premissa maior, preservada pela contestação por sua não enunciação, fica por conta do auditório. Esse trabalho ativo de inferência atua diretamente sobre a razão e a paixão, fazendo com que a conclusão porte força de convencimento. A anulação da fé a que se chega a conclusão exige “refazer o caminho lógico” e negar a viabilidade da premissa menor, pois a promessa nunca será cumprida se isso depender da capacidade humana de obedecer às exigências da lei. Com isso, Paulo dissocia noções que haviam sido indevidamente ligadas pelos judaizantes. (FERREIRA, 2011, p. 431).

No trecho de 6,8-11, Paulo procura desenvolver o seu pensamento, se utilizando de conceitos conhecidos por seus destinatários, que eles pudessem compreender, de maneira clara os conceitos propostos por ele. Percebemos o argumento de Paulo no versículo 8 (BJ): “Mas se morrermos com Cristo, temos fé

que também viveremos com ele, sabendo que Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, já não morre, a morte não tem domínio sobre ele.” Ele apresenta um argumento dedutivo simples, e a sua conclusão não ultrapassa as premissas propostas. Através desse argumento, a conclusão dos versículos 9 ao 11, tornam explícitas os conceitos nas próprias premissas anteriores, fazendo com isso uma construção analógica. (FERREIRA, 2011).

Através desses poucos exemplos que citamos anteriormente, percebemos o uso que Paulo fazia da arte retórica em seus escritos, arte essa que era utilizada no contexto da sociedade greco-romano. Poderíamos citar diversos outros exemplos do uso retórico presente em todas as epístolas paulinas e também em outros textos da literatura do Novo Testamento, mas a atual pesquisa não tem esse objetivo. Mas queremos demonstrar com esses exemplos a importância do estudo do pensamento retórico, como mais uma ferramenta dos mais variados estudos, para uma melhor compreensão da literatura do Novo Testamento.

Nas epístolas paulinas há elementos rigorosamente retóricos, principalmente no caráter de diálogo de muitas passagens com palavras que são dirigidas a um interlocutor imaginário, repreensões a um adversário também imaginário e diversas perguntas retóricas. Percebemos nos escritos de Paulo a rima com efeitos sonoros, trocadilhos, preposições que são trocadas, mas que conserva o mesmo sentido, diversos paralelismos, antíteses, quiasmos, ritmo e alguns esquemas de disposição do tipo a-b-a. A observação desses diversos elementos da retórica é importante para compreender os escritos paulinos. (VIELHAUER, 2012).

1.2 O Escrito da Epístola aos Hebreus

Trataremos nesse tópico sobre algumas características da epístola aos Hebreus. Além de rapidamente falar da discussão sobre a autoria paulina no escrito, abordaremos também a linguagem da epístola.

Um dos mistérios da literatura bíblica é a autoria da epístola aos Hebreus. Sendo o autor dessa epístola considerado um grande teólogo do movimento cristão primitivo. Segundo Malheiros (2017, p. 72), “O misterioso autor de Hebreus é considerado um dos três grandes teólogos do Novo Testamento (juntamente com Paulo e o autor do quarto evangelho).”.

O debate sobre a autoria da epístola aos Hebreus estabeleceu-se no início da igreja cristã, tendo diminuído entre os séculos V e XV, depois renascendo no século XVI, durante o período da Reforma, perdurando até os dias atuais. (MALHEIROS, 2017).

A epístola aos Hebreus, tem como incerta, por muitos críticos, o autor, pelo fato de o escritor da obra não revelar o seu nome. A própria tradição do cristianismo manifestou a incerteza de sua autoria. Várias conjecturas foram feitas para a autoria da epístola aos Hebreus. Uma das discussões que tem sido colocada em pauta é se a epístola aos Hebreus seria de autoria paulina.

1.2.1 A autoria paulina de Hebreus

A suposição mais antiga da Igreja é que o autor seria o próprio Paulo, sendo testificado por Clemente de Alexandria que defendia que Lucas seria o tradutor do hebraico para o grego. Orígenes defendia a autoria paulina, mas quem escreveu para o grego teria sido Clemente Romano. (VIELHAUER, 2012).

Percebemos que o pensamento antigo da Igreja após a época do cristianismo primitivo, foram de indicações que alguns pais da Igreja fizeram, sendo que a autoria de Hebreus era associada a Paulo. A epístola aos Hebreus foi associada a literatura paulina pelo fato de o antigo texto de Hebreus estar inserido no Papiro Chester Beatty II (P⁴⁶), datado de 175-225 d.C., e são atribuídas epístolas da autoria de Paulo. (MALHEIROS, 2017).

A discussão da autoria da epístola aos Hebreus foi motivo de diversas conjecturas, mesmo após os primeiros anos do cristianismo. Ainda, segundo Laubach (2000, p. 8) “As igrejas cristãs do oriente e, após o ano 419 também as do ocidente, atribuíram a autoria ao apóstolo Paulo. A Igreja Católica Romana persistiu nesta tese até a primeira metade do século XX [...]”.

No período pós-reforma alguns críticos expuseram suas ideias sobre a autoria. No século XVIII, Charles Forster, defendeu com detalhes a autoria paulina de Hebreus, realizando um exame profundo da evidência interna. Uma das mais importantes defesas sobre a autoria paulina foi de William Leonard, em 1939, apresentando grande quantidade de evidências para sustentar a sua opinião. Outro autor que defendeu a autoria paulina foi Moses Stuart. Sendo que as teorias desses

autores, citados acima, tornaram-se os mais importantes estudos sobre a autoria paulina da epístola aos Hebreus. (MALHEIROS, 2017).

O capítulo 13, costumeiramente aumenta as conjecturas da autoria paulina, levando os críticos da não autoria de Paulo a supor algumas hipóteses. Segundo Malheiros, (2017, p. 76): “Vários estudiosos até desafiam a integridade do estranho capítulo 13 de Hebreus (especialmente os versículos 22-25), que eles supõem terem sido anexados apenas para sugerir autoria paulina aos leitores.” O final desse capítulo é um trecho que faz alusão a autoria de Paulo, e alguns críticos apresentam essas possibilidades, porque os versículos 23 e 24, acabam apresentando alguns detalhes que concedem a possibilidade da autoria paulina.

Paulo pode ser um autor aludido da epístola aos Hebreus, mesmo não apresentado as características iniciais da literatura paulina, como a saudação, mas apresenta dados que podem apontar ou então aludir a um autor, como no caso do capítulo 13, versículo 23 (BJ), que cita a libertação de Timóteo, e diz: “Se vier logo, irei ver-vos juntamente com ele”, mostrando da sua autoridade para com Timóteo, aludindo pensamento a Paulo. A saudação dos da Itália, no mesmo capítulo, versículo 24, supõe que o autor poderia estar na cidade de Roma; e Paulo esteve presente na cidade como prisioneiro. (BOSCH, 2002). Além da alusão feita por alguns estudiosos sobre a autoria e Paulo na epístola aos Hebreus, em períodos recentes, outros pesquisadores têm defendido a autoria paulina da mesma.

Warren W. Wiersbe defendeu a autoria paulina, fazendo uma comparação entre Hebreus 13.23 e I Coríntios 4.17 e a possível correspondência entre Gálatas 3.11 e Hebreus 10.38, pela frase “o justo viverá pela fé”. Eta Linnemann demonstrou o exagero contra a autoria paulina e avaliou algumas evidências a favor da autoria de Paulo, como: a similaridade léxica, estilística e literária entre as epístolas de Paulo e a epístola aos Hebreus; a documentação de Hebreus em manuscritos antigos; a aceitação de Hebreus no cânon era pelo reconhecimento da autoria de Paulo; e a evidência patrística. O autor faz uma crítica aos estudiosos que apontam um grego inferior de Paulo, se comparado com o grego de Hebreus, sendo que Linnemann aponta similaridades, principalmente com Romanos. Também é encontrado em Hebreus, figuras de linguagem correspondente nas cartas paulinas. Sobre o anonimato, foi uma questão de necessidade de Paulo, sendo que outros

autores apontados como possíveis autores de Hebreus, não teriam a necessidade do anonimato. (MALHEIROS, 2017).

Christos Sp. Voulgaris argumentou em 1999 a favor da autoria paulina, identificando conexões de Hb 13,23, Fp 2,19-24 e Fm 22. Ele sugere que Hebreus foi escrito para cristãos em Jerusalém após a morte de Tiago, com o objetivo de animá-los diante de uma perseguição renovada. Hebreus teria sido escrito alguns anos antes do início da Guerra Judaica no ano de 66 d.C. Voulgaris acredita, baseado em Hb 13,23, que Paulo enviou Timóteo numa missão anônima, sem mencionar sua intenção nem seu destino por questões de segurança. [...]. Para Voulgaris, todas as cartas que Paulo escreveu da prisão, inclusive Hebreus, foram escritas em Roma durante sua prisão domiciliar em 60-62 d.C. Paulo então escreve Hebreus para a igreja de Jerusalém para fortalecê-los na fé e melhorar sua relação com esses cristãos zelosos da lei.”. (MALHEIROS, 2017, p. 77).

Outro autor que favoreceu a autoria paulina é David Alan Black que apresentou o melhor argumento, se baseando na consideração dos pais da igreja e reapresentando as evidências de William Leonard, acrescentando argumentos teológicos e destacando vocabulário similar entre a epístola aos Hebreus e as epístolas de Paulo; o autor, afirma que a evidência negligenciada, a evidência externa, é a evidência probatória. Os autores Jennifer L. Koosed e Robert P. Seesengood defenderam a autoria paulina da epístola aos Hebreus combinando abordagens recentes como a crítica reader-response, a história das recepções de textos, a intertextualidade e a crítica cultural; sendo que Hebreus foi aceito por causa de sua autoria paulina e que a aceitação do anonimato foi uma necessidade do meio acadêmico na era moderna/pós-moderna. (MALHEIROS, 2017).

Além das pesquisas, algumas análises feitas sobre a questão da autoria de Hebreus, apresentaram resultados divergentes. A questão da autoria de Paulo chegou a ser submetida a análises estatísticas computacionais, sendo que dois testes mostraram semelhança aos escritos paulinos e outro teste mostrou a improbabilidade de autoria paulina, sendo semelhante aos prováveis escritos de Barnabé. (MALHEIROS, 2017). Outro pensamento é a suposição da aproximação do autor aos Hebreus com Paulo, tendo sido influenciado por este, na composição da epístola. Poderia ser alguém que não fazia parte do círculo próximo de Paulo, mas que teve um contato considerável com os seus pensamentos.

O autor da epístola, têm um substancial contato com a tradição de Paulo, tanto que a princípio foi concebida dentro da tradição paulina. O autor e os seus destinatários provavelmente pertenciam às comunidades em que as cartas de Paulo eram lidas, mas não significa que a epístola aos Hebreus pertencia a uma tradição da escola paulina, como as epístolas de Efésios, Colossenses e as pastorais. O autor da epístola aos Hebreus possa ter sido influenciado por Paulo, mas não foi seu discípulo. Representaria um autor do final do primeiro século que incorporou as tradições paulinas com outras tradições de seu tempo, interpretando de maneira criativas e independente. (BORING, 2015).

Martinho Lutero, no período da Reforma, e Adolf Von Harnack, no século 20, deram suas opiniões sobre os possíveis autores de Hebreus, que apontaram a autoria da epístola para personagens próximos ao círculo de Paulo. Lutero defendia que a epístola aos Hebreus teve como autor Apolo, sendo este instruído por Priscila e Áquila, assim tendo uma certa familiaridade com Paulo; outro provável autor seria Silas ou Silvano, sendo este companheiro de Paulo, explicando a semelhança com sua teologia; por sua vez, Harnack defende, uma outra personagem próxima de Paulo, Priscila, sendo a possível autora da epístola aos Hebreus, o que também explicaria o anonimato, pois autoras femininas não seriam aceitas pelo público. (GUNDRY, 2008). Percebemos um número expressivo de estudiosos da história do cristianismo que defenderam a autoria paulina da epístola aos Hebreus.

1.2.2 A autoria não paulina de Hebreus

Durante todo o período da história cristã, a autoria de Hebreus, têm sido baseadas em diversas hipóteses, algumas das quais defendem a não autoria paulina da epístola aos Hebreus, mas percebemos que nenhuma delas têm sido precisamente conclusivas. Alguns estudiosos tanto da interpretação protestante como da interpretação católica, têm concordado que a epístola não foi escrita por Paulo, mesmo possuindo certas ressonâncias teológicas e formais com os escritos paulinos. (SHREINER E DAUTZENBERGER, 2004). Há um certo cuidado da crítica literária, pelo motivo de diversas especulações sobre a autoria da epístola aos Hebreus.

Apesar das informações que Hebreus fornece sobre o Autor, as tentativas de identificar as circunstâncias históricas específicas esbarram em um bom número de conjecturas e especulações, por isso, os pesquisadores geralmente são cautelosos diante das afirmações categóricas sobre a autoria. Exceto quando essa afirmação categórica é: Paulo não escreveu Hebreus. (MALHEIROS, 2017, p. 72).

João Calvino, importante influência na pós-reforma, defendeu a autoria da epístola aos Hebreus como sendo de Clemente Romano (LAUBACH, 2000). A hipótese da pseudoepígrafe de Hebreus, que seria escrito por um autor desconhecido, mas a autoria era apresentada em nome de alguém que tivesse autoridade, também é defendida por alguns críticos. Segundo Malheiros (2017, p. 74): “Há também a hipótese de que Hebreus seja um pseudoepígrafo, escrito por um autor desconhecido, que propositalmente alegou autoria paulina para acrescentar Hebreus ao corpo conhecido de escritos paulinos.”.

Pesquisas foram realizadas, apresentando a não autoria paulina, e alguns críticos aceitaram a possibilidade de um autor anônimo para Hebreus. Uma análise linguística, nos anos 1990, concluiu a impossibilidade de Paulo ser o autor de Hebreus; sendo que diversos autores afirmaram o abandono da ideia da autoria paulina. Alguns estudiosos sugeriram que a epístola aos Hebreus foi escrita por um dos alunos de Paulo, mas Paulo não é o autor da epístola. Barnabas Lindars (1991) afirmou que Hebreus foi atribuída a Paulo para obter a aceitação no cânon do Novo Testamento. A interpretação filônica/platônica procurou ver pouca ou nenhuma conexão entre Hebreus e Paulo. Os estudiosos estão aceitando que a autoria de Hebreus é anônima sendo até classificada de deuterocanônica. (MALHEIROS, 2017).

Ainda sobre a negativa da autoria paulina na epístola aos Hebreus, segundo Vanhoye (1983, p. 8): “[...] Hebreus revela uma personalidade diferente.” O autor aos Hebreus demonstra um estilo tranquilo e bem cuidadoso, enquanto que Paulo possui um estilo impetuoso e irregular; o autor aos Hebreus prefere as transições bem suaves, mas Paulo das oposições bem marcadas; o autor aos Hebreus desaparece por trás do seu escrito, enquanto que Paulo frequentemente coloca-se a frente das suas; o autor aos Hebreus não tem a pretensão de ser apóstolo (Hb 2,3), enquanto que Paulo afirmava a sua autoridade apostólica (Gl 1,1 e 12; II Cor 11); o autor de Hebreus procura utilizar de fórmulas originais para preparar o nome de Jesus (Hb

2,9; 3,1; 4,14; 6,20; 7,22; 12,2 e 24), Paulo, no entanto, utiliza os seguintes termos “em Cristo”, “Cristo Jesus”, “Jesus Cristo nosso Senhor” e “Nosso Senhor Jesus Cristo”; o autor aos Hebreus ao citar o Antigo Testamento não utiliza de expressões, usando simplesmente o verbo “dizer”, mas Paulo ao citar o Antigo Testamento utiliza as expressões “está escrito” e “as Escrituras”; o autor aos Hebreus constantemente cita em sua epístola os termos “sacerdote”, “sumo sacerdote” e “sacerdócio”, enquanto que Paulo não faz tais citações de termos. Essas diferenciações descritas valeriam para os textos de Hebreus 1,1 – 13,21, mas não seriam válidas para o trecho de Hebreus 13,19; 22-25, trechos últimos que poderiam ser um bilhete de Paulo. (VANHOYE, 1983).

Há conjecturas sobre o autor da epístola, na suposição do próprio estilo literário composto em Hebreus, ou seja, a maneira como foi escrita a epístola para os seus destinatários. Essas conjecturas apontariam para Apolo. Sobre a autoria ser de Apolo, pelo fato desse personagem citado em Atos e I Coríntios ser originário de Alexandria, assim como Fílon, demonstrava conhecimento na interpretação das escrituras e na arte da oratória. Mas a ideia é insuficiente para estabelecer se Apolo foi o autor aos Hebreus e teve influências de Fílon. (MARGUERAT, 2009).

Segundo Vielhauer (2012, p. 280): “Do ponto de vista da história da teologia, o autor de Hebreus não é discípulo de Paulo, mas um teólogo que tem afinidades com Paulo em sua concepção fundamental.” Percebemos nas citações dos que defendem a não autoria de Paulo e dos que defendem a autoria paulina da epístola aos Hebreus, que alguns trechos do capítulo 13 levantam diversas dúvidas e questões da autoria paulina, podemos conjecturar que talvez é onde essa dúvida da autoria da epístola ganharia mais força.

Sabemos do domínio que o autor (ou autora) de Hebreus tinha da língua grega pois ele desenvolve sua epístola em excelente grego. Era um provável judeu de fala grega pelo fato de citar em seu escrito a Septuaginta (LXX), e ter entendimento na leitura alegórica do Antigo Testamento bíblico, praticado entre os judeus helênicos por influências de escolas filosóficas gregas como as estoicas e neoplatônicas.

1.2.3 A linguagem de Hebreus

A epístola aos Hebreus é composta por 4.942 palavras, apresentando um vocabulário com 1038 palavras diversas; sem contar os nomes próprios apresenta 166 hápax, sendo palavras que aparecem uma única vez no Novo Testamento. Em relação à literatura paulina são 424 palavras que não aparecem nas epístolas autenticamente paulinas. Em outra comparação com a epístolas de Paulo, pegando como exemplo a epístola aos II Coríntios que é composta com 4.448 palavras e um vocabulário com 792 palavras diversas, tendo uma proporção de $(4.448/792)$ 5,62, enquanto a epístola aos Hebreus apresenta uma proporção inferior de $(4.942/1038)$ 4,76, mesmo sendo mais extensa que a epístola aos II Coríntios, provavelmente porque apresenta mais a acumulação de sinônimos. (BOSCH, 2002).

Em relação ao número de hápax, em comparação com a epístola aos Romanos:

Observe-se que a Carta aos Romanos, com um número semelhante de palavras diversas (1068) tem 127 hápax do Novo Testamento e 377 hápax paulinos (palavras que não aparecem nas outras seis cartas autenticamente paulinas). Quanto aos hápax do Novo Testamento, existe um dado significativo: 44 deles faltam na versão dos Setenta e só 7 na literatura grega profana: ou seja, dá-se um passo para a linguagem ática, mas sem se separar da versão dos Setenta. O maior aticismo da Carta aos Hebreus é devido, pois, à construção das frases mais que às palavras empregadas. (BOSCH, 2002, p. 429).

A epístola aos Hebreus apresenta alguns termos estranhos à área da literatura paulina⁴: sumo sacerdote - *arkhiereus* (17 vezes); dom - *dôron* (5 vezes); dizer - *eiren* (6 vezes); sacerdote - *iereus* (14 vezes); descanso - *katapausis* (8 vezes); preparar - *kataskewazein* (6 vezes); Melquisedec - *Melkhisedek* (8 vezes); participe - *metokhos* (5 vezes); de onde se segue - *othen* (6 vezes); jurar - *omnyeîn* (7 vezes); aproximar-se - *proserkhesthai* (7 vezes); oferecer - *prosfereîn* (20 vezes); tenda - *skênê* (10 vezes).

Em relação a posição histórico-religiosa, com utilização das epístolas, dos escritos do Antigo Testamento e em seu argumento possuindo uma exegese erudita, Hebreus encontra-se na tradição das sinagogas helenistas e de Filo, com escolasticismo cristão-judaico, sendo sua sede na cidade de Alexandria, mas presente em outras cidades. Pertencente a essa tradição se encontra a epístola de I

⁴ Termos tirados da citação de Bosch, p. 429

Clemente. Mas a epístola de Hebreus demonstra mais afinidade com Filo de Alexandria. Afinidade essa com as tradições e especulações mitológicas. Sendo essas tradições e especulações de natureza gnóstica. Há dúvidas sobre a afinidade de Hebreus com os textos de Qumran, mesmos com as descobertas dos fragmentos que falam sobre Melquisedeque. (VIELHAUER, 2012).

Ainda, segundo Vielhauer, (2012, p. 279): “Os estudos mais recentes mostram em todo caso que, do ponto de vista histórico-comparativo das religiões, Hebreus se encontra num complexo sistema de referências e que alternativas simplórias não bastam.” Os estudos realizados na epístola aos Hebreus, com o passar do tempo, acabaram se tornando limitadores de algumas características que poderiam ser destacadas em Hebreus.

A progressiva evolução histórica do estudo da forma literária da Epístola aos Hebreus, com suas infinitas repartições, fez perder de vista a sua unidade retórica. Os exegetas da epístola preferiram destacar as características que acentuavam o estilo retórico do autor. Por exemplo, o uso da linguagem: a ausência de referências ao ato de escrever e a presença de termos próprios do ato de falar; o uso de pronomes típicos de quem fala a um auditório, tais como: “nós”, “vós” e “eu”; e a existência de modelos homiléticos em voga na sinagoga judaica que poderiam fornecer recursos retóricos para a sua composição. (SANCHES, 2009, p. 135).

O uso das metáforas, imagens que revelam um amplo universo de experiências; a construção de frases que provocariam um imediato impacto nos ouvintes com a utilização do vocabulário grego e dos recursos gramaticais; a utilização dos verbos introdutórios que poderiam ser classificados como um exórdio a obra; a identificação como uma homilia sinagoga pela apresentação de uma literatura de exortação; a alternância usada pelo autor entre as seções exortativas e doutrinárias; o fenômeno da Divindade que fala, pela qual a linguagem da epístola aos Hebreus é a comunicação de um Deus que fala aos seres humanos. Todos esses pontos fazem da epístola aos Hebreus a apresentação retórica da fala da Divindade, e sua comunicação antiga para o momento atual. (SANCHES, 2009).

Ainda sobre as características de tradição e posição, as questões de ser um escrito de Paulo ou não, ou pertencer a escola paulina ou não, também tem os seus destaques, principalmente na característica em relação aos pensamentos doutrinários.

Na questão histórico-teológico é difícil estabelecer uma posição temporal. Em relação aos escritos cristãos primitivos (não paulinos), inserindo nesses escritos os pais apostólicos e alguns pais da Igreja, a epístola aos Hebreus apresenta algumas diferenças. Mas possui pontos de vista comuns com o corpus paulino, mas são pontos que não são especificamente de Paulo, e a epístola aos Hebreus não demonstra dependência dos escritos paulinos e não demonstra que a sua teologia é uma continuação da teologia de Paulo. Mas a ligação da epístola aos Hebreus com as cartas paulinas é a Cristologia, a doutrina ou o estudo da pessoa de Cristo, principalmente na ideia da morte de Jesus Cristo como expiatória, sendo esta considerada um evento salvífico; nos escritos paulinos há o desenvolvimento da fé cristã como uma doutrina da justificação e na epístola aos Hebreus é elaborada como a doutrina do auto sacrifício de Jesus Cristo como o Sumo Sacerdote. Outro ponto que une a epístola aos Hebreus com os escritos paulinos é a concepção de teologia da Palavra em que o evento salvífico se torna presente. (VIELHAUER, 2012). A aproximação com a obra de Fílon, que tem como característica a alegoria também é destacada por alguns autores, pois o autor da epístola aos Hebreus é tido como um enigma para as pesquisas literárias e históricas.

O desenvolvimento do gênero da argumentação é semelhante as leituras alegóricas de exegetas judeus helenizados, como por exemplo Fílon. Por essa aproximação com as leituras alegóricas, há a hipótese da epístola aos Hebreus tratar-se de um sermão com influencias da teologia alexandrina do final do século I d.C.. (MARGUERAT, 2009). Essa característica não é vista somente como uma simples aproximação, mas o autor aos Hebreus demonstrou um domínio dessa tradição em Fílon. Ele utilizava ideias que tinham paralelos com a filosofia da época, principalmente com o médio platonismo. Mas a relação da epístola aos Hebreus com Fílon é no máximo uma relação indireta, não exatamente uma familiaridade direta. Tanto o autor da epístola aos Hebreus como Fílon utilizavam-se de imagens cúlticas para dar simbolismo a outros elementos. (BROWN, 2012). Essas características, como podemos perceber, vem da tradição literária e filosófica grega, tradição essa composta por diversas escolas.

Os métodos exegéticos utilizados correspondem ao sistema de convicção desenvolvido no sermão. Os pressupostos hermenêuticos são herdados da releitura de mitos homéricos nas escolas filosóficas

helenísticas, particularmente nas neoplatônicas e estoicas, e da leitura do Antigo Testamento nos meios intelectuais e internacionalistas do mundo do judaísmo helenístico. Esses pressupostos são os seguintes: o mundo perceptível e terrestre não é mais a imagem (10,1), a figura (8,5), a parábola (9,9), a cópia (9,24) ou a sombra (8,5;10,1), imperfeitas provisórias e passageiras, da realidade eterna e celeste que lhes serve de modelo (8,5). (MARGUERAT, 2009, págs. 427-428).

As consequências da relação idealista com a realidade é a leitura alegórica dos textos sendo necessária, pois as letras não contêm as verdades, mas sim o espírito e ela é a imagem; ler significa buscar a verdade do espírito contido além das aparências das letras. Também tem a consequência da suspensão da história, pois sendo terrestre então torna-se perecível e mortal, pois ao contrário das realidades celestes elas são eternas. (MARGUERAT, 2009).

Mas além das influências literárias e filosóficas de algumas escolas gregas, também a epístola aos Hebreus, sendo escrito por alguém que possuiu um profundo conhecimento, não somente das escolas gregas de literatura e filosofia, mas também, apresenta-se como um profundo conhecedor das tradições dos escritos judaicos e das características retóricas utilizadas nas sinagogas da época.

Sobre a possibilidade do midraxé homilético na análise retórica da epístola aos Hebreus, diante de diversos modelos de análise retórica, sendo talvez uma das mais inovadoras e menos investigadas é a que utiliza da estratégia retórica ou construção de um argumento tendo como pano de fundo a prática da homilia judaica, utilizadas nas sinagogas. Percebe-se que havia nos tempos da composição da epístola aos Hebreus uma atividade retórica que já era praticada nas antigas sinagogas tanto da região da Judéia como nas sinagogas judaico-helênica da diáspora, e mesclavam habilidade retórica e capacidade exegética. (SANCHES, 2009).

O midraxé era um método de exegese bíblica praticadas entre comunidades cristãs, judaicas e samaritanas no intuito de aplicar as Escrituras judaicas a sua vida religiosa. Desde que o culto dessas comunidades incluía leitura, interpretação e exposição dessas Escrituras, o midraxé assumia funções homiléticas enquanto “sermões ou ensaios que expõem importantes questões ou textos do Antigo Testamento. (SANCHES, 2009, p. 139).

A análise da retórica, seria a exame do método humano de discursar, como uma experiência de determinados assuntos com suas visões de mundo, no intuito de chamar a atenção de determinado grupo ou grupos de pessoas.

O autor aos Hebreus, aplicou uma estratégia que o seu argumento contido na epístola constituísse de textos que eram interpretados e feitas as suas exposições, aplicadas aos ouvintes, sendo que a conclusão tinha o objetivo de encorajar e confortar os destinatários da epístola. (SANCHES, 2009).

Se considerarmos a epístola aos Hebreus como uma homilia, a estratégia retórica utilizada pelo autor, foi a seguinte⁵:

- 1,1 – 2,4: proêmio seguido de catena exegética;
- 2,5 – 18: midraxeproêmio desde o Salmo 8,5-7;
- 3,7 – 4,11: midraxeproêmio desde o Salmo 95,7-11 para o texto de Êxodo 17,7;
- 7,1 – 28: midraxeproêmio ao Salmo 110,4 para o texto de Gênesis 14,17-20;
- 8,8 – 10,18: midraxeproêmio desde Jeremias 31,31-34 para o texto de Êxodo 24,6-8;
- 10,35 – 11,40: midraxeproêmio a Habacuque 2,4 para Gênesis 15,1-6 e 22,1-19;
- 12,5 – 13: midraxeproêmio a Provérbios 3,11-12 para o texto de Deuteronômio 8,5;
- 12,18 – 29: midraxeproêmio para o texto de Êxodo 19,12-13;
- 13,1 – 25: conclusão e resumo final.

Essa estratégia retórica atenderia o público-alvo da epístola aos Hebreus, sendo ela uma comunidade ou comunidades seguidoras de Jesus, pelo fato que os acontecimentos foram cumpridos segundo as profecias e essas conduziram a plena realização da Torá. Sobre os acontecimentos do evento Jesus, a leitura natural

⁵ Resumo de exemplos de estratégia retórica da epístola aos Hebreus citado no artigo de Sanches (2009): A Contribuição da Análise Retórica para a Exegese do Novo Testamento: Um Exemplo da Epístola aos Hebreus.

desses escritos e o entendimento delas, proporcionava a compreensão do cumprimento da esperança messiânica. (SANCHES, 2009).

A arte retórica foi utilizada pelo autor da epístola aos Hebreus, como percebemos no exemplo anterior, para a exposição de sua mensagem aos seus destinatários. O autor usou de associação de ideias e acontecimentos que haveria afinidades entre eles, como exemplo podemos citar o texto de Hebreus 1,4-14, que era um exemplo dessa associação, que foi extraída de textos do Antigo Testamento como Salmo 2,7; 45,6-7; 97,7; 102,25-27; 104,4; 110,1; e II Samuel 7,17. Costumava-se chamar de “cordão de pérolas”, pela utilização de textos messiânicos que eram enfileirados um atrás do outro. O texto de Hebreus 1,4-14 é exemplo desse recurso retórico comum no mundo antigo. (OSBORNE, 2009).

Percebemos que o autor da epístola aos Hebreus, se utilizava do recurso retórico para a exposição de sua mensagem no objetivo de alcançar a atenção de seus destinatários.

1.3 O discurso Retórico no Mundo Antigo

A definição de retórica, segundo Aristóteles (2005, p. 33), é: “Assentemos que a Retórica é a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso pode ser capaz de gerar a persuasão.” Uma das definições atuais seria a harmonização dos interesses entre pessoas. Segundo Halliday (1990, p. 8): “[...] proponho definir retórica como o uso da comunicação para definir coisas da maneira como desejamos que os outros vejam.”. Como disciplina de comunicação humana, a retórica pode ser definida, ainda, segundo Halliday:

‘Retórica’ também é o nome dado a uma disciplina, ou subárea dentro dos estudos da comunicação humana. Ocupa-se de examinar, descrever, prescrever e avaliar atos e eventos que visem influenciar percepções, sentimentos, atitudes e ações, com palavras e símbolos. [...] Como matéria de ensino e pesquisa, a retórica está associada ao estudo do “discurso” enquanto conjunto de práticas comunicativas de uma pessoa ou grupo. (HALLIDAY, 1990, p. 9).

Sobre a apresentação de argumentações, Aristóteles classifica a retórica como arte.

A maioria das pessoas fazem-no um pouco ao acaso sem discernimento; as restantes, por força de um hábito proveniente de uma disposição. Como ambos os modos se alcança o fim almejado, é óbvio que se poderia chegar à mesma meta seguindo um método determinado. Atendendo a que são igualmente bem-sucedido tanto os que procedem por hábito como os que atuam espontaneamente, é possível investigar teoricamente a causa do êxito. Ora, todos convirão facilmente ser esse o objetivo próprio de uma Arte. (ARISTÓTELES, 2005, p. 29).

Ao falarmos sobre retórica também entraremos na questão da dialética, que levaria os seus ouvintes ao julgamento de determinadas situações. Para Platão, a definição de retórica seria a persuasão, portanto induzir os ouvintes a certo modo de julgamento, tratando-se do juízo de opinião, e induzindo a crer em situações que não foram vistas e que entraria em cena a dialética, porque somente por ela e não pela retórica seria concedido. (PLEBE, 1978).

Aristóteles (2005, p. 34) também define da seguinte forma: “A Retórica é uma parte da Dialética e com ela tem parecenças [...]. Com efeito, nem uma nem outra é ciência com seu objeto definido, cujos caracteres se dê ao trabalho de investigar. São apenas faculdades de fornecer argumentos.”. Ainda, segundo Aristóteles:

A Retórica não deixa de apresentar analogias com a Dialética, pois ambas tratam de questões que de algum modo são da competência comum de todos os homens, sem pertencerem ao domínio de uma ciência determinada. Todos os homens participam, até certo ponto, de uma e de outra; todos se empenham dentro de certos limites em submeter a exame ou defender uma tese, em apresentar uma defesa ou uma acusação. (ARISTÓTELES, 2005, p. 29).

O filósofo também analisa a dialética e o raciocínio inerente, como explica Pessanha (1991, p. 5): “Ora, o raciocínio é um argumento em que, estabelecida certas coisas, outras coisas diferentes se deduzem necessariamente das primeiras.” O raciocínio seria uma espécie de demonstração, pela qual as premissas apresentadas são primeiras e verdadeiras ou temos o conhecimento dessas premissas primeiras e verdadeiras originalmente. (PESSANHA, 1991). A relação entre a dialética e o raciocínio são apresentados por Pessanha, baseados em Aristóteles, da seguinte maneira:

(b) o raciocínio é “dialético” quando parte de opiniões geralmente aceitas. São “verdadeiras” e “primeiras” aquelas coisas nas quais

acreditamos em virtude de nenhuma outra coisa que não seja elas próprias; pois, no tocante aos primeiros princípios da ciência, é descabido buscar mais além o porquê e as razões dos mesmos; cada um dos primeiros princípios deve impor a convicção da sua verdade em si mesmo e por si mesmo. São por outro lado, opiniões “geralmente aceitas” aquelas que todo mundo admite, ou a maioria das pessoas, ou filósofos – em outras palavras: todos, ou a maioria, ou os mais notáveis e eminentes. (PESSANHA, 1991, p. 5).

O argumento na retórica parte de dois meios e um dos meios é a partir de proposições que já foram demonstradas e o outro meio é parte de proposições ainda não demonstradas e que necessitam de demonstração, pelo fato de não serem correntemente admitidas, que são proposições que não há completo acordo (ARISTÓTELES, 2005). A argumentação retórica necessita de métodos adequados para o convencimento dos ouvintes.

Estaremos em plena posse da maneira como devemos proceder quando nos encontramos numa posição semelhante à que ocupamos face à retórica, à medicina e outras ciências ou artes desse tipo: refiro-me à capacidade de fazer o que nos propomos mediante o uso dos materiais disponíveis. Pois o retórico não lançará mão de qualquer método para persuadir, nem o médico para curar, entretanto, se não omite nenhum dos meios disponíveis, diremos que seu domínio da ciência é adequado. (PESSANHA, 1991, p. 6).

Ao falarmos em retórica, falamos em discursos e com efeito o discurso se compõem de três elementos: a pessoa que fala, o assunto de que se fala e a pessoa a quem se fala. Aristóteles preocupava-se em aproximar a retórica da arte ao argumentar entre a retórica e a dialética. Por serem semelhantes e não se enquadrarem em um particular gênero definido, sendo útil em sua tarefa não de somente persuadir, mas ter o discernimento na maneira de persuadir sobre cada questão colocada, assim como acontece nas demais artes. (ARISTÓTELES, 2005).

Para Platão, o questionamento entre retórica e dialética não eram essenciais. Segundo Plebe (1978, p. 33): “[...] a diferença entre retórica e a dialética é especificada por meio do conceito dos termos médios que se interpõem entre o uno e o múltiplo; a dialética é que pode tratar dessa questão e não a retórica, já que não os conhece.”. Mesmo a retórica e a dialética sendo definidas como duas disciplinas distintas, Aristóteles procura aproximá-las ente si, fazendo uma relação entre ambas e tendo os mesmos objetivos a serem alcançados.

Por definições, a retórica e a dialética são aproximadas por Aristóteles e uma estreita relação é estabelecida entre as duas disciplinas. Aristóteles observa que a retórica em sua particular forma de pensamento com específicas regras possui uma relação com a dialética, concedendo valor a mesma. Por esse motivo, a retórica e dialética são apresentadas unidas em duas artes, sem, no entanto, distingui-las uma da outra, considerando que o propósito de ambas é a conquista e o alcance dos ouvintes, conduzindo esses mesmos ouvintes à crença e também à ação. (FERREIRA, 2011).

A retórica se divide em três gêneros: o gênero *deliberativo*, o gênero *demonstrativo* ou *epidíctico* e o gênero *judiciário*. E cada um desses gêneros da retórica possuem uma finalidade e função. O gênero *deliberativo*, quer se delibere por questões particulares ou se delibere por questões de interesse público, na deliberação se aconselha ou desaconselha, demonstrando utilidade ou se a questão é prejudicial, tendo por finalidade apresentar um conselho que poderá ser vantajoso ou que poderá ser funesto, com a pretensão de descartá-lo. O gênero *demonstrativo* inclui duas partes na argumentação, que são o elogio e a censura, com a finalidade de louvor a uma referência bela ou censura a uma referência feia ou desagradável. O gênero *judiciário* que pleiteia pela defesa ou pela acusação e entra em questões do que é justo e do que é injusto. (ARISTÓTELES, 2005).

Os três gêneros, *deliberativo*, *epidíctico* e o *judiciário*, são em Aristóteles os que retratam especificamente, questões que cuidam do útil, do honrável e do justo, demonstrando as problemáticas a eles associados. Nesses gêneros, a tríade retórica está presente, como fonte de respostas: o *êthos*, o *phátos* e o *logos*.

Êthos, *phátos* e *logos* compõem a tríplice dimensão da Retórica. O *êthos* é aquele que é capaz de responder por meio do *logos* às questões sobre as quais o ser humano negocia aproximações e distanciamentos [...], e aquele em que o *páthos*, fonte de questões, poderá reconhecer-se e a quem poderá identificar-se. (FERREIRA, 2011, p. 99).

O que temos observado sobre a construção das argumentações retóricas é a questão racional, mas somente esse caminho não seria suficiente na argumentação aos ouvintes. Entraria em jogo, na argumentação, as questões da emoção, como uma “ferramenta” que ajudaria no convencimento. No entanto, não só os elementos

racionais são suficientes, pois são necessários a presença da razão e da emoção. A imagem que o orador constrói aos seus ouvintes, necessita de afetividade, para que haja efeito em seus ouvintes, pois além do orador interferir com o seu raciocínio, para ter uma resposta favorável, o orador precisa ganhar a simpatia de seus ouvintes. (FERREIRA, 2011).

Na arte retórica existem três questões relativas ao discurso pelas quais a primeira é onde de tirarão as provas, a segunda qual o estilo a ser empregado e o terceiro como dispor as diferentes partes do discurso. No mundo antigo, especificamente no período greco-romano, as cartas, em média contavam aproximadamente com 90 palavras. As missivas literárias, compostas por oradores e estadistas, como por exemplo Cícero ou o filósofo Sêneca, literatura essa que contavam aproximadamente com duzentas palavras. (GUNDRY, 2005). No período greco-romano, a arte retórica ensinada nas escolas da época, havia a preocupação com algumas regras, como percebemos anteriormente, a contagem de palavras para um determinado discurso, como também havia a questão do uso da língua grega e eram ensinados a utilizar um grego mais “polido” ou o grego clássico.

Na literatura greco-romana conhecida como “profissional”, as escolas da época se preocupavam com o ensino da elegância do estilo ático, diferente do que se comunicava nas ruas, distanciado da linguagem cotidiana. (BOSCH, 2002). O ensino da arte retórica, além da técnica da escrita, também preparava os oradores para a interpretação dos textos aos ouvintes, sendo apresentadas as técnicas de leitura das composições.

Os textos antigos em suas composições não apresentavam espaços entre palavras e sentenças e sinais de pontuação. Era necessário ter preparação na interpretação para ler as composições em voz alta; para facilitar a leitura em voz alta diante do agrupamento, o orador, estando ele presente, teria que ser alguém que conhecesse o autor, ou estivesse envolvido com a composição. No processo de envio da correspondência, podiam ser explicados o tom de voz, ênfase e o significado que o autor propôs. (BORING, 2015).

Pelo fato de sabermos que a arte retórica teve o seu desenvolvimento maior no período greco-romanos, inclusive com textos que abordavam o tema, passaremos a apresentar um resumo da história do desenvolvimento dessa ciência. As origens da retórica, remontam a Grécia Antiga, aproximadamente nas primeiras

décadas do século V a.C., mas a prática da retórica foi teorizada com métodos e preceitos por Córax e Tísias, e buscava o estudo de demonstração da verossimilhança, uma retórica científica, que o verossímil era mais importante que o verdadeiro. Nessa corrente retórica, chega-se aos discursos pitagóricos, apresentando-se duas características: o uso de diferentes argumentos e estilos para diferentes ouvintes; e o emprego da figura retórica da antítese. (PLEBE, 1978). Ainda, segundo Plebe:

O conceito de “oportunidade” retórica já revelava então um dos aspectos fundamentais da retórica antiga, isto é, o seu compromisso social. O uso oportuno da linguagem é, afetivamente, já para os pitagóricos, uma força operante no âmbito da educação da sociedade. (PLEBE, 1978, p. 7).

Percebemos que essa ciência, também chamada de arte, foi ganhando importância entre os estudiosos gregos, fazendo parte da sociedade grega. A retórica continuou se desenvolvendo, através de seus teorizadores. Na Grécia o pai da retórica prática das antilogias, foi Protágoras, que propôs que em torno de cada questão haveria dois discursos opostos reciprocamente. Mas Górgias foi o primeiro teorizador formal da arte retórica como disciplina independente. No doutrinamento de Górgias haveria duas teorias: a da poesia com engano, de um lado; e da eloquência com persuasão, do outro lado. Para Górgias a retórica é uma arte relativa aos discursos, tendo sua força na persuasão, uma arte que cria uma crença e não cria ensinamentos e seus argumentos dizem respeito ao belo e ao feio, ao bem e ao mal e ao justo e o injusto. (PLEBE, 1978).

Ainda, segundo Plebe (1978, p. 19): “Entende-se por isto como, aos olhos de Platão e de Aristóteles, Górgias tenha podido representar a ciência retórica na sua complexa totalidade, com a arte de persuadir tanto pela forma quanto pelo conteúdo.” Percebemos que essa ciência foi ganhando uma característica de arte de persuasão, utilizada pelos oradores para o convencimento do público, tornando-se uma habilidade do próprio orador.

Em Platão a retórica não é sustentada nem como verdadeira arte nem como ciência, mas simplesmente em uma habilidade prática, uma *empeiria*, ou seja, atividade empírica. Para Platão o caráter formal da retórica não seria a necessidade de conhecer os assuntos, mas de encontrar um meio de persuasão. Em Platão que

se desenvolvem as formulações das relações entre retórica, poética e dialética. (PLEBE, 1978).

Diante de diversos pensamentos sobre a retórica e influenciado pela posição platônica, Aristóteles foi um dos maiores teóricos da retórica. A primeira fase do pensamento retórico de Aristóteles foi o diálogo de *Grilos*, escrito por volta de 360 a.C. Aristóteles desenvolve as suas obras, abordando a retórica, a dialética, as diversas teorias desenvolvidas, como a teoria da indução retórica, a teoria do estilo retórico e a teoria dos lugares comuns. Aristóteles influenciou os teóricos que estudariam os mesmos temas depois dele.

Para Zenão a diferença entre retórica e dialética seria uma diferença de grau de concisão. Zenão acreditava que a retórica era uma arte como também uma ciência. Tanto a retórica como a dialética tinham um objetivo em comum para Zenão que era o falar bem. No entanto, para os estoicos, falar bem significava falar a verdade. Após Zenão, houve três importantes teóricos da retórica estoica: Clinato, Crispo e Diógenes de Babilônia, pelas quais ampliaram as teorias abertas por Zenão. Após esse período surge Hermágoras de Temno, sendo as suas obras consideradas na retórica como pedras angulares, ao lado das obras de Aristóteles e Cícero. (PLEBE, 1978). Ainda, segundo Plebe:

Na história da retórica, a teoria mais importante a que se liga o nome de Hermágoras é a da introdução das denominadas *teses* no âmbito dos argumentos retóricos. Conforme a terminologia introduzida pelo próprio Hermágoras, a retórica ocupa-se não apenas das *hipóteses*, isto é, das controvérsias particulares e individuais e que são definidas as pessoas da controvérsia, mas também das *teses*, ou seja, das questões universais, sem determinação de nenhuma pessoa como objeto da controvérsia. (PLEBE, 1978, p. 61).

A ciência retórica, presente na sociedade grega, também é utilizada na sociedade romana, nas administrações públicas do Império Romano. Na experiência de Cícero, que foi um aristocrata grego e senador romano, a oratória pública era uma ferramenta que ele utilizava para exercer sua influência política; e usava do seu conhecimento das políticas tratadas no senado romano sobre direito e administração e também do uso de sua obra retórica e literária, que eram usadas para a persuasão. O estudo da retórica grega teria iniciado algumas gerações antes de Cícero em Roma, sendo que a educação retórica se tornou parte importante nos

exercícios da preparação nas funções públicas. Diversos professores gregos haviam ensinado em Roma, e os filhos da elite romana eram enviados por suas famílias para os estudos. Mas Cícero observava importantes deficiências nos estudos da retórica. Ele percebeu que o formalismo e o purismo controlavam o sistema de retórica latino e que a adaptação da retórica grega era eclética, faltando um estudo fundamental das disciplinas de filosofia. O proveito da retórica e da oratória legal foi emprestado da tradição helenística, resultando em superficialidade com o desejo de eficiência da oratória, ou seja, o mais importante era ser eficiente no discurso. Cícero criou, em seu tempo, e também para as gerações futuras um critério para a romanização da filosofia grega e da retórica. (KOESTER, 2005). Para Cícero, o uso eficiente da retórica necessitaria do conhecimento de outras disciplinas para o bom desenvolvimento dessa ciência. Ainda, segundo Koester:

Para Cícero, o orador devia ter uma educação geral completa e dedicar-se ao estudo da filosofia. Ele próprio havia estudado intensamente filósofos e oradores clássicos (Platão, Aristóteles, Xenofonte, Demóstenes). [...] Ao mesmo tempo, suas obras revelam uma nova seriedade que contrasta com a artificialidade da retórica helenística tardia e é de natureza totalmente romana. Em vez do purismo formalista, que se tornara modismo sob influência do ativismo, e das sutilezas do conhecimento especializado, Cícero preceituava disciplina de linguagem e verdadeiro conhecimento da matéria. O orador devia convencer por meio da clareza e abster-se de artimanhas retóricas. (KOESTER, 2005, p. 347).

Notamos que Cícero, não somente utilizava dessa ciência, mas também procurou desenvolvê-la, aprofundando-se nos seus estudos e nas questões de convencimento do orador. Cícero buscou uma relação entre a filosofia e a retórica, como ciências que se complementaríamos entre si. Para ele, na disputa entre a filosofia e a retórica, tanto uma como outra são necessárias sustentando o caráter complementar de ambas as disciplinas e não poderia existir um orador sem a filosofia, que concederia discernimento dos gêneros e dos assuntos e de suas definições e explicações, concedendo a habilidade no julgamento entre verdadeiro e falso, nas percepções das consequências e contradições, distinguindo assim as ambiguidades. Por sua vez a filosofia não deve desprezar e ignorar a retórica. (PLEBE, 1978). Ainda em Cícero, segundo Plebe (1978, p. 68): “[...] como a retórica

exige a seu lado a filosofia, do mesmo modo a filosofia exige, como disciplina a ela complementar a retórica.”.

Após Cícero, a utilização da ciência retórica, o modo como os oradores a utilizavam, sofreu críticas do mestre romano Quintiliano. Para ele, a arte almejada e idealizada por Cícero havia perdido o sentido no período imperial de Roma. Quintiliano em seus escritos reafirmava o antigo ideal sofista, sendo conhecido como pioneiro da segunda sofística. Quem estudava retórica, a eloquência adquirida propiciava a oportunidade não de somente ser um político, advogado ou servidor público do Estado, mas de obter sucesso como historiador ou escritor. (KOESTER, 2005). Quintiliano criticava o mau uso da arte retórica de seus contemporâneos. Ainda, segundo Koester:

Isso explica o desdém de Quintiliano pelos filósofos, para quem o conhecimento da retórica e a educação moral eram um fim em si mesmo, motivo pela qual haviam se afastado da vida pública e se confinado nos ginásios e escolas. Mas ele também critica a decadência da arte retórica em si, em público e também na linguagem dos filósofos [...] e propõe um retorno aos princípios simples da retórica preconizada por Cícero. (KOESTER, 2005, p.355).

Na esteira da segunda sofística, iniciada por Quintiliano, outros pensadores também procuraram desenvolver a ciência retórica. Nesse período a retórica grega passou por uma renovação, iniciou-se nos centros educacionais da Ásia Menor ocidental, e refletia sobre o ideal do sábio ativo politicamente, que foi defendido pelos sofistas de Atenas, mas que sofreu influência do interesse do grego da Atenas clássica. Tinha como objetivo alcançar o perfeito domínio da retórica ática clássica. O maior defensor do movimento foi Herodes Ático, sendo que seus ideais retóricos foram continuados por seus alunos, sendo um deles, Hélio Aristides, com diversos discursos e dois tratados de retórica escritos, que ainda estão preservados. Alguns dos seus discursos foram reconhecidos como modelos para a retórica grega, discursos esses que abordavam a grandeza da Grécia como importante para a cultura, sobre o bem-estar do povo grego e do povo romano propiciado pelo Império Romano e sobre a paz universal. (KOESTER, 2005). Apesar da influência da segunda sofística, outros pensamentos, sobre a utilização da retórica, surgiram. Ainda, segundo Koester:

Embora a Segunda Sofística exercesse enorme influência sobre todos os escritos em prosa gregos subsequentes, Hermógenes (160-225 d.C.), pertencente à geração seguinte de oradores, demonstrou que agora também a retórica estava pronta para abandonar o ideal de envolvimento político e dedicar-se a uma atividade educacional autônoma – sem contudo fazer as pazes com a filosofia. (KOESTER, 2005, p. 357).

A ciência retórica, apesar de sua longa história de desenvolvimento, ainda, essa ciência, continua a desenvolver métodos, inclusive nos estudos de como os recursos eram utilizados pelos oradores no período antigo. Nos dias atuais há um método chamado crítica da retórica, que desenvolve explicações de como os escritores usavam os recursos da oratória greco-romana na produção de discursos convincentes, observando o posicionamento e organização dos mesmos. Método esse que se preocupa em demonstrar o modelo de comunicação. (KOESTER, 2005).

Ainda, segundo Koester (2005. p. 78): “A análise da retórica também mescla sensibilidade literária da narratologia com as preocupações históricas da crítica da redação e social-científica.” A necessidade de novos estudos e o desenvolvimento de métodos para a percepção de utilização da retórica dos textos antigos, é fundamental para o atual estudo da literatura do Novo Testamento, como também da literatura cristã primitiva que não constam no cânon.

O atual estudo que aborda a retórica utilizada na literatura neotestamentária, baseia-se em pesquisas dos propósitos e variedades da oratória pública, especificamente nos contextos do mundo helenístico, como as praticadas nos tribunais de justiça, conhecidas como forense ou judicial; as praticadas para a crítica ou elogio usadas nas alocações encomiásticas ou fúnebres conhecidas como epidíticas; as praticadas nas assembleias políticas conhecidas como deliberativas. Apesar desses estilos convencionais utilizadas no contexto greco-romano, os autores dos discursos adotavam mesclas de estilos com o objetivo de alcançar os efeitos desejados dos discursos. (KOESTER, 2005).

2. A FÉ EM ROMANOS: O DISCURSO TEOLÓGICO DE PAULO.

Analisaremos nesse capítulo o discurso de fé na epístola aos Romanos. Discurso esse que Paulo realiza uma abordagem relativamente ampla sobre a fé, em comparação com outras epístolas paulinas. Faremos essa análise a partir de alguns textos selecionados da epístola que tem a abordagem do tema fé: Romanos 1,16-17; 3,21-31; 5,1-5.

2.1 Análise do discurso de fé em Romanos

Faremos as análises dos textos bíblicos, na epístola aos Romanos, sobre o discurso de fé. Nas análises usaremos os quadros sinóticos nas comparações dos textos selecionados e utilizaremos, na coluna da esquerda, a versão grega (VG) e na coluna da direita em português, a versão da Bíblia de Jerusalém (BJ). Em outras análises, fora do quadro sinótico, utilizaremos a Bíblia com a versão da tradução de Frederico Lourenço (FL).

2.1.1 O discurso de fé em Romanos 1,16-17

Quadro Sinótico 1

<p>¹⁶ Οὐ γὰρ ἐπαισχύνομαι τὸ εὐαγγέλιον, δύναμις γὰρ Θεοῦ ἐστὶν εἰς σωτηρίαν παντὶ τῷ πιστεύοντι, Ἰουδαίῳ τε πρῶτον καὶ Ἕλληνι.</p>	<p>¹⁶ Na verdade, eu não me envergonho do Evangelho: ele é força de Deus para salvação de todo aquele que crê, em primeiro lugar do judeu, mas também do grego.</p>
<p>¹⁷ δικαιοσύνη γὰρ Θεοῦ ἐν αὐτῷ ἀποκαλύπτεται ἐκ πίστεως εἰς πίστιν, καθὼς γέγραπται, Ὁ δὲ δίκαιος ἐκ πίστεως ζήσεται.</p>	<p>¹⁷ Porque nele a justiça de Deus se revela da fé para fé, conforme está escrito: O justo viverá pela fé.</p>

Pelo fato de um dos textos de nossa análise se encontrar no primeiro capítulo de Romanos, as primeiras palavras e frases de Paulo a comunidade cristã de Roma, o texto que analisaremos é a introdução do tema da epístola, há antes do trecho a ser analisado, as saudações iniciais de Paulo aos seus destinatários.

No versículo 1, Paulo apresenta-se com três títulos: servo ou escravo de Cristo, chamado para ser apóstolo, escolhido. Logo em seguida ele mostra o objetivo de sua vida e ministério: anunciar o Evangelho de Deus.

Nos versículos 2 a 4, Paulo apresenta um resumo da Cristologia, a compreensão de Paulo sobre a pessoa de Cristo. Nesse trecho Paulo cita o que é conhecido hoje como Trindade, a presença de Deus, Jesus Cristo e Espírito Santo.

O versículo 5 é uma repetição do ministério e vida de Paulo, presente no versículo 1, e esse objetivo leva aos seguintes propósitos: o louvor e a obediência. E esses propósitos, de acordo com o versículo 6, também fazem parte de seus destinatários, os cristãos em Roma. No versículo 7, Paulo apresenta os seus destinatários e lhe faz saudações.

Nos versículos 8 a 12 Paulo traz a memória a fé e as obras dos seus destinatários e o desejo que ele tem em visitar pessoalmente aquela comunidade cristã. Dos versículos 13 a 15, Paulo descreve resumidamente os motivos que o impediram a visitar os cristãos na cidade Roma e apresenta um dos motivos para essa visita.

Após a sua dedicatória Paulo apresenta o tema da epístola, tema esse que desenvolverá em seu escrito a comunidade cristã de Roma.

Paulo demonstra sua convicção e responsabilidade do que lhe foi entregue:

- Οὐ γὰρ – advérbio de negação seguido por uma conjunção causal, a tradução ficaria: “Portanto não” ou “pois não”.
- ἐπαισχύνομαι – verbo conjugado no presente médio do indicativo, primeira pessoa do singular, tradução: me envergonho.

Logo em seguida, o substantivo nominativo singular neutro (τὸ εὐαγγέλιον), “o evangelho”. Segundo Santos e Proença (2018, p. 119), “A definição do Evangelho que vem a seguir não é descontextualizada, mas desempenha duas funções no

texto. Ela dá razão para o apóstolo não se envergonhar, mas é ao mesmo tempo um resumo de todo do comentário que segue.”.

Paulo define o que seria o Evangelho: (δύναμις γὰρ Θεοῦ) manifestação do poder, da força ou habilidade de Deus. E essa manifestação tem um objetivo: (εις σωτηρίαν παντὶ τῷ πιστεύοντι) para a salvação de todo o crê ou tem fé. E essa fé ou crença não se limita a um grupo, mas é para todos: (Ἰουδαίῳ τε πρώτον καὶ Ἑλληνι), ao judeu primeiramente e ao grego. Os primeiros a receberem o evangelho foram os judeus, mas todos têm acesso a essa habilidade de Deus.

Segundo Pohl (1997, p. 19), “Esse evangelho tem validade universal [...] O Novo Testamento atesta com grande frequência a combinação de salvação e fé.”.

Uma pergunta pode surgir em nossa análise: Qual a impressão que Paulo queria causar nos seus destinatários para ao citar a dinâmica do evangelho?

Paulo se dirige nessas condições a comunidade cristã de Roma, apresentando no início de sua epístola o tema que levará a outras discussões no escrito de Romanos. Paulo utiliza das figuras de lítotes, que atenuam uma questão para destacar outra questão, e Paulo utiliza para atenuar (Οὐ γὰρ ἐπαισχύνομαι τὸ εὐαγγέλιον) “pois não me envergonho do evangelho”. Paulo pretende produzir a impressão ponderada da sua afirmação, para estabelecer um valor de estima que ele chama de evangelho. A negação do tema verbal direciona o pensamento, a valorização do evangelho que anuncia a salvação. (FERREIRA, 2011). Paulo demonstrava aos seus destinatários entendimento teológico e coerente do assunto. Segundo Dunn:

[...] características do uso de Paulo é sua facilidade de falar do “evangelho de Deus” quase tanto do “evangelho de (do) Cristo”. Mais notável é o fato de que ele introduz o assunto, e sua exposição em Romanos, como “evangelho de Deus (Rm 1,1), para ser contrabalançado um pouco depois ao evangelho e seu [de Deus] Filho. Esta é uma entre uma série de afirmações contrabalançadoras que Paulo faz na abertura de Romanos e sugere que ele estava deliberadamente indicando (mas não tocava a trombeta) que sua cristologia, e conseqüentemente também seu entendimento do “evangelho de Cristo”, estava totalmente coerente com o seu entendimento de Deus, na verdade uma parte desse entendimento. (DUNN, 2003, p. 206).

Paulo apresenta o evangelho como decisivo na procura de respostas, que a humanidade busca em suas expectativas. O evangelho se torna a eficaz palavra e

ato poderoso Divino que traz a salvação a humanidade. Salvação essa, que traz ao ser humano as respostas à sua própria expectativa; e não somente os judeus esperavam, mas também seria um anseio dos gentios, ou seja, os não judeus, pois para Paulo tanto um como outro se acham na mesma situação, sendo alimentados pela mesma expectativa e padecendo das mesmas necessidades. Paulo considera que o evento decisivo na história da humanidade é o evangelho que na pregação da vida, obras e ensinamentos de Jesus Cristo, desenvolve, dentro da história natural do ser humano o processo da história sobrenatural Divina. (LEENHARDT, 1969).

Paulo, demonstrando o dinâmica do evangelho, procura salientar a importância da pregação. Ainda segundo Leenhardt (1969, págs. 44-45), “Com efeito, é mediante a pregação que são os homens levados à confissão do Senhor Jesus e à obediência da fé, expressões da obra do Espírito Santo.” No prosseguimento da argumentação de Paulo, temos o versículo 17 (TL), “Pois é na boa-nova que a justiça de Deus se revela a partir da fé para a fé, tal como ficou escrito: o justo a partir da fé viverá.”.

O apóstolo procura mostrar aos seus leitores a revelação de Deus através do Evangelho: (δικαιοσύνη γὰρ Θεοῦ ἐν αὐτῷ ἀποκαλύπτεται) “a justiça pois de Deus nele revelada”.

O substantivo nominal singular feminino (δικαιοσύνη): justiça, provisão, meio para justificação. O meio que Deus providenciou para que a sua salvação fosse relevada.

O verbo conjugado no presente passivo do indicativo na terceira pessoa do singular (ἀποκαλύπτεται): se revela, revelada, claramente demonstrada, declarada distintamente.

O verbo (ἀποκαλύπτεται) se revela, mostra uma ação em progresso, sendo que o Evangelho é um poder revelador atual. Ao pregar o evangelho, Paulo tem consciência de que ele próprio está revelando a justiça de Deus, portanto, Deus, por intermédio daquele que proclama o evangelho, revela a sua justiça. (LEENHARDT, 1969).

Sendo Paulo um cristão que falava a gentios, necessitamos lembrar que as origens e formação de Paulo foram no judaísmo. Podemos dizer que Paulo tinha em sua mente, ao escrever as epístolas, o pensamento e conceito judaico das palavras.

Segundo Hawthorne, Martin e Reid (1997, p. 757), “O conceito de justiça da Bíblia hebraica enfatiza o aspecto relacional de Deus e da humanidade no contexto de uma aliança.”.

O hebraico da palavra justiça é קִדְּוָה (*tsedeq*), ou a sua forma feminina קִדְּוָה (*ts^e daqâh*); palavras essas que se encontram respectivamente 117 e 115 vezes no Antigo Testamento. Na versão da LXX, o substantivo ($\delta\iota\kappa\alpha\iota\sigma\acute{\upsilon}\nu\eta$) justiça, possuía várias aplicações. Por 81 vezes é associada a palavra hebraica קִדְּוָה (*tsedeq*), cujo significado seria retidão, proibidade, equidade. Por 134 vezes é associada a palavra hebraica קִדְּוָה (*ts^e daqâh*) cujo significado seria imparcialidade, retidão, honestidade. Por 8 vezes associa-se a palavra hebraica חֶסֶד (*hesed*), cujo significado seria amizade, misericórdia, piedade, boa vontade. Por seis vezes pode ser associado pelo adjetivo קָדִים (*tsaddîq*), cujo significado pode ser integro, justo, honesto. (HAWTHORNE, MARTIN E REID, 1997). Notamos algumas dependências da palavra em relação ao seu significado.

A raiz da palavra קִדְּוָה (*ts^e daqâh*) qualifica o correspondente a norma estando em conformidade com a definição própria. Portanto o vocábulo não possui um significado moral ou religioso, mas tudo dependerá da norma, do objeto ou da pessoa envolvida. (LEENHARDT, 1969).

Segundo Hawthorne, Martin e Reid (1997, p. 758), “O sentido hebraico de justiça, significa mais que a ideia grega clássica de dar a cada um o que lhe cabe. Em geral, a palavra sugere os atos salvíficos de Yahweh como prova da fidelidade de Deus à aliança.”. O que percebemos é Paulo destacando a revelação de Deus para com a humanidade.

A literatura bíblica desenvolve diversas maneiras pela qual Deus se revela, saindo de si e demonstrando poderes, prodígios e palavras. Mas diante dessas demonstrações que esgotou a descrição revelada de Deus, sempre há algo mais a ser revelado. (POHL, 1997). Ainda, segundo Pohl:

Desse modo todas essas manifestações ficavam devendo aquilo pelo que clama a desesperada realidade de nosso mundo, a saber, a presença definitiva e não turbada de Deus, sua divindade plena e integral. É exatamente isso que agora refulge com a justiça de Deus. (POHL, 1997, p. 20).

Para o desenvolvimento da teologia de Paulo, ele expressa na epístola ao Romanos, a frase “a justiça de Deus” que é o início, o ponto de partida, o enfoque da afirmação que define o evangelho. (DUNN, 2003). Ainda, segundo Dunn:

Na visão grega típica do mundo, “justiça” é ideia ou um ideal em relação ao que pode ser medido o indivíduo ou a ação individual. O uso do inglês [e também do português] contemporâneo reflete esta mentalidade antiga quando continua a usar expressões tais como “a justiça precisa ser satisfeita”. Ao contrário, no pensamento hebraico “justiça” é conceito mais relacional: “justiça” como cumprimento de obrigações impostas ao indivíduo pela relação da qual faz parte. (DUNN, 2003, págs. 394-395).

Justiça de Deus seria a ação de Deus, portanto o próprio Deus impôs obrigações a si mesmo. A justiça de Deus pode ser entendida como a fidelidade de Deus para com a humanidade. (DUNN, 2003). A justiça de Deus, além de evidenciar a justiça Divina em si, também evidenciaria outros atributos Divinos. Além disso, significaria muito mais do que justificação de indivíduos injustos, significaria Deus trazendo o mundo decaído para a esfera da legítima pretensão dele. A justiça de Deus seria a fidelidade Divina aos seus propósitos e ao seu próprio ser, seria a integridade de Deus. (ELLIOT, 1998). Podemos entender que Paulo desejava que seus destinatários compreendessem que a justiça de Deus é uma ação de favorecimento do ser Divino para com a humanidade.

A frase (δικαιοσύνη γὰρ Θεοῦ) “justiça de Deus”, seria para Paulo o mesmo que o Evangelho de Deus, portanto obra de Deus no evento Jesus Cristo na sua vida, morte e ressurreição, sendo esse a manifestação do poder de Deus na salvação do ser humano. (HAWTHORNE, MARTIN E REID, 1997).

Paulo prossegue com o desenvolvimento da revelação de Deus: (ἐκ πίστεως εἰς πίστιν) “de fé para a fé”:

- ἐκ – com caso ablativo – de, de dentro de, a partir de, por meio de
- πίστεως – substantivo genitivo singular feminino – fé
- εἰς – com caso acusativo – em, para, para dentro, até
- πίστιν – substantivo acusativo singular feminino – fé.

Em geral, os tradutores entendem que Paulo reforçava a exclusividade da fé no processo de salvação do ser humano, podendo ser entendido como: “da fé para a fé”; “pela fé e para a fé”; “única e exclusivamente através da fé”; “do começo ao fim”. É provável que a tradução que mais se aproxima do sentido do texto seria “do começo ao fim”, entendida como referência ao tempo. (SANTOS E PROENÇA, 2018).

Paulo procura ressaltar a importância da fé e toda a vida cristã estaria envolvida nesse conceito. Não seria somente no início de vida cristã de um indivíduo, mas segundo Paulo, podemos entender, que a fé é um modo de vida deste indivíduo, que seria vivenciada no dia a dia para aqueles que se aproximam de Deus.

Paulo traça de imediato a ligação com essa justiça de Deus que se comunica, ainda que o faça com extrema brevidade: É uma justiça que também é concedida aos seres humanos, de fé em fé. O primeiro elemento “*de fé*” retorna frequentemente na carta. O “*em fé*”, porém, parece estar a serviço de um interesse peculiar, porque assegura que a fé sempre volta a penetrar na fé e permanece na fé. Fé não é apenas estágio inicial; pelo contrário, ela caracteriza a maneira como daqui em diante se pode ser verdadeiramente um ser humano. A formulação dupla poderia ser parafraseada assim: unicamente fé, fé de A Z, fé ininterrupta e como princípio. (POHL, 1997, p. 20).

Percebemos que Paulo deixa claro, para os seus destinatários, que a resposta humana para a justiça Divina é a fé. É provável que a frase que Paulo utiliza “de fé em fé”, deliberadamente fosse mais aberta, sendo esta uma frase enigmática que poderia ser traduzida como “da fé para a fé”, ou “da fé e de nada mais que da fé” ou ainda “da fidelidade de Deus para a resposta humana da fé”. Paulo dizia a comunidade cristã de Roma que a fé ou fidelidade seria uma questão da justiça humana do início ao fim. (DUNN, 2003).

Segundo Hawthorne, Martin e Reid (1997, p. 762), “A fé responde ao ato de justiça de Deus e o resultado é a vida.”. No texto (ἐκ πίστεως εἰς πίστιν) “de fé para a fé”, o ser humano, para responder ou acessar a justiça de Deus, necessita de ter posse da fé, pois o termo substantivo (ἐκ πίστεως) “de fé” se encontra no caso genitivo, que expressam posse. E o termo substantivo (εἰς πίστιν) “para a fé”, se encontra no caso acusativo, expressando que o ser humano é objeto da ação da justiça de Deus.

O substantivo (ἐκ πίστεως) “de fé” que é declinado no genitivo, que além de posse, pode significar também origem. Nesse caso poderíamos definir o termo também como origem, ou seja, “de fé” como a origem da dinâmica de Deus?

Paulo procura demonstrar que a justiça de Deus, revelada na pregação do evangelho, é constituída pela (ἐκ πίστεως) “de fé”, portanto a justiça Divina é obtida pela fé e não se encontra no final da caminhada humana. A justiça de Deus é também constituída como (εἰς πίστιν) “para a fé”, portanto é manifestada a todos os seres humanos que creem sem restrição de cultura ou raça. A fé se apresenta como condição necessária e suficiente. (LEENHARDT, 1969).

Essa simples frase usada por Paulo (ἐκ πίστεως εἰς πίστιν), podemos conjecturar que procurava desenvolver na mente de seus destinatários uma percepção grandiosa da dinâmica de Deus em relação aos seres humanos.

E onde acontece a fé, o calor da percepção, o ímpeto da convicção e o grau alcançado no entendimento e civilização correspondem sempre só as características concomitantes, do aquém e, por isso mesmo, em si irrelevantes do verdadeiro processo. Também as características do processo *de fé* não se tornam como grandezas positivas, mas como negações de outras grandezas positivas, como etapas do trabalho de arrumação, pelo qual o local do “aquém” deve ser libertado para a chegada do “além”. (BARTH, 2016, p. 83).

O texto prossegue com uma citação de um texto do Antigo Testamento: (κσθὼς γέγραπται, Ὁ δὲ δίκαιος ἐκ πίστεως ζήσεται) “de modo que está escrito, no entanto o justo a partir da fé ele viverá”.

O texto que Paulo cita se encontra na literatura profética, Habacuque 2,4 (BJ), “Eis inflado de orgulho aquele cuja alma não é reta, mas o justo viverá por sua fidelidade.”.

O texto Hb 2,4, na versão hebraica, comparando com a LXX e com Paulo, na epístola de Romanos:

- Hebraico: o [homem] justo viverá por sua fé (fidelidade);
- LXX: o justo viverá da minha fé (fidelidade);
- Paulo: o justo a partir da fé viverá.

A palavra fé, tanto no hebraico como na LXX, nesse texto de Hb 2,4, pelo pronome possessivo “sua” (hebraico) e “minha” (LXX), mostra a diferença com o pensamento de Paulo. No texto hebraico e Hb 2,4 é uma repetição encontrada no texto do Pentateuco, Levíticos 18,5 (BJ), “Guardareis os meus estatutos e as minhas normas: quem os cumprir encontrará neles a vida. Eu sou lahweh. ”; uma clássica citação do nomismo da aliança, indicando qual era o papel do membro da comunidade em relação a justiça, pois a sua fidelidade a Lei ou a sua fé na Lei, dependeria a sua vida. A versão da LXX, do texto de Hb 2,4, afirmava que a fidelidade do membro da comunidade possibilitava a sustentação da vida. (DUNN, 2003). Paulo, no entanto, omitiu os pronomes possessivos, presentes no texto hebraico, e no texto da LXX. Ainda, segundo Dunn:

Permitia assim que o texto pudesse ser lido de diferentes maneiras e impedia que fosse lido segundo a maneira restritiva que o hebraico implicava. Qual é o significado pleno desta versão do texto continua sendo objeto de alguma discussão. [...] “Da fé” acompanha ou “o justo” ou “viverá” e Paulo deve ter pretendido que seus leitores escolhessem uma e não a outra alternativa. (DUNN, 2003, págs. 430-431).

O contexto do livro de Habacuque o profeta expõe a violência causada pelos inimigos do povo de Deus, e pela demora em Deus auxiliar o seu povo em um momento difícil. Mas o profeta cita as promessas de Deus, como uma memória que o ajuda a ter paciência e confiança na fidelidade Divina. O profeta finaliza a sua profecia com um poema, uma oração.

Nesse contexto a fé seria um instrumento de perseverança em meio a demora pela ajuda, pelo socorro. Na versão da LXX o sentido da palavra “fé” seria mais teológico, na substituição dos pronomes possessivos “sua” (texto hebraico) para “minha” (LXX). A versão também cita a arrogância dos inimigos do povo de Deus: “Eis o inflado de orgulho aquele cuja alma não é reta...”. (SANTOS E PROENÇA, 2018).

Paulo cita apenas o fragmento: “o justo viverá da fé”, dando, margem a interpretações fora do contexto de Habacuque. Paulo, porém, dispensa os pronomes das duas versões, não autorizando uma interpretação diferente da pensada pelo profeta. (SANTOS E PROENÇA, 2018, p. 121).

O versículo 17 atribui importância tanto a justiça de Deus como a fé. Paulo os apresenta como importantes nas vidas de seus ouvintes.

De início a explicação da atribuição dessa importância se dá pela forma como a justiça de Deus (tanto no que se refere à sua justiça pessoal, quanto à justiça com a qual ele justifica os pecadores) se manifestou, ou seja, não por meio das obras da lei, mas a partir da fé (ponto de partida) na direção da fé (ponto de chegada). (FERREIRA, 2011, págs. 394-395).

Não há diferença entre os termos usados no livro profético de Habacuque (fidelidade) e o termo usado por Paulo na epístola aos Romanos (fé). Pela “fidelidade de Deus” ou “pela fé humana”, as duas colocações são as mesmas. Mas a transmissão profética mostra duas direções, pois a fidelidade Divina consiste no fato de Deus estar na qualidade de outro, do separado e ele vem ao encontro do ser humano. E a fé do ser humano é a reverência e aceitação desse encontro com o Divino. (BARTH, 2016). Ainda segundo Barth (2016, págs. 84-85), “A fé revela-se por fidelidade. [...] Onde a fidelidade de Deus se encontra com a fé das pessoas, revela-se a sua justiça. Ali o justo viverá.”.

Nos comentários da Bíblia de Jerusalém (1998) os versos 16 e 17 de Rm 1 formariam uma *Prothesis*, uma forma retórica que buscava uma subsequente argumentação de provas e explicação. Paulo a princípio demonstrará que através da fé a justiça de Deus trabalha, sem exceção de povos e raças, por todos os que se aproximam de Deus.

Paulo apresenta a fé como instrumento da justiça de Deus. Justiça essa que é conhecida através da fé, a revelação, o desvendamento desse mistério ocorrerá somente pela fé. A fé em si não seria somente o início, mas podemos argumentar que a fé seria como uma direção a ser usada no trajeto, no caminho que será percorrido. Além de justiça e fé, podemos destacar uma terceira palavra, “vida”, ou conjugação de algum verbo relacionado a palavra (*viverá*). A vida tem fortes relações com a palavra justiça e fé.

2.1.2 - O discurso de fé em Romanos 3,21-31

Quadro Sinótico 2

<p>²¹ Νυνί δὲ χωρὶς νόμου δικαιοσύνη Θεοῦ πεφανέρωται μαρτυρουμένη ὑπὸ νόμου καὶ τῶν προφητῶν</p> <p>²² δικαιοσύνη δὲ Θεοῦ διὰ πίστεως Ἰησοῦ Χριστοῦ εἰς πάντας τοὺς πιστεύοντας. οὐ γὰρ ἐστὶν διατολή.</p> <p>²³ πάντες γὰρ ἠμαρτον καὶ ὑστεροῦνται τῆς δόξης τοῦ Θεοῦ</p> <p>²⁴ δικαιούμενοι δωρεὰν τῇ αὐτοῦ χάριτι διὰ τῆς ἀπολυτρώσεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ.</p> <p>²⁵ ὃν προέθετο ὁ Θεὸς ἰλαστήριον διὰ [τῆς] πίστεως ἐν τῷ αὐτοῦ αἵματι εἰς ἔνδειξιν τῆς δικαιοσύνης αὐτοῦ διὰ τὴν πάρεσιν τῶν προγεγονότων ἁμαρτημάτων</p> <p>²⁶ ἐν τῇ ἀνοχῇ τοῦ Θεοῦ, πρὸς τῆς ἔνδειξιν τῆς δικαιοσύνης αὐτοῦ ἐν τῷ νῦν καιρῷ, εἰς τὸ εἶναι αὐτὸν δίκαιον καὶ δικαιοῦντα τὸν ἐκ πίστεως Ἰησοῦ.</p> <p>²⁷ Ποῦ οὖν ἡ καύχησις; ἐξεκλείσθη. διὰ ποίου νόμου; τῶν ἔργων; οὐχί, ἀλλὰ διὰ νόμου πίστεως.</p> <p>²⁸ λογιζόμεθα γὰρ δικαιῶσθαι πίστει ἄνθρωπον χωρὶς ἔργων νόμου.</p> <p>²⁹ ἢ Ἰουδαίων ὁ Θεὸς μόνον; οὐχὶ καὶ ἐθνῶν; ναὶ καὶ ἐθνῶν,</p> <p>³⁰ εἴπερ εἷς ὁ Θεὸς ὃς δικαιώσει περιτομὴν ἐκ πίστεως καὶ ἀκροβυτίαν διὰ τῆς πίστεως.</p> <p>³¹ νόμου οὖν καταργοῦμεν διὰ τῆς πίστεως; μὴ γένοιτο· ἀλλὰ μόνον ἰσχύνομεν.</p>	<p>²¹ Agora, porém independente da Lei, se manifestou a justiça de Deus, testemunhada pela Lei e pelos Profetas,</p> <p>²² justiça de Deus que opera pela fé em Jesus Cristo, em favor de todos os que creem – pois não há diferença,</p> <p>²³ visto que todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus –</p> <p>²⁴ e são justificados gratuitamente, por sua graça, em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus:</p> <p>²⁵ Deus o expôs como instrumento de propiciação, por seu próprio sangue, mediante a fé. Ele queria assim manifestar sua justiça, pelo fato de ter sido deixado sem punição os pecados de outrora,</p> <p>²⁶ no tempo da paciência de Deus; ele queria manifestar sua justiça no tempo presente para mostrar-se justo e para justificar aquele que apela para a fé em Jesus.</p> <p>²⁷ Onde está, então o motivo de glória? Fica excluído. Em força de que lei? A das obras? De modo algum, mas em força da lei da fé.</p> <p>²⁸ Porquanto nós sustentamos que o homem é justificado pela fé, sem a prática da Lei.</p> <p>²⁹ Ou acaso ele é Deus só para judeus? Não é também para as nações? É certo que também das nações,</p> <p>³⁰ pois há um só Deus, que justificará os circuncisos pela fé e também os incircuncisos através da fé.</p> <p>³¹ Então eliminamos a Lei através da fé? De modo algum! Pelo contrário, a consolidamos</p>
---	--

Paulo ao descrever a depravação do ser humano inclui tanto os gentios (não judeus) como os judeus, descrevendo os seus atos que desagradam a Deus, demonstrado nos capítulos 1,18 a 2,29. No capítulo 3,1 – 8, Paulo demonstra a inutilidade da justiça defendida pelos judeus, para a sua autojustificação. Nos versículos de 9 a 20, do capítulo 3, Paulo faz uma espécie de conclusão, que tanto judeus como gentios estão na mesma posição diante de Deus.

A Lei não teria força nessa manifestação da justiça de Deus no caminhar da fé, mas a Lei seria um sinal para a manifestação da justiça de Deus.

No versículo 21 na frase: (δικαιοσύνη Θεοῦ πεφανέρωται) “justiça de Deus revelada”. O verbo revelar é apresentado com outro verbo e com outra conjugação.

- πεφανέρωται – verbo no perfeito do indicativo na voz passiva, terceira pessoa do singular (ela tem sido revelada). Conjugação do verbo φανερώω (trazer as claras, manifestar, mostrar, fazer conhecido, expor, revelar).

Diferente do verbo utilizado em Rom 1,17 (ἀποκαλύπτεται), conjugado no presente do indicativo, o verbo revelar (πεφανέρωται), conjugado no pretérito perfeito, mostra um acontecimento ocorrido no passado, mas que gerou uma consequência no presente.

Segundo Santos e Proença (2018, p. 143), “[...] deixa a impressão de não se tratar de uma revelação específica aos gentios, mas de compreensão de uma nova dimensão das promessas divinas.”.

Paulo, nesse caso da manifestação da justiça Divina, procura mostrar aos seus leitores que a “lei” (νόμου) não tem força nessa justiça, ou que não foi por vontade da “lei”, que a justiça surgiu, mas que tanto a “lei” como os “profetas”, portanto, as próprias escrituras sagradas hebraicas, testemunharam a manifestação dessa nova justiça de Deus, (μαρτυρουμένη ὑπὸ νόμου καὶ τῶν προφητῶν) “testemunhada por meio da lei e dos profetas”.

As duas testemunhas estão presentes, confirmando a justiça de Deus, assim como no processo jurídico exigido pela Torah, que as duas testemunhas validariam a veracidade do caso. Portanto, tanto a Lei como os Profetas, apresentam-se como testemunhas validando a veracidade da justiça de Deus. (POHL, 1997).

No versículo 22, Paulo aponta como a justiça de Deus é manifestada: (δικαιοσύνη δὲ Θεοῦ διὰ πίστεως Ἰησοῦ Χριστοῦ) Justiça, agora, de Deus por meio da fé (em) Jesus Cristo.

- δικαιοσύνη – (substantivo nominativo singular feminino) – justiça;
- δὲ - (partícula conjuntiva) – por outro lado, mas, agora;
- Θεοῦ – (substantivo ablativo singular masculino) – de Deus;
- διὰ - (preposição) – por, por meio de, através de;
- πίστεως – (substantivo genitivo singular feminino) – da fé;
- Ἰησοῦ - (nome próprio, substantivo genitivo singular masculino) – Jesus;
- Χριστοῦ - (substantivo genitivo singular masculino) – Cristo, Messias;

Essa expressão anterior pode ser entendida como uma espécie de uma metáfora, na qual o acesso para a entrada a certo recinto é feita pelo um corredor, por uma passagem de acesso. As palavras “fé” e “Jesus Cristo”, estão ligadas linguisticamente e formam a frase “fé em Jesus Cristo”. Paulo demonstra que sem o acesso, sem Jesus Cristo a fé tem valor zero. (POHL, 1997).

Essa frase se define como o resumo da justificação pela fé, sendo construída com três proposições (de, por meio, em): Justiça, agora, **de Deus por meio da fé (em) Jesus Cristo.**

Nessa frase a forma Jesus Cristo, pode ser tanto no caso genitivo como também no caso dativo. Há tradutores que optaram por “fé” (que é) de Jesus, compreendendo que a justiça de Deus, ou a justificação vem pela fé presente em Jesus. Mas a fé necessita ser manifestada pelo crente: εἰς πάντας τοὺς πιστεύοντας. (SANTOS E PROENÇA, 2018). O termo “fé de Cristo”, não era comum entre os primeiros cristãos.

A leitura “fé de Cristo” depende da suposição de que a fidelidade de Cristo era tema familiar, que a expressão naturalmente evocaria nos destinatários romanos. Mas não há evidência de que este era o tema familiar em outras passagens do cristianismo primitivo. (DUNN, 2003, p. 441).

No prosseguimento do texto, do final do versículo 22 ao final do versículo 24 (FL), “Não há distinção, pois todos erraram e estão privados da glória de Deus, sendo tornados justos gratuitamente pela graça d’Ele através da redenção [existe] em Jesus Cristo”.

O versículo 23 possui eco na tradição de que toda a humanidade está presa ao pecado e a morte, sendo esse eco duplo: primeiro, que o pecado cometido pelo primeiro homem, Adão, o privou da glória de Deus; segundo o papel de ambiguidade da árvore da vida. E essa glória se referia a uma glória perdida ou há uma glória não alcançada? (DUNN, 2003). Ainda segundo Dunn (2003, p. 129), “Como quer que seja, a humanidade ao procurar alcançar a glória de Deus (ser como Deus) perdeu até a participação nessa glória que lhe fora dada originalmente.”.

Paulo procura mostrar a necessidade da justiça Divina, diante da impossibilidade do ser humano, tantos os que seguem a “lei” como também aqueles que não a seguem; pois todos são acusados de erro. Mas diante da acusação que o ser humano traz, Paulo retoma a justiça de Deus pela fé e que através dela o ser humano é livre da acusação que estava em sua vida. Essa fé direciona o ser humano para a graça (χάριτι), uma oportunidade benéfica, um benefício, um ato de favor, presente gratuito, uma provisão misericordiosa, favor livre manifestado por Deus em favor do ser humano. A ação da fé que conduziu o ser humano a ação de Deus, ou seja, a graça; graça essa alcançada pela ação de Jesus Cristo: (διὰ τῆς ἀπολυτρώσεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ) “por meio da libertação em Cristo Jesus”.

A graça (χάρις) é a referência de um acontecimento central, a ação de Deus em Jesus Cristo, ação essa que seria escatológica, sendo que o ser humano a experimenta no presente, como um dom de justificação, originado da graça Divina que a fé se apropria. (HAWTHORNE, MARTIN E REID, 1997).

No versículo 25 (ὃν προέθετο ὁ Θεὸς ἱλαστήριον διὰ [τῆς] πίστεως ἐν τῷ αὐτοῦ αἵματι εἰς ἔνδειξιν) “ele, Deus o colocou como lugar de propiciação por meio da fé do sangue dele”.

- ὃν – (particípio presente ativo nominativo singular neutro) conjugação do verbo εἶμί -; ele estando, existindo, fazendo;
- προέθετο – (verbo aoristo médio indicativo, terceira pessoa do singular) – ele se colocou diante, se apresentou;

- ὁ - (artigo definido) - o
- Θεὸς - (substantivo nominativo singular masculino) - Deus
- ἱλαστήριον – (substantivo acusativo singular neutro) – o propiciatório, lugar de propiciação;
- διὰ - (preposição) – por, por meio de, através de;
- [τῆς] – (artigo genitivo singular feminino) - da
- πίστεως - (substantivo genitivo singular feminino) – fé;
- ἐν – (preposição) – por;
- τῷ - (artigo dativo singular neutro) – para o
- αὐτοῦ - (pronome pessoal ablativo singular masculino, terceira pessoa do plural) – dele;
- αἷματι – (substantivo dativo singular neutro) – sangue.

Essa primeira parte do versículo 25 (FL), “[...] ele a quem Deus colocou como expiação através da fé no seu sangue.” Paulo apresenta Jesus como o instrumento ou lugar apresentado por Deus onde a fé operou. A fé é direcionada a esse lugar que Deus apresentou.

Paulo atenta para o próprio Jesus, nesse versículo. O substantivo (ἱλαστήριον), poderia ser traduzido como “adunação”, morte reconciliatória. Mas há duas formas de usar esse substantivo: 1 – descrição de um sacrificio ou dádiva propiciatória helenística (uma inscrição, um monumento monolítico ou outro objeto); 2 – como o propiciatório do tabernáculo hebreu. (BEALE E CARSON, 2014).

A referência de Paulo à fé também ressalta a ideia de contemporaneidade, que atravessa toda essa passagem: somos justificados aqui e agora num relacionamento vivo com o Senhor ressurreto, qual é o propiciatório. (BEALE E CARSON, 2014, p. 775).

Na continuação do versículo 25 e na primeira parte do versículo 26 (FL), “[...] para demonstração da sua justiça por causa dos erros pretéritos na tolerância de Deus, para demonstração da sua justiça no tempo presente.” Paulo procura demonstrar aos seus leitores a temporalidade da justiça de Deus, pois os erros dos seres humanos foram tolerados antes da manifestação do caminho da fé; essa fé

que direciona para a obra de Jesus Cristo, livrando os seres humanos da culpa, independente do tempo que os erros tachados foram cometidos.

Deus permitiu que os seres humanos vivessem, mesmo com os seus erros. A sua contrariedade com o mal foi percebida nas consciências humanas e as consequências dos erros humanos fossem experimentados, comprovando que a bondade de Deus fosse experimentada antes da obra de Jesus Cristo. Deus necessitou intervir na humanidade com sua justiça através de Cristo, pois os erros humanos atribulavam os fiéis e tornava os demais indiferentes e despreocupados. (POHL, 1997).

No final do versículo 26: (εἰς τὸ εἶναι αὐτὸν δίκαιον καὶ δικαιοῦντα τὸν ἐκ πίστεως Ἰησοῦ) “para ser ele o justo e assim considerar justo por meio da fé (em) Jesus”.

- εἰς - com caso acusativo – em, para, para dentro, até;
- τὸ - (artigo nominativo singular neutro) – o;
- εἶναι – (verbo εἶμί no infinitivo) – ser;
- αὐτὸν – (pronome acusativo singular masculino) – ele ,o;
- δίκαιον – (adjetivo acusativo singular masculino) – justo, reto;
- καὶ - (conjunção ilativa) – e, a saber, e assim;
- δικαιοῦντα – (particípio presente ativo acusativo singular masculino) – considera justo;
- τὸν – (artigo acusativo singular masculino) o;
- ἐκ - com caso ablativo – de, de dentro de, a partir de, por meio de;
- πίστεως – (substantivo genitivo singular feminino) – fé;
- Ἰησοῦ - (nome próprio, substantivo genitivo singular masculino) – Jesus.

Paulo salienta aos seus ouvintes que a fé é a direção a ser tomada, pelo ser humano, para que ele seja considerado justo diante de Deus. A direção da fé aponta a necessidade do ser humano, pois ato de fé, não é ato de méritos da justiça humana, mas méritos da justiça divina. A fé torna-se direção para o mérito do ser humano.

Deus é apresentado como juiz, pois será ele que pronunciará a sentença de liberdade. Mas essa sentença de liberdade não é por causa da justiça do próprio ser

humano, mas sim por da justiça alheia, da justiça Divina. E o acesso a essa justiça se dá fé na obra de Jesus Cristo. (POHL, 1997).

A novidade absoluta de Deus é a anistia concedida a todos (pagãos e judeus), pois o ser humano não pode se salvar mediante suas forças. Deus, que é fiel e verdadeiro, envia seu Filho Jesus para que toda a humanidade se torne justa, não por mérito próprio, mas por pura gratuidade de Deus. Compromisso da humanidade, a partir desse momento, é dar sua plena adesão, mediante a fé, à pessoa de Jesus Cristo. Fica dessa forma estabelecida uma condição, e essa condição se chama fé. (BORTOLINI, 1997, p. 41).

Percebemos a repetição do termo (πίστεως) “fé” no trecho correspondente aos versículos 21 a 26, e Paulo também enfatiza a frase (δικαιοσύνη δὲ Θεοῦ διὰ πίστεως) “justiça de Deus pela fé”, mas especificada em (Ἰησοῦ Χριστοῦ) “Jesus Cristo”. Segundo Dunn (2003, p. 442), “A repetição também dá oportunidade de reintroduzir o temático “todo/todos”: “pela fé... a todos os que crêem.”.

O versículo 27 inicia um novo momento no texto, em que Paulo faz uma espécie de comparação: (Ποῦ οὖν ἡ καύχησις; ἐξεκλείσθη. διὰ ποίου νόμου; τῶν ἔργων; οὐχί, ἀλλὰ διὰ νόμου πίστεως.) “Onde, portanto o orgulho? Foi excluído. Por meio do gênero da lei? Das obras? De modo algum da lei (mas) por meio da fé”.

- Ποῦ - (adverbio interrogativo) – Onde? Para onde?;
- οὖν – (conjunção pospositiva) – pois, portanto, então;
- ἡ - (artigo) – o;
- καύχησις – (substantivo, singular, feminino) – orgulho, jactância;
- ἐξεκλείσθη – (verbo, aoristo indicativo passivo terceira pessoa do singular) - foi excluído, desligado, eliminado, não foi deixado lugar;
- διὰ - (preposição) – por, por meio de, através de;
- ποίου – de que tipo, gênero ou espécie;
- νόμου – (substantivo, genitivo singular masculino) – da lei;
- τῶν – (artigo, genitivo plural neutro) - das
- ἔργων – (substantivo, genitivo plural neutro) – trabalhos, obras;
- οὐχί ἀλλὰ – (adverbio de negação, enfatizando οὐ) – não assim, de modo algum;
- διὰ - (preposição) – por, por meio de, através de;

- νόμου - (substantivo, genitivo singular masculino) – da lei;
- πίστewς.- (substantivo genitivo singular feminino) – fé.

Paulo faz uma comparação de fé com obras da lei. Ele se utiliza de perguntas retóricas para suscitar a compreensão da comunidade cristã. Apesar de logo em seguida ele responder as perguntas. É provável que a comunidade cristã de Roma, fosse formada por gentios (não judeus), em sua maioria, e por judeus em número menor. E poderia existir esse embate entre gentios e judeus, sobre em seguir as normas da lei judaica como parte da integração na comunidade cristã. E não somente isso, mas também os gentios poderiam achar que pelo fato de seguirem leis morais poderia ser suficiente em seu relacionamento com o Divino. Paulo procura refutar essa premissa de que somente as boas ações, ou as práticas das ações prescritas na lei judaica seriam suficientes para a aproximação com o Divino. Para se alcançar a justiça de Deus é necessário a direção da fé.

A “lei” era entendida como o material que Deus comunicara a Moisés, que comunicara ao povo hebreu formando uma aliança com este. Preceitos estes preservados nos primeiros cinco livros da bíblia hebraica. Paulo ao citar a “lei” referia-se a esses escritos fundamentais (HAWTHORNE, MARTIN E REID, 1997).

Percebemos a confirmação da refutação de Paulo no versículo 28: (λογιζόμεθα γὰρ δικαιούσθαι πίστει ἄνθρωπον χωρὶς ἔργων νόμου) “nós concluímos, portanto, o homem permanece aceito (pela) fé diferente das obras da lei”.

- λογιζόμεθα – (verbo, presente do indicativo médio primeira pessoa do singular) – nós presumimos, concluímos, inferimos;
- γὰρ – (conjunção causal pospositiva) – pois, portanto;
- δικαιούσθαι – (verbo, presente passivo infinitivo) – permanecer aceito, aprovado;
- πίστει – (substantivo, dativo singular feminino) – fé;
- ἄνθρωπον – (substantivo, acusativo singular masculino) – o homem;
- χωρὶς – (advérbio) – a parte de, sem mediação de, diferente de;
- ἔργων - (substantivo, genitivo plural neutro) – trabalhos, obras;
- νόμου - (substantivo, genitivo singular masculino) – da lei.

Paulo afirma que a fé em contraposição as práticas da “lei” é a direção do ser humano para a justiça Divina. Poderíamos considerar, após essa afirmação de Paulo, que as práticas da “lei”, seria a direção errada a ser tomada pelos seres humanos. Ele cita a ineficácia da lei, (versículo 21 e 28) “independente da Lei”⁶. Esse rompimento com a jurisprudência da lei judaica e com o judaísmo, em relação a justiça de Deus, acarreta mudanças, pois para o não judeu, não há mais exclusão para justiça de Deus. A lei e o judeu não mais representam a direção a parte dessa justiça de Deus. (POHL, 1997). Mas o que Paulo queria ser referir, aos seus destinatários ao citar as “obras da lei”?

Ao citar “obras da lei”, Paulo refere-se como lei as exigências de atos obrigatórios. Mas Paulo não cita qualquer lei, ao comunicar a comunidade cristã de Roma, Paulo tem em mente a lei judaica, ou a Torá, a lei que foi dada a Moisés para o povo hebreu. Então as “obras da lei” seriam as exigências que o povo hebreu deveria seguir. As “obras da lei” consistia na justiça do povo como parte da sua aliança com Deus e o povo hebreu se tornava um povo especial. “Obras da lei” era a obediência solicitada por Deus ao seu povo, para que pudesse viver como o seu povo escolhido. (DUNN, 2003).

“Obras da lei” é o termo paulino para “nomismo da aliança”, em que as duas palavras são importantes: lei funcionando dentro da aliança e em relação a ela, lei como expressão e salvaguarda da aliança, lei indicando a parte de Israel no acordo graciosamente iniciado por Deus. (DUNN, 2003, p. 410).

Paulo novamente utiliza de perguntas retóricas, respondendo-as depois, no versículo 29 (FL), “Ou será que Deus é somente de judeus? Não [é] também de gentios? Sim também de gentios, [...]”. O apóstolo procura mostrar aos seus ouvintes a universalidade do evangelho, portanto a justiça Divina pela fé não é restrita a somente um grupo, mas é para todos.

No versículo 30: (εἴπερ εἶς ὁ Θεὸς ὃς δικαιώσει περιτομὴν ἐκ πίστεως καὶ ἀκροβυτίαν διὰ τῆς πίστεως) “de fato para Deus o qual tornará justo (a) circuncisão por meio da fé e também (a) incircuncisão por meio da fé”.

- εἴπερ – (partícula) – se de fato, embora realmente;

⁶ Bíblia versão da tradução de Frederico Lourenço

- εἰς – (preposição) – para
- ὁ - (artigo definido) – o;
- Θεὸς – (substantivo nominativo singular masculino) – Deus;
- ὃς – (pronome relativo, nominativo, singular, masculino) – quem, qual, o qual, o que, que;
- δικαιώσει – (verbo, futuro indicativo ativo terceira pessoa do singular) – tornará reto, tornará justo;
- περιτομὴν – (substantivo, acusativo singular feminino) – circuncisão, aqueles que são circuncidados;
- ἐκ - com caso ablativo – de, de dentro de, a partir de, por meio de;
- πίστεως - (substantivo, genitivo singular feminino) – fé;
- καὶ - (conjunção ilativa) – e também;
- ἀκροβυτίαν – (substantivo, acusativo singular feminino) – incircuncisão;
- διὰ - (preposição) – por, por meio de, através de;
- τῆς – (artigo, genitivo singular feminino) – da;
- πίστεως – (substantivo, genitivo singular feminino) – fé.

Paulo argumenta que Deus não se divide entre um ou outro, mas se o ser humano utilizar da direção da fé, esse ser humano alcançará a justiça de Deus. A fé é a direção a ser tomada pelo ser humano, pois as chamadas “obras da lei”, não são suficientes para o alcance da justiça de Deus. Sendo as “obras da lei” suprimidas pelo argumento de Paulo, é demonstrado a comunidade cristã de Roma que a lei judaica não é a direção a ser tomada, mas fé, além de ser a direção para a justiça de Deus, mostra uma divindade que não discrimina ninguém, porque todos os que se aproxima utilizando a direção da fé, encontram a justiça de Deus. A fé, além de ser a direção, ela coloca todos os seres humanos, como iguais diante de Deus.

E Deus deixa de ser um Deus nacionalista, ligado a uma raça, para se tornar o Deus de toda a humanidade. Foram rompidas as amarras que prendiam a uma terra, uma raça, a uma cultura etc. É o Deus de todos, e a humanidade inteira, pela fé em Jesus Cristo, pode ter acesso a esse Deus. A circuncisão e a Lei discriminam. A fé iguala a todos, sem discriminar. (BORTOLINI, 1997, p. 42).

Paulo finaliza essa parte com o versículo 31 (FL), usando novamente uma pergunta retórica e respondendo a mesma, “Anulamos, por conseguinte, a lei através da fé? De forma alguma! Antes pelo contrário: sustentemos [a] lei.”. Ao fechar esse ciclo, Paulo procura mostrar, a comunidade cristã de Roma, que a finalidade da “lei” é demonstrar que a justiça própria é insuficiente para alcançar o padrão da justiça de Deus, portanto a própria “lei” demonstra a direção da fé para o alcance da justiça Divina.

Trata-se de esforço em busca de *acordo* inicial, de base, a *partir do e sobre o* qual se desenvolverá a argumentação. De fato, possível (não há garantias de resultados positivos) sucesso do empreendimento argumentativo depende da somatória da existência desse *acordo*, princípio necessário (é imprescindível que o auditório chegue à concordância quanto à natureza das proposições, dando-lhes *status* de fundamentais ao debate), com a confiança no *êthos* de quem fala e com a qualidade dos procedimentos convenientemente definidos e apresentados, capazes de conduzir o *páthos* à convicção de que as premissas (baseadas no conjunto de crenças e valores do enunciador) pode-se atribuir, por decisão, por escolha deliberada, mesmo estando marcadas pela subjetividade e contingências, o status de fato ou verdades. (FERREIRA, 2011, p. 410).

Paulo traz que se não houver a aceitação sujeita ao estado de culpa penal, que diante de Deus é insolúvel, não poderia haver a sustentação da ideia da manifestação da justiça de Deus em Cristo, que livraria o ser humano pela graça e seria alcançada pela fé. (FERREIRA, 2011). Paulo salienta aos seus destinatários que o caminho da fé seria também um reconhecimento, do próprio ser humano, da impossibilidade da justiça própria na aproximação com Deus.

O que percebemos que nos versículos 27 a 31 Paulo se utiliza de um dos modelos de diatribe, que eram usados pelos cínicos andarilhos que para fazer perguntas assumiam o método socrático, modelos que aparecem também em Sêneca, Epíteto e Plutarco (BROWN, 2012). Ele também afirma, “De forma particular, empenhavam-se na “diatribe”, não um ataque raivoso, mas um discurso pedagógico, caracterizado por estilo informal, perguntas retóricas, paradoxos, apóstrofes etc.”. (BROWN, 2012, p. 158).

Aqui Paulo procurou chamar a atenção da comunidade cristã em Roma, pois utilizou de métodos usados pelos sistemas filosóficos da época, pois Paulo utilizou o método das perguntas retóricas para os seus ouvintes em Roma.

2.1.3 O discurso de fé em Romanos 5,1-5

Quadro Sinótico 3

<p>¹ Δικαιωθέντες οὖν ἐκ πίστεως εἰρήνην ἔχομεν πρὸς τὸν Θεὸν διὰ τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ</p>	<p>¹ Tendo sido, pois, justificado pela fé, estamos em paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo,</p>
<p>² δι' οὗ καὶ τὴν προσαγωγὴν ἐσχήκαμεν [τῆς πίστει] εἰς τὴν χάριν ἐν ἣ ἑστήκαμεν καὶ καυχώμεθα ἐπ' ἐλπίδι τῆς δόξης τοῦ Θεοῦ.</p>	<p>² por quem tivemos acesso, pela fé, a esta graça, na qual estamos firmes e nos gloriamos na esperança da glória de Deus.</p>
<p>³ οὐ μόνον δέ, ἀλλὰ καὶ καυχώμεθα ἐν ταῖς θλίψεσιν, ὅτι ἡ θλίψις ὑπομονὴν κατεργάζεται,</p>	<p>³ E não é só. Nós nos gloriamos também nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a perseverança,</p>
<p>⁴ ἡ δὲ ὑπομονὴ δοκιμὴν, ἡ δὲ δοκιμὴ ἐλπίδα.</p>	<p>⁴ a perseverança a virtude comprovada, a virtude comprovada a esperança.</p>
<p>⁵ ἡ δὲ ἐλπίς οὐ κατασχύνει, ὅτι ἡ ἀγάπη τοῦ Θεοῦ ἐκκέχυται ἐν ταῖς καρδίαις ἡμῶν διὰ πνεύματος ἁγίου τοῦ δοθέντος ἡμῖν.</p>	<p>⁵ E a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.</p>

Para defender a sua argumentação sobre a justiça que provém da fé, no capítulo 4, Paulo cita um dos personagens mais importantes da história de Israel e as suas narrativas estão presentes no Antigo Testamento: Abraão, considerado o pai da nação israelita. No capítulo 5, Paulo inicia argumentando sobre o resultado da fé; versículo 1: (Δικαιωθέντες οὖν ἐκ πίστεως εἰρήνην ἔχομεν πρὸς τὸν Θεὸν διὰ τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ) “Tornados justos, portanto, a partir da fé, mantemos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo”.

- Δικαιωθέντες – (aoristo, voz passiva particípio nominativo plural masculino) – Feito justos, tornado retos;
- οὖν – (conjunção pospositiva) – pois, portanto, então;
- ἐκ - com caso ablativo – de, de dentro de, a partir de, por meio de;
- πίστεως - (substantivo, genitivo singular feminino) – fé;
- εἰρήνην – (adjetivo, acusativo singular masculino) – paz;

- ἔχομεν – (verbo, presente ativo subjuntivo, primeira pessoa do plural) – nós mantemos, nós seguramos;
- πρὸς - (preposição com acusativo) – com;
- τὸν – (artigo, acusativo singular masculino) – o;
- Θεὸν – (substantivo, acusativo singular masculino) – Deus;
- διὰ - (preposição) – por, por meio de, através de;
- τοῦ - (artigo, genitivo singular masculino) – do;
- κυρίου – (substantivo, genitivo singular masculino) – Senhor;
- ἡμῶν – (pronome pessoal, genitivo, primeira pessoa do plural) – nosso;
- Ἰησοῦ - (nome próprio, substantivo genitivo singular masculino) – Jesus;
- Χριστοῦ - (substantivo genitivo singular masculino) – Cristo, Messias.

Nesse versículo aparece a conjunção (οὖν) “portanto”, que Paulo marca uma transição da sua argumentação a respeito da fé para Cristo, que seria o fundamento e origem da fé, pensamento esse que Paulo sugeriu no final do capítulo anterior no versículo 25. (BEALE E CARSON, 2014). O texto de Rm 4,25 (FL) afirma que “ele foi entregue por causa das nossas faltas e foi ressuscitado para a nossa justificativa.”.

O versículo 1 do capítulo 5, a frase (Δικαιωθέντες οὖν ἐκ πίστεως) “feitos justos, portanto, por meio da fé”, enfatiza o início da caminhada do ser humano na salvação. O ato de ser feito justo por Deus não significa que é de uma vez por todas, mas é uma aceitação da parte Divina de uma relação restaurada. Deus continuará a tornar justo ou justificar o ser humano com vista ao julgamento final. Porque sem o processo contínuo da justiça de Deus, tornado justo o ser humano, o caminho para a salvação se tornaria inútil. (DUNN, 2003).

Como falamos anteriormente, a fé é a direção que encaminha o ser humano para a justiça de Deus. A fé acaba sendo instrumento para o ser humano se tornar justo. Ela proporciona resultados aos seres humanos, pois além de alcançar a justiça Divina, tornando o ser humano justo, propicia ao mesmo ser humano uma condição de paz, poderíamos dizer de paz interior, uma certeza de sua aproximação com o Divino. Segundo Hawthorne, Martin e Reid (1997, p. 963): “Esse conceito refere-se a um estado objetivo de paz, não apenas um sentimento de quietude.”.

Paulo usava com certa frequência a forma da palavra (εἰρήνη) “paz”, em suas epístolas. Algumas vezes acompanhado da palavra (χάρις) “graça”, na introdução de

suas epístolas (Rm 1,7; I Co 1,3; II Co 1,2; Gl 1,3; Fl 1,2; I Ts 1,1); utilizando-a também nos finais das epístolas (Rm 15,33; 16,20; II Co 13,11; Fl 4,9; I Ts 5,23). Mas críticos defendem o uso generalizado da palavra (εἰρήνη) “paz”, considerando certo semitismo que traduz a palavra hebraica (שלום) “paz”, não sendo uma certeza, mas uma possibilidade; pois há poucos indícios que as epístolas Greco judaicas da época utilizavam como convenção a palavra paz, mas que Paulo poderia ter tomado emprestado. Paulo para não ser mal interpretado ele não utilizava o termo semítico da palavra. (HAWTHORNE, MARTIN E REID, 1997).

Uma explicação mais plausível é que Paulo consciente criou seu sobrescrito para enfatizar a obra abrangente de Deus: é uma obra de dádiva e perdão gratuitos pela hostilidade anterior. Isso está plenamente de acordo com o uso paulino de linguagem de “paz” em suas principais passagens a respeito da reconciliação e reflete uma formação grega que, neste caso, fala de um objetivo de paz com Deus. (HAWTHORNE, MARTIN E REID, 1997, p. 968).

Paulo defende que fé proporciona em sua totalidade paz abrangente. Era conhecida no século 1 a chamada *pax romana*, que era usado pelo sistema político-militar do império romano, que no ponto de vista histórico ela foi mantida com opressão, domínio pelas armas, instituída pelo castigo e pelo medo. Paulo, ao citar (εἰρήνην) paz, mostra que a (εἰρήνην ἔχομεν πρὸς τὸν Θεὸν) que a paz que mantemos com Deus não possui a força ou garantia do poder do império, mas é uma experiência proposta por Deus para uma nova vida ao ser humano através da fé. (SANTOS E PROENÇA, 2018). A paz concedida por meio da experiência da fé, proporcionando ao ser humano a mudança de estado, sendo que o mesmo ser humano se achava em conflito com a Divindade.

A fé conduz o ser humano, em conflito com a Divindade, em uma nova relação diferente, com a mesma Divindade. Através da iniciativa de Cristo o ser humano, por meio da direção da fé, é conduzido a um estado de reversão de relacionamento. A própria fé o direciona a aproximar-se da Divindade, sendo que esse relacionamento estaria rompido. (LEENHARDT, 1969).

Paulo, no seu desenvolvimento nos textos anteriores analisados, destacou os dois grupos, judeus e gentios, contrapôs ao “fazer da fé” com o “fazer das obras da lei” e o status da justiça universal de Deus. (FERREIRA, 2011).

Essas repetições, enquanto figuras de presença de objeto discursivo, aparecem como estratégias argumentativas de reforço, que tocam a razão e a emoção do auditório várias vezes a respeito de uma mesma questão, em momentos diferentes. (FERREIRA, 2011, p. 435).

A frase (διὰ τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ) “por meio de nosso Senhor Jesus Cristo”, indica que não seria o fazer da fé em si mesmo, ou seja, o direcionamento para a justiça de Deus, mas que essa direção é mediada por alguém ou por algum meio. Nesse caso o genitivo especifica de quem é essa mediação.

Assim, Cristo é o elo [...] que liga a *paz para com Deus*, de um lado, e *nós*, de outro. Trata-se de uma *indicação enfática de instrumento (>meio)*, em que se conecta dois pólos. Cristo é a pessoa *posta entre*, e é por ele que passa o ato apaziguante. (FERREIRA, 2011, p. 435).

Para compreender a amplitude que Paulo intenciona, para a comunidade cristã de Roma, nesse texto, ele afirma que Cristo não só foi o meio para tornar os seres humanos justos, a partir da fé (Δικαιωθέντες οὖν ἐκ πίστεως), mas Cristo foi também o meio de pacificação (εἰρήνην ἔχομεν πρὸς τὸν Θεόν). (FERREIRA, 2011). A obra de Cristo em favor do ser humano, foi realizada de maneira que o ser humano não tivesse nenhum impedimento ao acesso a Divindade. Ele procura demonstrar o estado em que o ser humano se encontra em sua existência, pois a paz que o ser humano tem acesso pela fé, independe de seu estado de exaltação ou humilhação, pois a fé o conduziu a abrir a porta para essa paz. (BARTH, 2016).

O que observamos é a relação que necessita para obter a paz defendida por Paulo nesse texto, uma relação com Cristo, a fé e o ser humano. Poderíamos nesse caso afirmar que a fé seria a condução para o caminho, mas que Cristo seria o condutor dessa condução?

No versículo 2, Paulo prossegue com sua argumentação: (διὸ οὗ καὶ τὴν προσαγωγὴν ἐσχίκαμεν [τῇ πίστει] εἰς τὴν χάριν ἐν ἣ ἑστήκαμεν καυχώμεθα ἐπ’ ἐλπίδι τῆς δόξης τοῦ Θεοῦ) “Por meio de onde, isto é, nós tivemos acesso por meio da fé, para a graça pela qual nós temos confirmado e assim nós exultamos sobre a esperança da glória de Deus”.

- δι - (preposição com genitivo) – através de, por meio de;

- οὗ - (advérbio) - onde, aonde, para onde;
- καὶ - (conjunção ilativa) – e, isto é, a saber, e assim;
- τὴν – (artigo, acusativo singular feminino) - a;
- προσαγωγὴν – (substantivo, acusativo singular feminino) – aproximação, acesso, admissão;
- ἐσχίκαμεν – (verbo, perfeito ativo indicativo primeira pessoa do plural) – nós tivemos
- [τῇ πίστει] – (artigo e substantivo, instrumental singular feminino) – por meio da fé;
- εἰς - (preposição) – para;
- τὴν – (artigo, acusativo singular feminino) – a;
- χάριν – (substantivo, acusativo singular feminino) – graça;
- ἐν – (preposição) – em, entre, com, por;
- ἧ – (prónome relativo, dativo singular feminino) – o qual, a qual, que;
- ἐστήκαμεν – (verbo, perfeito do indicativo ativo primeira pessoa do plural) – nós temos estabelecido, confirmado;
- καὶ - (conjunção ilativa) – e, isto é, a saber, e assim;
- καυχώμεθα – (verbo, presente do indicativo médio primeira pessoa do plural) – nos regozijamos, exultamos;
- ἐπ’ - (preposição com genitivo) – sobre, acima, durante;
- ἐλπίδι – (substantivo, dativo singular feminino) – esperança, expectativa;
- τῆς – (artigo, genitivo singular feminino) – da;
- δόξης – (substantivo, genitivo singular feminino) – glória;
- τοῦ - (artigo, ablativo singular masculino) – do;
- Θεοῦ – (substantivo, ablativo singular masculino) – Deus.

Os versículos 1 e 2 ampliam as argumentações anteriores, pois mostra a centralidade da fé para a justiça de Deus em contraposição efetividade das obras humanas pela “lei”.

Quando judeus e gentios se voltam, se aproximam de Deus esse ato é chamado de fé, sendo uma terminologia da missão cristã primitiva. Essa fé, ganha força no indivíduo, quando a mensagem do Evangelho é ouvida e apresenta a Cristo.

Como mensagem a respeito de Cristo, o Evangelho exige fé, que leva a obediência. A fé dá compreensão da obra de Cristo e acesso ao Espírito de Deus, sendo a fé o instrumento que sustentará o ser humano na caminhada. (SANTOS E PROENÇA, 2018).

A fé nesse caso se torna, também, a direção para a graça, para uma provisão da misericórdia Divina.

A ênfase de Paulo na fé como única maneira com que os seres humanos podem responder à graça de Deus é particularmente enfocada na justificação, mas é pressuposto de tudo o que diz a respeito da salvação. (DUNN, 2003, p. 502).

Em meio ao acesso através da fé, como Paulo compreenderia a questão da graça Divina? A graça Divina, para Paulo, é uma característica ou atitude de Deus que não teria sido revelada anteriormente, como se a Divindade fosse conhecida como colérica, mas que a graça Divina demonstra um Deus totalmente generoso para com a humanidade. (HAWTHORNE, MARTIN E REID, 1997).

A direção da fé se torna uma garantia para o ser humano não fracassar em sua jornada, pois a fé serviria como uma garantia de que a caminhada se completará com sucesso. O ser humano corre o risco de fracassar, mas ao utilizar da fé é tomado de confiança e o gloriar-se, e não se orgulhar, não sendo uma mera vanglória, acaba constituindo uma marca necessária da existência do ser humano, que Deus não permitindo que o ser humano ao utilizar da fé sucumba, mas que através do brilho Divino o ser humano também brilhe e que estando ele em Cristo pela fé, será glorificado. (POHL, 1997).

Paulo procura deixar claro para os seus destinatários que a graça, através da direção da fé, dada por Deus aos seres humanos é como um presente Divino para aos seres humanos terem acesso a essa mesma Divindade. Ele demonstra a importância da fé, pois o ser humano teria a tendência de supor que alcançou o relacionamento com a Divindade através de sua própria força, através de seus próprios méritos, sendo “a graça” um esforço do ser humano através, daquilo que Paulo chama, “obras da lei”, podendo o ser humano glorificar a si mesmo. A fé é o demonstrativo que “a graça” que o ser humano alcançou foi providenciada pela Divindade. A obra foi realizada pela Divindade, o ser humano somente acreditou, creu, alcançou o favor Divino através da fé. (LEENHARDT, 1969).

Sobre a fé e a esperança, ainda, segundo Leenhardt (1969, p.136): “A fé faz com que esplenda tal esperança, por isso que, calcada nessa esperança, se volta para com o Deus da promessa.”. Temos aqui a fé a esperança e a graça. Paulo afirma que a fé colocada em Cristo e em sua obra terrena, resulta no acesso a graça e a esperança da glória Divina. (FERREIRA, 2011).

Finalizando a nossa análise do texto de Romanos, temos os versículos de 3 a 5:

Mas não só: também nos gloriamos nas aflições, sabendo que a aflição produz perseverança; e a perseverança, por seu lado, prova [de caráter]; e a prova [de caráter], esperança. A esperança não envergonha, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações através de um espírito santo que nos foi dado.⁷

A fé ao produzir no ser humano a esperança, coloca esse mesmo ser humano em um mundo diferente ou em uma nova condição, em um mundo iniciado por Cristo, um mundo misterioso que o coloca em conflito com o mundo em que ele presencia, que podemos chamar de velho mundo. A esperança produzida pela fé suscita uma contradição para como o atual momento. (LEENHARDT, 1969). Ainda, segundo Leenhardt:

Entretanto a contradição, até mesmo dolorosa, entre o que se espera e o que existe na atualidade, entre o que se é e o que se virá a ser, não pode deixar de encaminhar o crente ao poder único dotado da capacidade de triunfar desse conflito, conflito em que esse poder está empenhado. (LEENHARDT, 1969, p. 137).

Os termos que derivam a fé do confronto com as realidades contraditórias, são descritas em três termos: constância, firmeza e esperança.

A contradição com que se defronta a fé primeiro lhe põe em jogo a própria existência, a estabilidade, a constância. Depois, se não conseguiu abater a fé no primeiro choque, ameaça dela fazer uso; põe-lhe à prova solidez. Esta dupla ameaça, constantemente renovada, obriga a fé a voltar-se firmemente para Aquele que, havendo feito a promessa, possui também o poder de leva-lo a cabo. (LEENHARDT, 1969, p. 137).

⁷ Bíblia versão da tradução de Frederico Lourenço

Se analisarmos por um lado as realidades que contradizem, e podemos colocar aqui as tribulações, elas poderiam ser um movimento que teriam poder de anular a fé. As tribulações esmagariam a fé, mas devemos entender tribulações como síntese, tanto que ela pode ser interior como exterior da própria comunidade cristã. Mas as tribulações conjugadas com a fé, tem a capacidade de produzir correntes de reações positivas. (POHL, 1997). Aquilo que poderia agir desfavoravelmente a fé pode ser um motivo para o próprio fortalecimento dela.

A fé que o ser humano adquiriu como direção, exige a paciência; e a combinação da paciência com a esperança pertence a tradição do martírio (4Mac 17,4; Rm 12,12; 15,4). (BERGER, 1998). Paulo realiza uma associação nos versículos analisados de 2 a 5, as quais provém da tradição do martírio: tribulação, perseverança, prova de caráter (virtude comprovada) e esperança. O ser humano que se utiliza da fé, a sua esperança é a esperança da fé. A esperança pode ser comparada com a fé, pois não depende da situação humana, mas da meta que é apresentada pela Divindade. Pois essa esperança não baseada na ação humana e sim na ação de Deus pelo seu Espírito, que a Divindade concede ao ser humano. (BARTH, 2016). Ainda, segundo Barth:

O “*Espírito Santo*” é a obra de Deus na fé, o poder criador e redentor do reino dos céus, que, tendo se aproximado [cf. Mt 4,17], tange na fé o ser humano e seu mundo, fazendo-o ressoar como um copo. Ele é o eterno sim, que compõem o conteúdo da fé, que considerada temporalmente só pode ser descrita como negação, como vacuidade. Ele é aquilo que é milagroso, inicial e criador na fé, o que é idêntico a Deus, devido ao qual Deus atribui justiça ao crente. (BARTH, 2016, p. 183).

A fé é uma espécie de ação dada por Deus aos seres humanos, mas essa ação não é realizada unicamente pelos seres humanos, mas acaba sendo uma ação conjunta com o Espírito Divino. Deus age em conjunto com os seres humanos através da fé. A fé, além de ser a direção para o ser humano encontrar-se com o Divino, a fé se torna uma espécie de garantia para a esperança.

Percebemos que nesse trecho analisado, Paulo procura manter a conjugação dos verbos na primeira pessoa do plural, como exemplos os versículos 1 e 2: (ἔχομεν) “nós mantemos”; (ἔσχίκαμεν) “nós tivemos” ou “nós confirmamos”; (καυχώμεθα) “nos regozijamos.

Segundo Berger (1998, págs. 278-249), “O ‘eu’, como tipo da existência cristã. [...]. Aí Paulo fala, em estilo autobiográfico, de experiências pessoais que têm caráter universal e típico. [...] Da mesma maneira devem ser entendidos o estilo de ‘nós’ em Rm 5,1-11.”. O texto analisado no início do capítulo 5, é considerado com argumentação epidíctica. Na verdade, todo o capítulo 5 é considerado com essa argumentação. Textos epidícticos seriam textos demonstrativos.

Tencionam impressionar o leitor, para fazê-lo sentir admiração ou repulsa; sua sensibilidade para valores é abordada na esfera pré-moral. Epidícticos são aqueles textos que pintam e representam coisas, pessoas ou acontecimentos. São descritivos, narrativos, copiam um quadro, criam uma imagem. O nome vem do grego *epidéiknymi* = indicar, apontar. (BERGER, 1998, p. 21).

A argumentação epidíctica nos textos do Novo Testamento costumam se basear em textos bíblicos, mas a texto analisado no capítulo 5 possuem aspectos independentes do uso bíblico.⁸ Além de ser um texto epidíctico também pode se um texto de gênero dicânico.⁹ (BERGER, 1998).

Paulo procura demonstrar a comunidade cristã de Roma, o valor sublime que a fé pode levar os seus ouvintes, sendo que a fé pode ser experimentada por qualquer ser humano. A fé torna-se a direção certa para percorrer o caminho, pelo fato de ser a ação conjunta entre a Divindade e o ser humano.

No próximo capítulo analisaremos o discurso de fé desenvolvido na epístola aos Hebreus. Se pelo ponto de vista de Paulo, a fé seria uma direção a ser tomada, qual seria o ponto de vista do autor da epístola aos Hebreus?

⁸ Em quase todas as argumentações epidícticas acabam tratando de questões de exclusão de algo, na estrutura de “não isso, mas aquilo”, explicando que algo tem mais direitos sublimes ou maior valor em comparação com outro, insinuando assim uma decisão. Mas o principal foco da argumentação epidíctica é a comparação de duas realidades e a apresentação do valor superior.

⁹ O texto dicânico tem a finalidade de conduzir o leitor, através de uma sugestão ou argumentação a uma decisão que está em disputa; o texto dicânico em assunto polêmico trata-se do “sim” ou “não”, trata de divisão e decisão.

3. O DISCURSO SOBRE FÉ EM HEBREUS: TESTANDO A TEOLOGIA PAULINA

3.1 Análise do discurso de fé em Hebreus

Faremos as análises dos textos bíblicos, na epístola aos Hebreus, sobre o discurso de fé. Nas análises usaremos os quadros sinóticos nas comparações dos textos selecionados e utilizaremos, na coluna da esquerda, a versão grega (VG) e em português, na coluna da direita, a versão da Bíblia de Jerusalém (BJ). Em outras análises, fora do quadro sinótico, utilizaremos a Bíblia com a versão da tradução de Frederico Lourenço (FL).

3.1.1 *Introdução aos textos da análise*

A epístola aos Hebreus inicia, com a abordagem da utilização de Deus para a sua comunicação com os seres humanos, de acordo com 1,1 a 4.

Nos trechos seguintes é salientado um desenvolvimento cristológico. O autor aborda a superioridade da pessoa de Jesus Cristo, sendo ele considerado como o Filho de Deus, superior aos anjos e sendo apresentado como sumo sacerdote, de acordo com os capítulos 1,1 a 2,18.

O escrito apresenta Jesus como superior a Moisés e faz uma exortação ou advertência aos seus leitores, de acordo com os capítulos 3,1 a 4,13.

Há a retomada da superioridade do sacerdócio de Cristo, que o próprio escrito utiliza o exemplo do personagem Melquisedeque. Nesse trecho o escrito volta a fazer exortações com palavras de encorajamento, de acordo com os capítulos 4,14 a 7,28.

Com a ideia da superioridade do sacerdócio de Cristo, a abordagem se volta para a superioridade do ato sacrificial de Jesus como um ministério exercido no tabernáculo celeste sendo uma nova aliança inaugurada, de acordo com os capítulos 8,1 a 10,18.

O escrito nesse momento realiza uma transição que inicia o assunto sobre a fé, de acordo com o trecho de 10,19 a 35.

Antes da análise do texto escolhido de Hb 11,1-3, essa presente pesquisa, verificou a necessidade de uma análise resumida do trecho anterior: Hb 10,36-39. O autor escreve o seguinte trecho em 10,36 - 39 (FL):

Pois tendes necessidade de perseverança, para que, tendo cumprido a vontade de Deus, alcanceis a promessa. Pois ainda *um pouco, quão pouco!* – *O que vem virá e não tardará. O meu justo viverá a partir da fé; e se voltar a atrás, nele a minha alma não se agrada.* Mas nós não somos [pessoas] de retrocesso [vocacionadas] para a perdição, mas [pessoas] de fé para a preservação da alma.

Após apresentar situações de dificuldades que a comunidade cristã, destinatária dessa epístola, enfrentou, o escrito procura lembrar a comunidade cristã pela perseverança que conquistaram diante de tais situações. O escrito procura também incentivá-los a essa necessidade da perseverança.

Era provável que os integrantes da comunidade destinatária de Hebreus foram publicamente expostos, sendo tais cristãos “marcados”, estigmatizados por levaram o nome de cristãos. Por esse motivo, muitos dos que faziam parte da comunidade se afastaram. (LAUBACH, 2000).

A epístola aos Hebreus, procura demonstrar a comunidade destinatária, que as situações que eles enfrentam, são situações momentâneas e que por causa dessas situações que a comunidade enfrenta, eles terão recompensas melhores daquelas que eles perderam.

A ideia de recompensa poderia trazer a mente uma expectativa de juízo e toda a ação de cada ser humano pode trazer-lhes consequências de salvação ou de condenação. (LAUBACH, 2000).

O escrito procura demonstrar e relação de perseverança com fé, ou podemos relacionar como “fé perseverante”. Poderíamos dizer que a fé é dotada de um novo ingrediente, a perseverança. Segundo Vasconcellos (1991, p. 76), “[...] a aposta no seguimento de Jesus exige perseverança e certeza sobre aquilo que realmente vale a pena.”.

O que esse novo ingrediente, perseverança, acrescentaria a direção da fé?

A paciência, gerada pela fé perseverante, se torna essencial na vida daqueles que tomam a direção da fé, pois a paciência é aprendida nas situações difíceis, em

momentos de tribulações. Mas a paciência para ser resistente necessita ser alimentada pela esperança. (LAUBACH, 2000).

Esse ingrediente, que podemos dizer, é acrescido a fé, produz efeitos no ser humano que o levam a prosseguir no caminho da fé. Mas ao tomar a direção da fé, poderíamos pressupor, que o ser humano, necessita olhar, por vezes, na direção do caminho, para tentar chegar nos pontos, nas referências que esse caminho oferece. Esses pontos e referências poderiam ser a esperança?

Antes e depois das citações do Antigo Testamento a epístola aos Hebreus estrutura em marcas destacadas dois elementos da parênese, que são a perseverança, mencionado no versículo 36 e a fé mencionado no versículo 39. O escritor de Hebreus traz a memória as experiências adversas que aquela comunidade enfrentou e procura exortá-la a não esquecer essa experiência e a ter perseverança. (ADRIANO FILHO, 2001). Ainda segundo Adriano Filho (2001, p. 169), “Hebreus transforma-a num paradigma de ação para seu presente e para o futuro imediato.”.

Nos versículos 37 e 38 é citado dois textos do Antigo Testamento, sendo que um deles foi citado no capítulo anterior, na análise de Romanos 1,16 e 17. As citações do Antigo Testamento encontram-se em Isaías 26,20 (BJ): “Eia, povo meu, entra nos teus aposentos e fecha tuas portas sobre ti; esconde-te por um pouco de tempo, até que a cólera tenha passado.”. A outra citação encontra-se em Habacuque 2,3 e 4 (BJ), “ Porque é ainda visão para tempo determinado: ela aspira por seu termo e não engana; se ela tarda, espera-a, porque certamente virá, não falhará! Eis inflado de orgulho aquele cuja mão não é reta, mas o justo viverá por sua fidelidade.”.

O escrito procura harmonizar os dois textos do Antigo Testamento no trecho exortatório do capítulo 10, apresentando certa tensão escatológica. O componente principal apresenta a tensão entre o “agora” e o “ainda não”, inerente a escatologia do autor da epístola. A orientação destacada é que aquela comunidade teria o desafio, dentro de uma época de tensão, viver pela fé, refletindo uma proeminente perspectiva das comunidades cristãs primitivas, enfatizada pela esperança e o viver pela fé. (BEALE E CARSON, 2014).

As dificuldades que a comunidade aos Hebreus enfrentava não seria algo novo para o cristianismo primitivo, mas algo esperado e algo que fazia parte do

caminhar pela fé e aquela comunidade já vivenciava o tempo escatológico. Segundo Adriano Filho (2001, p. 169), “A exortação contém um apelo à Escritura (10,37-38) que envolve a citação de Isaías 26,20 e Habacuque 2,3b-4 e apresenta a fé pela qual o ‘justo vive’ dentro de uma estrutura escatológica.”.

Notamos que a epístola aos Hebreus procura chamar a atenção para a presente situação da comunidade, procurando exortá-los e anima-los, porque a sua caminhada, a sua peregrinação por mais difícil que possa ser, essa peregrinação chegará ao fim, por isso o presente, ao atual momento da comunidade necessita da ação da fé para prosseguimento ao futuro fim da caminhada. O capítulo 11 exemplifica bem essa experiência, ao apontar a ação da fé nos antepassados.

O escrito utiliza-se desses textos proféticos do Antigo Testamento para demonstrar a comunidade cristã que ela está vivendo nas últimas eras, pois é certo que a volta de Jesus Cristo ocorrerá. Por essa certeza é necessário que a comunidade se utilize da fé e também da esperança com perseverança, enquanto essa volta não acontece. (VASCONCELLOS, 1991).

Percebemos que a esperança entra como um ingrediente junto com a fé. A esperança se torna uma ferramenta para a fé do ser humano, contribuindo para o seu desenvolvimento. A esperança torna-se uma espécie de força propulsora da fé. O ser humano que alcançou a justiça pela direção da fé será aquele que percorrerá o caminho e chegará até o fim. Mas o ser humano que abandona essa direção, ou nem ao mesmo segue essa direção, será considerado culpado diante da Divindade. Para a epístola aos Hebreus na comunicação para aquela comunidade cristã, a fé é a certeza da direção correta e também a certeza da chegada final do caminho. (LAUBACH, 2000).

O autor utiliza-se do vocábulo fé, no final do capítulo 10, para expor no capítulo 11 o conceito de fé em sua introdução e demonstrar as consequências geradas nos antepassados do povo hebreu. Segundo Vanhoye (1983, p.36), “A palavra ‘fé’ serve de gancho para fazer a transição entre 10,39 e 11,1.”.

No final do capítulo 10, o texto chama a atenção de seus destinatários com uma admoestação, que procura causar um efeito em seus leitores e ouvintes, demonstrando a necessidade de mudança daquela comunidade cristã primitiva, em consideração ao seu atual estado.

O texto utiliza de argumentações simbulêuticas, uma forma simples de admoestação, que pretende fazer o ouvinte ou leitor a agir ou omitir uma ação. Em 10,36, a argumentação que mostra o nexos entre o ato e seus possíveis efeitos, demonstra a recompensa e a promessa da recompensa. No versículo 37, argumenta sobre algo a ser esperado em breve. Na admoestação fundamentada, o versículo 39 demonstra uma fundamentação pela proximidade da parusia ou a volta de Jesus Cristo, que a partir do versículo 36 com a alusão de proximidade do esperado fim a função é exortar a perseverança, incentivando a paciência perante as situações difíceis. Esse trecho também pode ser classificado de Admoestações de esquema ato—efeito, com promessas condicionais de salvação, e tem a sequência de um imperativo com uma promessa de salvação no futuro. No versículo 39 temos a admoestação protréptica que tem o caráter de exortação para afastamento e para diferenciar de outros. (BERGER, 1998).

3.1.2 O discurso de fé em Hebreus 11,1-3

Quadro Sinótico 4

<p>¹ Ἔστιν δὲ πίστις ἐλπίζομένων ὑπόστασις, πραγμάτων ἔλεγχος οὐ βλεπομένων.</p>	<p>¹ A fé é a garantia dos bens que se esperam, a prova das realidades que não se veem.</p>
<p>² ἐν ταύτῃ γὰρ ἐμαρτυρήθησαν οἱ πρεσβύτεροι.</p>	<p>² Foi ela que valeu aos antigos seu belo testemunho.</p>
<p>³ Πίστει νοοῦμεν κατηρτίσθαι τοὺς αἰῶνας ῥήματι Θεοῦ, εἰς τὸ μὴ ἐκ φαινομένων τὸ βλεπόμενον γεγονέναι.</p>	<p>³ É pela fé que compreendemos que os mundos foram organizados por uma palavra de Deus. Por isso é que o mundo visível não tem sua origem em coisas manifestas</p>

As observações do final do capítulo 10 nos conduzem ao capítulo 11. No versículo 1 do capítulo 11 temos o texto: (Ἔστιν δὲ πίστις ἐλπίζομένων ὑπόστασις, πραγμάτων ἔλεγχος οὐ βλεπομένων) “A fé, portanto, é uma impressão segura de coisas feitas que se esperam, uma convicção segura (do que) não se veem.”.

- Ἔστιν – (verbo, presente ativo do indicativo, terceira pessoa do singular, do verbo εἶμι) - Ele/ela é
- δέ - (partícula adversativa) – porém, no entanto, também;
- πίστις – (substantivo, nominativo singular feminino) - fé
- ἐλπίζομένων – (presente passivo particípio genitivo plural neutro) – se esperam;
- ὑπόστασις – (substantivo, nominativo singular feminino) – uma impressão segura, uma concretização intelectual, alicerce, fundamento, base;
- πραγμάτων – (genitivo plural neutro) – coisas feitas, fatos, feitos, obras;
- ἔλεγχος – (nominativo singular masculino) – um teste como objetivo de comprovar, uma prova, uma convicção segura;
- οὐ - (advérbio de negação) – não;
- βλεπομένων – (presente passivo particípio genitivo plural neutro) – se contemplam, se olham, se veem.

A definição do vocábulo “fé”, que o escrito apresenta aos seus destinatários e procura demonstrá-lo, apresenta-se como o profundo significado da palavra que definia o instrumento de crença daquela comunidade cristã.

Ao lermos, não somente o início do capítulo 11, mas os seus quarenta versículos, a palavra “fé” ganha destaque pela sua continua repetição em todo o capítulo, caracterizando a palavra de exortação do autor aos seus destinatários. Segundo Vanhoye (1983, p. 36), “A palavra ‘fé’ já bastaria sozinha para caracterizar a seção, pois é repetida como um refrão.” O texto faz uma entusiasmada exposição do assunto, usando a exposição como gênero literário, sem explicitamente recorrer aos ouvintes. (VANHOYE, 1983).

Na literatura do Novo Testamento, o vocábulo “fé” é mais presente que na literatura do Antigo Testamento, portanto, não haveria, uma definição direta e até usaríamos classificar como exata do que significaria a fé, como o autor da epístola aos Hebreus definiu. É difícil encontrarmos essa definição em outra parte da literatura bíblica. Talvez, poderíamos citar as palavras de Jesus nos evangelhos; como exemplo, a narrativa encontrada em Mt 21,18–22 e também em Mc 11,20–25, a narrativa da figueira estéril, que o próprio Jesus manifestou o seu poder aos

discípulos fazendo uma árvore secar-se completamente; os discípulos indagaram a Jesus sobre esse acontecimento, e encontramos uma provável definição, podemos dizer, indireta do vocábulo “fé”, que Jesus respondeu aos seus discípulos, em Mt 21,21 (BJ), “Jesus respondeu: ‘Em verdade vos digo: se tiverdes fé, sem duvidar, fareis não só o que fiz com a figueira, mas até mesmo se disserdes a esta montanha: Ergue-te e lança-te ao mar, isso acontecerá’.”. Essa mesma resposta é apresentada no evangelho de Mc 11,22 (BJ), “Jesus respondeu-lhes: ‘Tende fé em Deus’.”.

Além dessa citação há outras nos evangelhos sobre fé. Poderíamos supor que essa definição indireta, citada acima, apresentaria a fé como uma espécie de poder, mas também de crença. Uma apresentação mais para o lado prático da fé. A epístola aos Hebreus também procura definir a fé de maneira mais experiencial, para uma questão mais vivencial citando exemplos de personagens da literatura do Antigo Testamento.

O texto procura definir intelectual e teoricamente o conceito que ele entende por fé, sendo, talvez, a única definição desse conceito em toda a literatura bíblica. Mas a epístola aos Hebreus não faz um acréscimo detalhado do termo fé, aliás ele define sua assertiva teológica utilizando de exemplos dos escritos do Antigo Testamento para explicar o que seria a fé. O escrito procura explicar aos seus destinatários o que seria o conceito de fé, através de exemplos da própria literatura bíblica. (LAUBACH, 2000).

Definir o termo exato do vocábulo fé no escrito aos Hebreus, necessita analisar outros dois vocábulos utilizados pelo escrito nessa passagem. O substantivo “hipóstasis” (ὑπόστασις), que em um sentido de ação, pode significar colocar debaixo ou permanecer debaixo, significando constância, segurança e confiança. No sentido de objeto, significaria como um piso ou uma base firme.

Nos escritos do Novo Testamento o substantivo (ὑπόστασις), aparece cinco vezes. No versículo 1 o termo mais provável seria confiança em sentido de ação. Os pais da Igreja entendiam esse termo como essência ou realidade, mas tal interpretação deixaria um pouco fora do contexto. O autor da epístola procura uma atitude, uma ação interior dos seus destinatários. (KUSS E MICHL, 1977).

O outro vocábulo para definição da palavra fé, segundo o autor de Hebreus, seria “élenchos” (ἔλεγχος), o seu sentido seria argumento, sentido que, em seu

contexto, giraria em torno da disposição de cada indivíduo. Segundo Kuss e Michl (1972, p. 231, tradução nossa), “Todavia bem poderia usar respeitando o sentido original, com o significado de convicção.”.

O conceito de fé apresentado pelo autor de Hebreus, no versículo 1, seria a convicção de uma segurança, um argumento de confiança. Mas esse vocábulo pode apresentar outros conceitos além dos já explicitados acima. O conceito fé possui vários desdobramentos e diversas concepções da relação entre fé, razão e existência, certeza e opinião, dúvida e crença, a ideia de Deus como realidade última e etc. Esse conceito ganha uma dimensão do ser em si mesmo, uma perspectiva da situação vivencial do ser humano. Em seu pensamento, o conceito de fé pode ser compreendido como uma preocupação última. (TILLICH, 1980). Ainda, segundo Tillich (1980, p. 7), “Fé é o estado em que se é possuído por algo que nos toca incondicionalmente.”.

A fé, além das abordagens nas análises dos textos da epístola aos Romanos, a fé como uma direção, a epístola aos Hebreus acrescentaria que a fé além de ser uma direção se torna uma direção segura? Fé seria um conceito de confiança inabalável, por parte do ser humano, de que Deus há de cumprir suas profecias e promessas. Fé também poderia ser classificada como uma espécie de convencimento no interior do ser humano, convencimento esse concedido pela Divindade sobre a realidade de Deus e do mundo. O ser humano que se utiliza da direção da fé possui uma perspectiva nova sobre a realidade Divina. Através da direção concedida pela fé, aquilo que seria incompreensível e até contraditório para o ser humano torna-se uma realidade, pois o mundo eterno da Divindade torna-se uma realidade para o ser humano. (LAUBACH, 2000).

A epístola aos Hebreus define fé como uma capacidade, um olhar especial sobre os acontecimentos futuros, sobre questões improváveis, uma visão que somente o indivíduo com fé percebe. Segundo Datter (1980, p.143), “A fé é uma faculdade de visão, ou melhor, uma espécie de sentido interior que nos faz ver, com evidencia inabalável, coisas que para os que não possuem fé simplesmente não existem e nem podem existir.”.

Sendo o autor da epístola conhecedor da teologia judaica, e tendo a possibilidade de que seus destinatários fossem judeus convertidos ao cristianismo, percebemos que o escrito procura definir uma característica diferente sobre fé, pois

o entendimento judaico relaciona fé com fidelidade. Segundo Adriano Filho (2001, p. 50), “[...] o uso da palavra fé em Hebreus 11, cujo significado está relacionado com a compreensão judaica de fé com fidelidade, firmeza e confiança em Deus.”.

Os destinatários da epístola poderiam ter um conceito de fé, não errado, mas talvez limitado e incompleto. O escrito procura aprofundar esse conceito em seus destinatários, apresentando um significado mais profundo, que a fé não seria somente uma questão de momento para uso no presente, mas também para utilização para aquilo que haveria de acontecer.

Hebreus, entretanto, apresenta uma outra característica para a fé ao conectá-la com a escatologia, algo que fica evidente na afirmação de 10,39: “Nós, porém, não somos daqueles que recuam para a perdição, mas daqueles que crêem para a conservação da alma”. Este componente escatológico ajuda a definir o significado de “coisas não vistas” mencionado em 11,1 [...]. (ADRIANO FILHO, 2001, p. 50).

No comentário da Bíblia de Jerusalém (1998), sobre o versículo 1, apresenta-se como uma espécie de definição teológica do conceito fé, sendo uma posse e conhecimento seguro das realidades celestes. Uma fé orientada para o futuro. O interesse do autor da epístola em apresentar a conceituação de fé, é porque nos versículos seguintes ele procura mostrar que pelo ponto de vista do cristianismo, o ser humano possui a norma no futuro escatológico no sobrenatural e no transcendente. (KUSS E MICHL, 1977).

Em sua intenção parenética, o autor de Hebreus procura dar ênfase nessa relação de fé com a esperança. Segundo Kuss e Michl (1977, p. 233, tradução nossa), “A fé no sentido da epístola aos Hebreus consiste em deixar-se penetrar pela realidade de Deus, [...]”. Essa realidade permitida pela direção da fé, seria distinta da realidade humana. A atitude do indivíduo seria transformada e o próprio indivíduo teria capacidade de olhar, de captar o futuro escatológico.

Tal atitude imprime uma orientação própria de toda a vida, e se traduziria em obediência, paciência e constância. A fé capta a manifestação futura da salvação e o fato mesmo de encontrar-se em uma esfera não acessível dos conhecimentos normais do ser humano. (KUSS E MICHL, 1977, p. 233, tradução nossa).

A fé se apresenta como uma direção segura. O olhar do indivíduo que usa essa direção é para o futuro, que ele poderá conduzi-la seguramente para o destino final.

No versículo 2, temos o texto: (ἐν ταύτῃ γὰρ ἔμαρτυρήθησαν οἱ πρεσβύτεροι) “Em relação a esta (isto), portanto, os ancestrais foram testificados.”.

- ἐν – (preposição, dativo) – em, em relação a;
- ταύτῃ - (pronome demonstrativo, dativo, singular, feminino) – esta;
- γὰρ – (conjunção causal pospositiva) – pois, portanto;
- ἔμαρτυρήθησαν – (verbo, aoristo do indicativo passivo terceira pessoa do plural) - eles foram testemunhados, testificados;
- οἱ - (artigo, nominativo plural masculino) – os;
- πρεσβύτεροι – (substantivo, nominativo, plural, masculino) – ancestrais, patriarcas.

A epístola aos Hebreus chama a atenção dos seus destinatários para as histórias e narrativas de vida dos antepassados, histórias essas narradas nas Escrituras Hebraicas (Antigo Testamento). Ao citar a frase (ἐν ταύτῃ) “Em relação a isto”, o autor da epístola prossegue o seu assunto sobre fé, pois a frase “em relação a isto” seria em relação a fé, tema esse apresentado do versículo anterior. Poderíamos traduzir esse texto da seguinte maneira: “Foi a fé, portanto, que comprovou o testemunho dos antepassados”.

O escrito exemplifica, no versículo 2, o que ele afirmou no versículo 1, pois a fé, que a história dos antepassados narradas nas Escrituras Hebraicas é a mesma fé da “convicção segura (do que) não se veem”; o autor da epístola exemplifica e afirma que os antepassados compreendiam o futuro, mesmo que essa existência não fosse a existência presente, portanto, pela direção da fé eles enxergavam, viam o futuro que eles aguardavam.

Eles enxergavam coisas futuras as quais por serem futuras, não podiam ter existência na vida deles. E não só: eles as enxergavam com evidencia tal que acreditavam mais naquelas coisas do que nas realidades que os cercavam. (DATTER, 1980, págs. 143 a 144).

Para o escrito os exemplos dos antepassados serviriam de comprovação dos resultados da direção da fé e não somente isso, mas também de inspiração para a comunidade cristã que a epístola foi destinada. A fé nesse caso é um abrir dos olhos para uma realidade preparada pela Divindade para o ser humano. Através da fé a Divindade manifesta-se ao ser humano.

Quando o ser humano, através da fé, volta o seu olhar para a Divindade, é proporcionado ao ser humano enxergar uma realidade invisível, realidade essa que se torna patente aos sentidos humanos. A experiência da realidade com Deus é possível através do caminho da fé. Mas essa experiência humana com a Divindade só é possível pela direção da fé. (LAUBACH, 2000).

Diante dessas afirmações da epístola, poderíamos propor uma pergunta, que a princípio, poderia ficar sem respostas ou obter diferentes respostas para a proposição: A fé, apresentada pelo escritor de Hebreus, seria uma questão de possessão, portanto, possuir a fé, ou seria uma questão de ação, portanto, agir através da fé? Segundo Adriano Filho, (2001, p. 51), “Hebreus nunca afirma que os heróis têm fé, mas que eles agem pela fé ou por meio dela, sendo algumas vezes recipientes passivos do que lhes acontece pela fé.”.

Poderíamos afirmar que a fé é uma direção ativa, pois o ser humano age através da fé e ao mesmo tempo uma direção passiva, pois as ocorrências especiais acontecem na vida do ser humano por meio da fé. O ser humano age por meio da fé e as manifestações Divinas ocorrem da vida desse mesmo ser humano também por meio da fé. A exemplo dos antepassados, o autor da epístola procura demonstrar aos seus destinatários que a fé, sendo uma convicção segura do que não se veem, capacitou os antepassados a manter a confiança nas promessas Divinas, mesmo diante de situações contrárias. (ADRIANO FILHO, 2001).

Percebe-se nessa apresentação do texto o aspecto escatológico, pois além das questões da ação e da passividade da fé, percebemos que os antepassados através da manifestação da fé, foram aprovados pelo fato de terem a capacidade de olharem, através da fé, e anteciparem o futuro, de conhecer eventos que ainda não acontecerem. Segundo Adriano Filho, (2001, p. 51), “Eles demonstram conhecer os eventos futuros, mesmo quando não podem ver os eventos que ultrapassam o seu tempo de vida.”.

O ser humano que se utiliza da direção da fé é capacitado a compreender os acontecimentos futuros, mesmo que as situações presentes apontem para a impossibilidade e improbabilidade do que se espera irá ocorrer. A fé torna-se um componente de força, diante de situações adversas. Um componente de força no presente para a caminhada em direção ao futuro.

Uma nova expressão para uma afirmação básica, que o escrito apresenta, convicto de que as revelações dos últimos tempos coincidem com as revelações dos antepassados, e sendo a ação da mesma Divindade, é esperada do ser humano somente uma reação, a fé. Os antepassados que foram favorecidos com as revelações do que estava para acontecer, agiram pela fé, constituindo um modelo para os destinatários da epístola. (KUSS E MICHL, 1977).

De forma geral, o autor da epístola cita os antepassados no versículo 2, mas a partir no versículo 4, de maneira nominativa, será exposto, o que pela fé, esses mesmos antepassados foram capazes de realizar.

No versículo 3, temos o texto: (Πίστει νοοῦμεν κατηρτίσθαι τοὺς αἰῶνας ῥήματι Θεοῦ, εἰς τὸ μὴ ἐκ φαινομένων τὸ βλεπόμενον γεγονέναι.) “ (Pela) fé nós entendemos (que) os mundos terem sido modelados por ordem (de) Deus, de maneira (que) o que tenha surgido por meio de que não se veem tenha-se tornado. ”.

- Πίστει - (substantivo, dativo singular feminino) – fé, persuasão sólida;
- νοοῦμεν – (verbo, presente do indicativo ativo, primeira pessoa do plural) – nós entendemos, compreendemos, percebemos;
- κατηρτίσθαι – (verbo, perfeito passivo infinitivo) – ter sido modelado;
- τοὺς – (artigo, acusativo plural masculino) – os;
- αἰῶνας – (substantivo, acusativo plural masculino) – mundos, eras, épocas, as presentes ordens da natureza;
- ῥήματι - (substantivo, dativo singular neutro) – por palavra, ordem;
- Θεοῦ - (substantivo, ablativo singular masculino) – Deus;
- εἰς - (preposição) - para, para que, de maneira;
- τὸ - (artigo, nominativo singular neutro) - o
- μὴ - (advérbio de negação) – não;
- ἐκ - (preposição) – a partir de, por meio de;

- φαινομένων - (presente médio participio genitivo plural masculino) – tenha surgido, tenha aparecido, tenha trazido a luz;
- τὸ - (artigo, nominativo singular neutro) - o
- βλεπόμενον – (presente passivo participio acusativo singular neutro) - se contemplam, se olham, se veem;
- γεγονέναι – (perfeito ativo infinitivo) – vier a ser, ter-se tornado, ter acontecido.

Antes das citações dos antepassados, conhecidos também como “heróis da fé”, o escrito exemplifica, aos seus destinatários, o que a fé realiza em suas vidas. A fé proporciona conhecimento e entendimento ao ser humano sobre as questões relacionadas a criação do cosmo. A fé apresentada pelo escrito, no entendimento do versículo 3, além de proporcionar uma experiência do ser humano com a Divindade, a fé também proporciona entendimento dos acontecimentos que talvez não podem ser explicados pela razão humana.

Na criação do cosmos nenhum ser humano estava presente para assistir o início de tudo. Sendo que Deus deixou esse mistério para o entendimento humano sobre a formação do cosmos e o início de tudo, mistério esse que a razão humana jamais compreenderá. (LAUBACH, 2000). A razão humana não compreendendo esse mistério, a única direção que o ser humano pode entender e a direção da fé.

Antes de citar o exemplo mais antigo da fé agindo na humanidade, o escrito, utiliza-se da criação do cosmos, o início de tudo, para exemplificar a atuação da fé na humanidade. E essa atuação, o escrito, procura demonstrar aos destinatários que antes dos exemplos humanos da ação da fé, era necessário que os destinatários da epístola, compreendessem que a criação do cosmos não seria entendida pela lógica humana, mas pela somente pela fé.

Por outra parte não deixa de ter sentido profundo que antes de iniciar a lista dos testemunhos de fé é importante mostrar até que ponto a fé é algo fundamental; até a formação dos mundos pela palavra criadora de Deus só é reconhecível pela fé; isto faz perceber ao mesmo tempo que a parte mais importante da realidade não é o visível, mas sim o invisível. (KUSS E MICHL, 1977, p. 233, tradução nossa).

A fé torna-se instrumento de compreensão da existência invisível, que a partir dela, Deus criou a existência visível. Podemos entender que a fé se torna um instrumento de “visualização” daquilo que não se vê. É incompreensível para a lógica humana de todos os tempos. Segundo Datter (1980, p. 144), “Ora, um conhecimento desta natureza só dá pela fé, uma vez que todas as mitologias antigas partem da pré-existência visível e eterna do Céu e da Terra.”

Por esse motivo a fé se torna algo sobrenatural, não somente em acreditar no sobrenatural, mas na ação que esse sobrenatural proporciona através da direção da fé para os seres humanos. O autor da epístola, desafia os seus destinatários, a exercitar a fé nas revelações Divinas sobre a criação do cosmos e não em concepções e lendas antigas ou mitologias ultrapassadas. A fé nesse ponto revela-se como um tipo de “sexto sentido”, pois o ser humano que se utiliza da fé, tem a concessão do entendimento que será inacessível para o ser humano que não se utiliza da fé. (LAUBACH, 2000).

Percebemos que a fé apresentada pelo escrito, não é baseada em situações palpáveis, em situações pelas quais os olhos humanos enxergam, mas ultrapassa essa existência humana, podendo ser para a lógica humana incompreensível. Poderíamos comparar com um texto de Paulo em II Cor 5,7 (BJ), “pois caminhamos pela fé e não pela visão...”.

O atual versículo tem um paralelo com o versículo 1, e podemos afirmar que o versículo 1 é confirmado pelo atual versículo.

Este versículo, embora não mencione um fato da história bíblica, envolve a compreensão do mundo dos destinatários de Hebreus, mas também combina com a declaração de 11,1 de que a fé é dirigida para as “coisas não vistas”, estabelecendo um paralelo com a afirmação de que “o mundo visível não tem suas origens em aparências.”. (ADRIANO FILHO, 2001, p. 51).

Nota-se que no início na Versão Grega (VG), o vocábulo (Πίστει) fé, não está acompanhado de um artigo definido, sendo esse vocábulo classificado como um substantivo dativo. Segundo Datter (1980, p. 144), “Semelhante recurso estilístico dá destaque ao termo e ao conceito ‘fé’ colocado no início da frase no caso gramatical do dativo instrumental; como a língua portuguesa não dispõe de declinação, o estilo grego do autor não pode ser imitado rigorosamente.”

O autor da epístola, aplica no capítulo 11 o contexto simbulêutico, que tem a função paradigmática, que através do agir Divino é deduzido uma motivação para o presente, os exemplos de fé dos antepassados que servem como motivação para a comunidade destinatária da epístola. A definição de fé pode ser comparada com os escritos de Fílon. Segundo Berger:

Hb 11 tem a forma de uma série de exemplos (catálogo de paradigmas). Hb 11,1 dá primeiro a definição de “fé”; em seguida, portadores dessa atitude são mencionados, em ordem cronológica, numa *série anafórica* (isto é, com repetição da palavra-chave inicial no começo de cada exemplo.) Quanto à forma, pode ser comparado a Fílon, *Praem.* 13 (com palavra-chave “esperança”, mas não em ordem cronológica e sim com exemplos tirados da vida). Do judaísmo pode ser citado Sb 10: como em Hb 11, um *título* faz conhecer o objetivo e o assunto central da série; como lá, o *mesmo ponto de referência* (aqui: “Sabedoria”) é repetido adiante. [...]. Por isso trata-se em Sb 10 e Hb 11 de um gênero helenista (Discurso XIX de Lísias sobre Aristófonos, §§ 45-49; Isócrates, *Antid.* §§ 231-235). (BERGER, 1998, p. 31).

A inclusão do capítulo 11 de Hebreus no gênero catálogos de paradigmas é limitado, pois há uma espécie de vácuo entre catálogos e narrativas. No capítulo 11 não somente os exemplos são colocados em ordem cronológica, mas em algumas vezes são narrados com acontecimentos sequenciais da vida do personagem. Cada narrativa surge como um fato, uma documentação do poder da fé. (BERGER, 1998).

A partir do versículo 4, o escrito cita diversos personagens do Antigo Testamento que foram exemplos de atuação de fé. Os versículos de 4 ao 7, o escrito apresenta personagens que foram do período anterior ao dilúvio, citado no Antigo Testamento, dilúvio esse que foi um julgamento para uma humanidade que se encontrava em absoluta decadência. Dos versículos 8 ao 22 são citados os patriarcas, os pais da nação israelita. Dentro desse trecho o escrito faz uma colocação sobre “uma pátria celeste”, que os antepassados ansiavam. Dos versículos 23 ao 29 há a citação de Moisés e o êxodo israelita, mencionando a primeira Páscoa e a travessia do Mar Vermelho. Os versículos 30 e 31 a entrada na terra prometida mencionado a queda do muro da cidade de Jericó e a personagem Raabe. Dos versículos 32 ao 34 os personagens citados nominalmente pertenceram ao período dos juízes e o texto acrescenta “e os profetas”. Dos versículos 35 ao 40 relata os feitos desses antepassados que agiram pela fé.

As ideias centrais do cristianismo interpretam a história dos escritos do Antigo Testamento. Mas ainda sim, uma narração do passado como passado. (BERGER, 1998). O escrito, cita os antepassados, narrativas do Antigo Testamento, como exemplos de fé que devem ser seguidos. Podemos supor, talvez, menos como exemplos pessoais e mais como exemplos da direção da fé na vida desses “heróis”.

3.1.3 O discurso de fé em Hebreus 12,1-3

Quadro Sinótico 5

<p>¹ Τοιγαροῦν καὶ ἡμεῖς τοσοῦτον ἔχοντες περικείμενον ἡμῖν νέφος μαρτύρων, ὄγκον ἀποθέμενοι πάντα καὶ τὴν εὐπερίστατον ἁμαρτίαν, δι’ ὑπομονῆς τρέχωμεν τὸν προκείμενον ἡμῖν ἀγῶνα</p> <p>² ἀφορῶντες εἰς τὸν τῆς πίστεως ἀρχηγὸν καὶ τελειωτὴν Ἰησοῦν, ὃς ἀντὶ τῆς προκειμένης αὐτῷ χαρᾶς ὑπέμεινεν σταυρὸν αἰσχύνῃς καταφονήσας ἐν δεξιᾷ τε τοῦ θρόνου τοῦ Θεοῦ κεκάθικεν.</p> <p>³ ἀναλογίσασθε γὰρ τὸν τοιαύτην ὑπομεμενηκότα ὑπὸ τῶν ἁμαρτωλῶν εἰς ἑαυτὸν ἀντιλογίαν, ἵνα μὴ κάμητε ταῖς ψυχαῖς ὑμῶν ἐκλυόμενοι.</p>	<p>¹ Portanto, também nós, com tal nuvem de testemunhas ao nosso redor, rejeitando todo fardo e o pecado que nos envolve, corramos com perseverança para o certame que nos é proposto,</p> <p>² com os olhos fixos naquele que é iniciador e consumidor da fé, Jesus, que, em vez da alegria que lhe foi proposta, sofreu a cruz, desprezando a vergonha, e se assentou à direita do trono de Deus</p> <p>³ Considerai, pois aquele que suportou tal contradição por parte dos pecadores, para não vos deixardes fatigar pelo desânimo.</p>
--	--

Após a descrição dos personagens nos escritos do Antigo Testamento, que agiram pela fé, descritas no capítulo 11, percebemos que toda essa descrição é a preparação para a introdução com admoestação do capítulo 12. Ao citar os antepassados do Antigo Testamento, percebemos que a fé agia em suas vidas, dando-lhes a direção que deveriam tomar na jornada. E se eles percorriam uma jornada através da direção da fé, esses antepassados eram peregrinos em busca de algo ou lugar melhor, como afirma José Adriano Filho: “No capítulo 11, os heróis da fé procuram fielmente a cidade de Deus e as expressões “correr com perseverança” e “pioneiro” (12,1-2) dão continuidade ao motivo do povo de Deus peregrino. O

corolário regular deste tema é que Jesus os antecipa nesta jornada”. (ADRIANO FILHO, 2001, p. 189).

No versículo 1 o texto diz (FL): “Por conseguinte, também nós, tendo à nossa volta uma tal nuvem de testemunhas, deixando de lado o peso e todo o pecado que nos cerca facilmente, com perseverança corramos a prova que temos pela frente”.

Aqui se enfatiza que, na caminhada dirigida pela fé, os cristãos estão rodeados pelos testemunhos dos antepassados que agiram pela fé, pois as experiências vividas pelos antepassados servem de incentivo a direção da fé. A expressão usada no início do versículo 1, “Por conseguinte” (FL) ou “Portanto” (BJ), faz a ligação do capítulo 11, os exemplos de fé dos antepassados, com os primeiros versículos do capítulo 12. Segundo Adriano Filho (2001, p. 189), “‘Portanto’ refere-se especificamente a 11,39-40, mas olha retrospectivamente para os heróis do capítulo 11.”. O incentivo do autor da epístola é concedido pelos exemplos das narrativas contidas no Antigo Testamento.

As experiências de fé dos antepassados são exemplos para que a comunidade cristã aos Hebreus prossiga em sua jornada. A nuvem de testemunhas apresentada pelo escrito, não é somente os antepassados das narrativas do Antigo Testamento, como os descritos no capítulo 11, mas a multidão dos justos pela qual seus espíritos foram aperfeiçoados, que também participam da caminhada cristã. Se estabelece uma conexão entre a comunidade cristã terrena que enfrenta dificuldades, com a comunidade triunfante. (LAUBACH, 2000).

Essa multidão dos justos que os seus espíritos foram aperfeiçoados, poderíamos supor que o escrito se referia aos mesmos justos que ele cita mais adiante no versículo 23 (FL), “e da assembleia dos primogênitos inscritos nos céus e do juiz – Deus – de todos e dos espíritos dos justos que atingiram a perfeição”.

É uma multidão, uma verdadeira “nuvem” de homens e mulheres, que em meio as provas e sofrimentos de todo o tipo se mostraram fiéis, demonstrando “confiança nas realidades que esperam” e a “convicção da que se não veem” (11,1); sua presença em espírito na consciência do leitor [...] deve ser motivo de animosa confiança. (KUSS E MICHL, 1977, p. 257, Tradução nossa).

Esses antepassados e espíritos aperfeiçoados não seriam participantes diretos do atual momento da comunidade cristã, mas sim expectadores que

assistiriam à caminhada com o direcionamento da fé, que a atual comunidade realiza. Nessa relação do término dos exemplos dos antepassados no capítulo 11, e o início do capítulo 12 parece aludir a espectadores que estão assistindo em um estádio ou anfiteatro a uma luta daqueles que estão se expondo e sustentando uma convicção com a força que a fé proporciona em suas vidas em favor da verdade e de um fato afirmado. (KUSS E MICHL, 1977).

Mas a direção da fé, segundo a autor da epístola pode ser impedida ou atrapalhada pelo pecado, o obstáculo que separa o ser humano da Divindade. As expressões usadas nesse trecho são “deixando de lado o peso e todo o pecado que nos cerca facilmente” (FL); “rejeitando todo fardo e o pecado que nos envolve” (BJ); o que podemos entender é que não somente o pecado é impeditivo para direção da fé, mas teria também outra questão que é o “peso” ou “fardo”. O que o autor quis significar esse “peso”? Além do pecado, o que esse “peso” significaria de impedimento para a direção da fé?

O escrito exorta que aqueles, da comunidade, que desanimaram necessitam despojar-se das circunstâncias terrenas que se tornam obstáculo para a caminhada e também de toda a indumentária inapropriada do pecado, pois esses obstáculos diminuem ou excluem por completo a caminhada pela direção da fé. (KUSS E MICHL, 1977).

O escrito compara a jornada de fé como uma competição, uma corrida atlética ou uma luta como as que ocorriam nos estádios durante os jogos gregos. Segundo Adriano Filho (2001, p. 189), “Hebreus 12,1-3 desenvolve a metáfora de uma luta atlética no estádio, apresentando o último exemplo de fé, Jesus, ‘o iniciador da fé e o que a conduz a realização’ (12,1a).”.

O escrito utiliza-se, nesse momento do texto, do ingrediente “perseverança”. Sendo a perseverança o ingrediente necessário para a direção da fé. Assim com um atleta precisava ser perseverante em seu treinamento os indivíduos da comunidade destinatária também deveriam usar da perseverança para a sua direção de fé. O autor admoesta para que os indivíduos da comunidade, segundo Kuss e Michl (1977, p. 255, Tradução nossa), “[...] deveriam por todos os meios manter a perseverança, requisito indispensável para vencer em toda competição atlética.”.

O momento difícil que a comunidade destinatária enfrentava necessitaria da direção da fé acompanhada do ingrediente da perseverança. O autor da epístola os

admoestava a desenvolver uma fé perseverante. Nesse primeiro versículo do capítulo 12, o autor da epístola procura exortar os seus destinatários com uma posição que o próprio autor havia apresentado no final do capítulo 10. Segundo Vanhoye (1983, p. 36), “O autor passa a falar com o tom de exortação direta. E o tema da perseverança em 10,36, faz seu aparecimento.

Os antepassados além de serem exemplos na condução da fé, também se mostram como exemplos de perseverança, sendo que o personagem principal dessas testemunhas e podemos supor que o escrito propositadamente deixou esse personagem por último, é Jesus Cristo. Segundo Adriano Filho (2001, p. 189), “Dessa forma Hebreus oferece encorajamento para a perseverança cristã na fé e a obediência na corrida em direção à meta prescrita, pois a comunidade cristã deve encontrar em Jesus, ‘que suportou a cruz’, o exemplo supremo de fé perseverante.”.

Tendo sido passados os exemplos de fé e perseverança dos antepassados, o escrito chama a atenção dos seus destinatários para o personagem central, o modelo máximo de fé.

No versículo 2, temos o texto: (ἀφορῶντες εἰς τὸν τῆς πίστεως ἀρχηγὸν καὶ τελειωτὴν Ἰησοῦν, ὃς ἀντὶ τῆς προκειμένης αὐτῷ χαρᾶς ὑπέμεινεν σταυρὸν αἰσχύνης καταφονήσας ἐν δεξιᾷ τε τοῦ θρόνου τοῦ Θεοῦ κεκάθικεν.) “Olhando com total atenção para o autor principal e aperfeiçoador da fé, Jesus, o qual em consideração do motivo de alegria (que) se (estava) propondo nele, desconsiderou a vergonha em relação a cruz (e) ele suportou pacientemente e sentou-se a direita do trono de Deus.”.

- ἀφορῶντες – (presente ativo participio nominativo plural masculino) – observando atentamente, olhando com total atenção;
- εἰς - (preposição) - para, para que, de maneira;
- τὸν – (artigo, acusativo singular masculino) – o;
- τῆς – (artigo, genitivo singular feminino) – da;
- πίστεως – (substantivo, genitivo singular feminino) – fé;
- ἀρχηγὸν – (adjetivo, acusativo singular masculino) – autor principal, primeiro;
- καὶ - (conjunção ilativa) – e, isto é, a saber, e assim;

- τελειωτῆν – (adjetivo, acusativo singular masculino) – aperfeiçoador, aquele que aperfeiçoa, aquele que leva ao resultado final, aquele que completa, finaliza;
- Ἰησοῦν - (nome próprio, substantivo acusativo singular masculino) - Jesus
- ὃς – (pronome relativo, nominativo singular masculino) – o qual, qual, quem, o que, que;
- ἀντί - (preposição) – em consideração a, por;
- τῆς - (artigo, genitivo singular feminino) – da;
- προκειμένης – (presente médio particípio acusativo singular feminino) – se apresentando, propondo, encontrando-se, sendo;
- αὐτῷ - (pronome pessoal terceira pessoa do singular, instrumental masculino) – nele;
- χαρᾶς – (substantivo, genitivo singular feminino) – alegria, contentamento, regozijo, motivo de alegria;
- ὑπέμεινεν – (verbo aoristo, ativo do indicativo terceira pessoa do singular) – ele suportou, aguentou, sofreu pacientemente;
- σταυρὸν – (substantivo, acusativo singular masculino) – cruz, poste;
- αἰσχύνῃς - (adjetivo, genitivo singular masculino) – vergonha, desgraça, causa de vergonha;
- καταφρονήσας – (aoristo, ativo particípio nominativo singular masculino) – desconsiderou, menosprezou;
- ἐν - (preposição, dativo) – em, em relação a;
- δεξιᾷ - (dativo singular masculino) – sentar-se ou permanecer a direita de alguém, como sinal da mais alta honra e dignidade;
- τε – (partícula enclítica) – tanto, como, mas também;
- τοῦ - (artigo, genitivo singular masculino) – do;
- θρόνου – (substantivo, genitivo singular masculino) – trono;
- τοῦ - (artigo, ablativo singular masculino) – do;
- Θεοῦ – (substantivo, ablativo singular masculino) – Deus;
- Κεκάθικεν – (verbo, perfeito ativo do indicativo terceira pessoa do singular) – ele tem-se assentado.

O texto procura focar a atenção da comunidade destinatária, ao usar a palavra (ἀφορῶντες) que expressa a atenção ou observação atenta ao principal e pioneiro da fé. O escrito procura mostrar a comunidade cristã que esse personagem central, esse pioneiro está a frente deles nessa direção da fé. Assim como no primeiro versículo ele utilizou a figura de um atleta, Jesus se torna esse modelo de atleta vencedor. Segundo Adriano Filho (2001, p. 189), “Jesus é o atleta modelo da fé que deve ser observado e imitado por aqueles que andam em seus passos.”.

A comunidade cristã, imitando o pioneiro da fé, daria continuidade a essa peregrinação, a essa corrida, a essa luta, que fora iniciada por Jesus, tendo a fé como direção. A atenção da comunidade cristã deveria ser em Jesus Cristo.

Notamos que o escrito enfatiza, com dois adjetivos, o personagem central dessa admoestação: (ἀρχηγὸν) “autor principal, primeiro”; (τελειωτήν) “aperfeiçoador, aquele que leva ao resultado final, aquele que completa e finaliza”. O escrito enfatiza que Jesus é aquele que iniciou essa jornada ao pegar a direção da fé e terminá-la, finalizando essa direção. Poderíamos supor que o escrito, ao realizar essa admoestação aos seus destinatários, procura demonstrar que a direção da fé é o modo seguro de realizar a jornada pelo fato de Jesus ter finalizado essa direção?

A atenção e observação á aquele que iniciou e finalizou a direção da fé, seria como olhar para a realidade Divina, contemplar o invisível. Observar atentamente para Jesus, não seria uma contemplação natural, como observar uma pintura ou escultura, mas uma contemplação ao sobrenatural, uma contemplação que proporciona a ação da fé na vida do ser humano. (LAUBACH, 2000).

Aqui se mostra que o “pioneiro” da fé surge no momento escatológico, no atual momento, no “agora” da comunidade de fé. O propósito desse trecho é mexer com vida dos destinatários, apontado para o momento escatológico, pois assim como os antepassados foram exemplos de fé, Jesus aparece, “agora” como o maior exemplo de fé a ser seguido. Jesus está no momento escatológico atual da comunidade, sendo o iniciador da fé no sentido da atitude descrita e tornando essa fé a realidade de uma consumação do cumprimento da exigência Divina. (KUSS E MICHL, 1977).

A comunidade cristã que a epístola foi dirigida, provavelmente enfrentava dificuldades, pela qual podemos supor que uma delas seria a perseguição e rejeição

por parte da sociedade em que viviam. Dificuldades essas que estariam desviando o foco que eles deveriam ter, prejudicando assim a sua crença e fé. E talvez muitas integrantes da comunidade não compreendiam o porquê das dificuldades.

O escrito lembra o exemplo de Jesus ao citar a frase (ὑπέμεινεν σταυρὸν), “ele suportou, sofreu pacientemente a cruz”, demonstrando os sofrimentos do “pioneiro” da fé. Notamos que o escrito procura enfatizar a questão ao usar o adjetivo (αἰσχύνης) “causa de vergonha, desgraça”, enfatizando que o tipo de sofrimento de Jesus foi degradante.

A morte pela crucificação era a morte mais vergonhosa e humilhante, pois era associada aos escravos, rebeldes e a perigosos criminosos. Sendo a crucificação uma morte punitiva para o perturbadores e inimigos do império. A própria sentença para esse tipo de morte já indicava o baixo status do condenado. O indivíduo que sofresse tal punição, além da dor física, sofria também a injúria e difamação social e ética. No contexto da crucificação, Jesus enfrentou a experiência humilhante, sendo despojado de sua honra e sendo considerado um pária da sociedade. (ADRIANO FILHO, 2001).

Jesus desprezou a vergonha da cruz, tornando-se um exemplo de fé para a comunidade. No contexto de Hebreus, a palavra “vergonha” é usada no sentido amplo da experiência de desonra. Dessa forma, a afirmação “desprezou a vergonha” indica que o sentido de vergonha, que deveria prevenir certos comportamentos devido ao medo da desgraça, foi, de alguma forma, neutralizado. (ADRIANO FILHO, 2001, p. 193).

O escrito enfatiza Jesus como exemplo de fé para a comunidade destinatária, pois a perspectiva da expressão “indiferente a ignomínia” (FL) ou “desprezando a vergonha” (BJ), demonstra que Jesus não se importou com a rejeição da sociedade de seu contexto. Segundo Adriano Filho (2001, p. 193), “[...] incluindo uma contra avaliação correspondente dos que procuraram julgar suas ações como vergonhosas.”.

É observado, pelo autor da epístola, que Jesus teve o direito da escolha, pois a frase (ὅς ἀντί τῆς προκειμένης αὐτῷ χαρᾶς) “o qual em consideração do motivo de alegria (que) se (estava) propondo nele”, podemos parafrasear esse trecho da seguinte maneira: “em lugar da alegria que ele (Jesus) esperava”.

O escrito, procura incentivar os seus destinatários em meio as dificuldades, demonstrando que Jesus escolheu o sofrimento humilhante pois ele esperava um acontecimento recompensador, uma alegria maior. A frase “na alegria que ele (Jesus) esperava” o autor da epístola faz uma analogia com umas das frases do primeiro versículo: “corramos para o certame que nos é proposto”, que seria experiência da comunidade destinatária. Assim como Jesus foi perseverante na obtenção de um prêmio maior, a mesma fé que agiu e sustentou os antepassados diante das experiências de dificuldades, seria a mesma fé que agira na comunidade, ajudando-a na aproximação com a Divindade e olhando para futuro, pois Deus premiaria a todos os que o buscam com fé. A direção da fé cria no interior do ser humano o paradoxo do “ver o que ainda não é visto”. O autor, no intuito de exortar a comunidade, incentiva-os a perseverarem na busca do prêmio, do galardão prometido. A espera e não focalização nos sofrimentos, demonstram aos destinatários de Hebreus que esse aguardo pela alegria futura, foi essencial para Jesus passar pelos sofrimentos. (ADRIANO FILHO, 2001).

Alguns críticos como Laubach (2000), Kuss e Michl (1977), abrem a possibilidade de que a frase “o qual em consideração do motivo de alegria (que) se (estava) propondo nele”, poderia ser um aspecto de escolha mais profundo de Jesus, pelo fato que a preposição (ἀντί) pode significar “em lugar de”, sendo que a frase se entenderia como: “em lugar da alegria que lhe foi apresentada”, portanto, Jesus escolheu sofrer em vez de ter uma alegria momentânea.¹⁰ Essa perspectiva não é compartilhada por nós pela presente pesquisa.

Percebemos que o escrito procura envolver os seus destinatários, apontando a direção da fé e procurando admoestá-los na perseverança e paciência, pois a jornada que eles enfrentam terá um futuro promissor, assim como o seu principal exemplo. Segundo Adriano Filho (2001, p. 194), “[...] Jesus é apresentado à luz de um outro aspecto da fé central para Hebreus, a consideração do galardão que alguém receberá de Deus se perseverar na fé.”.

Ao citar essas perspectivas da indiferença da vergonha e o sofrimento de “agora” em vista da alegria futura, o escrito, provavelmente trazia na lembrança da

¹⁰ Para Laubach, a frase analisada por essa presente pesquisa (ὅς ἀντί τῆς προκειμένης αὐτῷ χαρῆς) significa que Jesus escolheu o sofrimento, abandonando a sua existência Divina ao lado de Deus, a sua alegria de momento, para passar para humilhação da morte de cruz. O autor Kuss analisa a duas possibilidades: da troca da alegria momentânea pelo sofrimento; e o sofrimento presente na obtenção da alegria futura.

comunidade, os indivíduos que, por motivo das dificuldades, abandonaram a direção da fé, porque preferiam o não sofrimento do que continuar a jornada. E o autor poderia imaginar que aqueles que estivessem lendo as suas admoestações, poderiam estar escolhendo o mesmo caminho de abandono da fé.

O exemplo de fé de Jesus se mostra como uma expressão completa, pois a perfeição da fé significa a aprovação Divina e o autor utiliza essa perspectiva como estratégia para os seus destinatários não abandonarem a direção da fé. (ADRIANO FILHO, 2001). Ainda segundo Adriano Filho (2001, p. 193), “Este modelo retórico reflete uma relação cultural entre a comunidade cristã e a sociedade vigente, acentuando a grandeza dos padrões da comunidade cristã.”.

O escrito, diante da admoestação sobre os sofrimentos de Jesus Cristo, prova, para os seus destinatários, que Jesus obteve o esperado prêmio que estava proposto a ele: (δεξιᾷ τε τοῦ θρόνου τοῦ Θεοῦ κεκράθικεν) “sentou-se a direita do trono de Deus.”. Apresenta mais um motivo de Jesus ser exemplo para os seus destinatários pois ele, Jesus, obteve a aprovação Divina. A direção da fé utilizado por Jesus o levou ao caminho da aprovação. Segundo Adriano Filho (2001, p. 196), “O caminho da fé, embora possa trazer desgraça aos olhos da sociedade, é o caminho da honra diante de Deus.”.

Percebemos nos versículos 1 e 2 uma admoição protréptica, que o escrito busca exortar os seus destinatários sobre o comportamento deles na sua caminhada de fé. (BERGER, 1998). Exemplos de admoição protréptica, no final do versículo 1 “*deixando de lado todo o peso e todo o pecado que nos cerca facilmente*” (FL); no início do versículo 2 “*mirando o fundador e consumidor da fé*” (FL).

Os adjetivos (ἀρχηγὸν) “autor principal, primeiro”; (τελειωτῆν) “aperfeiçoador, trazem a percepção “daquele que iniciou e terminou”. Jesus é o pioneiro de uma comunidade na ordem da fé e também aquele que demonstrou a fé em sua expressão última. Diante de um cosmo decaído, Jesus foi ao primeiro a expressar a sua obediência à Deus, manifestando assim o poder primordial e o objetivo da fé. Por esse fato, Jesus torna-se o “autor principal” ou “o primeiro”, implicando na sua preeminência do exercício da fé, pois Jesus trouxe a fé em sua completa realização, dando a ela uma perfeita base pelo seu sofrimento. As expressões “primeiro” e “aperfeiçoador” trazem um efeito retórico ao texto. O escrito já teria utilizado anteriormente desse instrumento retórico no trecho de 3,14b (BJ): “contanto que

mantenhamos firmes até o fim nossa confiança inicial. ”, (fim/inicial); e no trecho 7,3b (BJ): “nem princípios de dias nem fim de dias”, (princípio/fim). (ADRIANO FILHO, 2001).

Na continuidade do texto, no versículo 3 (FL) temos: “Considerai, pois, aquele que aguentou tal hostilidade contra si mesmo por parte dos pecadores, para que não desistais, desmaiados nas vossas almas.” O autor da epístola, em continuação ao exemplo do autor principal da fé, descreve os sofrimentos e humilhações sofridos por Jesus. O foco do autor para os seus destinatários é insistir no exemplo de perseverança de Jesus. A expressão “*para que não desistais, desmaiados em vossas almas*” (FL) ou “*para não vos deixar fatigar pelo desânimo*” (BJ), liga-se com admoestação expressa no versículo 1 “*corramos com perseverança para o certame que nos é proposto*” (BJ), percebemos que o apelo a perseverança é explícito. Segundo Adriano Filho (2001, p. 197): “Assim ao evocar novamente a perseverança de Jesus no sofrimento, Hebreus torna explícito o seu propósito parenético no v.3.”.

Percebemos mais uma vez a importância do ingrediente perseverança na direção da fé. A caminhada do ser humano, a sua jornada na utilização da direção da fé, será com dificuldades e, por que não, com sofrimentos. E durante essa jornada, o desejo de desistência, de voltar a atrás, de não prosseguir a caminhada pela direção da fé será latente na vida do indivíduo. A perseverança é o ingrediente que ajudará o indivíduo a continuar sua jornada. Essa “insistência” junto com a direção da fé, proporcionará a chegada ao final da jornada. Poderíamos supor que a perseverança seria como um aditivo, um combustível que ajudaria o ser humano na direção da fé?

Apresentando Jesus como o modelo da perseverança fiel e aquele que completou a jornada a frente da comunidade cristã, o escrito, ao utilizar da corrida ou da luta atlética, exemplificou a perseverança no sofrimento, algo que a comunidade aos Hebreus necessitava entender. Jesus é aquele que deve ser imitado pela comunidade e nessa imitação que o escrito destaca, como “o principal” como aquele que completou a jornada, que chegou no ideal da fé, trazendo algo incomum para o meio da filosófico. (ADRIANO FILHO, 2001).

Na luta ou na corrida da fé, Deus não concedeu somente a regras para a direção da fé, mas proporcionou o exemplo máximo dessa jornada. Assim como Jesus é exemplo daquele que suportou os sofrimentos com perseverança, o escrito

busca despertar em seus destinatários a perseverança necessária que concederá seguridade a direção de fé, pois a perseverança será oportuna em situações difíceis, concedendo a força ideal para superar o estado de dificuldade e prosseguir com a jornada. (KUSS E MICHL, 1977).

O escrito apresenta Jesus como ao atleta ideal, como o lutador a ser seguido como exemplo por aqueles desejam imitar a sua fé. Segundo Adriano Filho (2001, p. 198), “[...] Hebreus apresenta o paradigma de um lutador que fielmente suportou uma ‘batalha’ similar a dos destinatários, o qual, tendo completado a corrida, ‘assentou-se à direita do trono de Deus’.”.

Percebemos que o escrito procura admoestar os seus destinatários com consolação e exortando-os a virtude da perseverança. Esses textos de elementos prodrépticos são encontrados com frequência em Hebreus, principalmente no trecho do capítulo 12 nos versículos de 1 ao 11, além de ser encontrados em outros capítulos de Hebreus e também em outros escritos neotestamentários. (BERGER, 1998).

Os primeiros versículos do capítulo 12, mostram que o autor buscou realizar uma admoestação ou uma advertência em forma de conselho depois do capítulo 11. Segundo Berger (1998, p.149), “Características da admoestação nas cartas é também a chamada ‘admonição-apêndice’. Uma longa explicação subjetiva é seguida por uma espécie de aplicação em forma de admonição. [...]. Hb 12,1-11 depois de 11,11ss.”. Essa característica de admonição-apêndice, é caracterizada muitas vezes pela ligação da palavra, “portanto”.

Notamos através do escrito de Hebreus e pelos trechos que analisamos, que aquela comunidade enfrentava situações difíceis e o autor, que lhes escreveu a epístola, preocupado com as consequências que as dificuldades causavam nessa comunidade cristã primitiva, procurou incentivá-los, em meio aos sofrimentos que enfrentavam, para não desistirem da direção da fé. O autor procura argumentar com seus destinatários que as situações difíceis fazem parte da jornada que a comunidade tem e terá pela frente.

O assunto que o escrito fala aos seus destinatários, trata-se de uma argumentação simbulêutica, que o autor argumenta sobre o sofrer por causa da fé, pelo fato de ser cristão. No contexto dos destinatários de Hebreus, os perseguidores presumivelmente seriam judeus. (BERGER, 1998).

3.2 Comparando Hebreus e Romanos; teologia paulina?

Sendo Paulo a autor que escreveu grande parte do Novo Testamento ou que influenciou a maior parte dos seus escritos e entre os escritos de Paulo, sem dúvidas a epístola aos Romanos é um trabalho literário paulino. Uma epístola, provavelmente escrita por um amanuense, segundo Rm 16,22 (BJ), “Eu, Tércio, que escrevi esta carta, saúdo-vos no Senhor.”. Mas, um escrito, que podemos afirmar, construída pelo próprio Paulo.

Sendo uma escrita extensa de Paulo, a epístola aos Romanos é uma literatura que expressa a teologia paulina em diversas áreas do pensamento cristão. E uma dessas áreas é em relação ao discurso de fé.

O discurso de fé apresentado em Romanos, demonstra o quanto a fé era algo fundamental para Paulo. Para ele a fé era o início e o fim; uma direção a ser tomada pelo ser humano que deseja aproximar-se da Divindade. Para Paulo é através da fé que o ser humano terá o conhecimento de Deus, pois é o instrumento da justiça Divina que permitirá que o indivíduo se aproxime da Divindade santa.

Paulo procura demonstrar a dinâmica do evangelho: a pregação do evangelho que revela a justiça Divina. Mas essa revelação se desenvolverá no ser humano através da fé. A fé, sendo uma direção de aproximação com a Divindade, torna-se um instrumento da justiça Divina e ao mesmo tempo essa justiça Divina é conhecida, pelos humanos através da fé.

A revelação da Divindade através da fé tem como testemunhas, segundo Paulo, a lei e os profetas, Rm 3,21-22 (FL), “Mas agora independente de lei, a justiça de Deus foi revelada [e] testemunhada pela lei e os profetas, justiça essa de Deus [que vem] através da fé em Jesus Cristo [...]”. E essa justiça Divina por meio da fé em Cristo tem a definição de justificação pela fé. A direção da fé concede ao ser humano o livramento das acusações que pesavam sobre ele, acusações essas que o condenariam diante da Divindade. A direção da fé nesse sentido torna-se a direção dos méritos para o ser humano, mas a liberdade do ser humano concedida por esses méritos, não seriam méritos humanos, e sim méritos Divinos.

Segundo Paulo, a lei que era defendida pelos judeus como justiça própria, não seria suficiente para se aproximar da Divindade, mas essa lei, insuficiente para

a justiça Divina sinaliza para a fé. Paulo procura enfatizar que a própria lei demonstra que a justiça humana, por si mesma e insuficiente para o padrão da justiça Divina. A direção da fé torna-se o instrumento para o ser humano tornar-se justo, concedendo a paz com a Divindade. A experiência de paz é proposta pela Divindade através da fé em Cristo. A direção da fé possui os dois lados, pois se torna uma ação conjunta entre a Divindade e o ser humano.

E essa mesma direção da fé, concede paz ao ser humano, mas não a paz que seus destinatários aos Romanos conheciam como “pax romana”, mas uma paz libertadora. A paz que era certeza da pacificação do conflito do ser humano com a Divindade. A direção da fé é algo dado pela Divindade ao ser humano, sendo a fé que conduz o ser humano a um favor que o próprio não o merecia e que Paulo chama de graça.

O escrito da epístola aos Hebreus demonstra uma provável preocupação com os seus destinatários, pelo fato que aquela comunidade enfrentava situações difíceis. E o escrito procura incentivá-los diante das dificuldades. Em meio a explicações teológicas e exortações o escrito aos Hebreus aborda a fé com os seus destinatários, como uma maneira de mostrar-lhes como poderão superar as dificuldades que estão enfrentando.

Nessa epístola, o discurso de fé é apresentado, poderíamos dizer, com sua melhor definição encontrada em toda a literatura bíblica. A fé descrita no texto apresenta-se como algo seguro, uma direção segura. Uma direção que faz o ser humano olhar com confiança para o seu destino final. A fé torna-se um componente de força na jornada que o ser humano tem em sua frente. A fé é o instrumento que faz o ser humano “contemplar” o invisível. A fé como uma convicção segura é apresentada no escrito de Hebreus, proporcionado uma direção certa e correta e também proporciona um olhar especial sobre os acontecimentos futuros, uma confiança segura sobre a improbabilidade. O caminhar da fé torna-se útil para o tempo presente, pois é uma direção segura, mas também se torna importante para o futuro, pois a direção da fé conduz o ser humano ao seu destino final.

Para o texto, na direção da fé a Divindade se manifesta ao ser humano, pois a própria fé funciona como um abrir dos olhos, uma visão para a realidade preparada pela Divindade. A fé, para o ser humano, torna-se componente de força nas situações adversas, capacitando aqueles que caminham na direção da fé a

compreender os acontecimentos futuros. O escrito demonstra que direção da fé proporciona entendimento para acontecimentos que não podem ser explicados pela razão humana, como exemplo: a criação do cosmos. A fé visualiza o que é incompreensível para a razão humana. O caminhar da fé é uma relação ativo-passiva, porque o ser humano age por meio da fé e as manifestações Divinas ocorrem no ser humano por meio da fé.

A epístola aponta para os antepassados dos seus destinatários e a fé desses destinatários, servem de exemplo para a comunidade atual. E esses mesmos destinatários apresentam-se como expectadores dos atuais caminhantes da fé. A direção da fé possui um ingrediente a ser utilizado: a perseverança. E além de exemplos na direção da fé, os antepassados também se tornam exemplos de perseverança. O maior exemplo de perseverança, segundo o escrito de Hebreus é Jesus, que não somente na perseverança, mas também exemplo na caminhada de fé. O escrito, procurando incentivar os seus destinatários, apresenta diversos exemplos do Antigo Testamento que ele cita como exemplos de fé e aponta o exemplo principal, o pioneiro da fé: Jesus Cristo.

A presença de Jesus no “agora” da comunidade é a demonstração do momento escatológico, momento que a atual comunidade enfrenta as dificuldades. Por esse motivo, na direção da fé a perseverança é uma virtude essencial. Além da perseverança, o escrito de Hebreus procurou ressaltar outro ingrediente na direção da fé: a esperança.

Percebemos algumas diferenças nos discursos de fé entre Paulo, na epístola aos Romanos, e o escrito da epístola aos Hebreus. Paulo procura afirmar a justiça Divina através da fé, a direção da fé conduzindo a uma proximidade com a Divindade, proporcionando a graça Divina e a paz com a Divindade. O escrito de Hebreus, preocupado com a situação da comunidade que enfrentava dificuldades, utiliza do discurso de fé como incentivo para os seus ouvintes não desistirem. Mesmo utilizando, assim como Paulo, a direção da fé, o escrito de Hebreus fala de ingredientes que fazem parte dessa caminhada: a perseverança e esperança.

Podemos entender que as semelhanças entre Paulo, na epístola aos Romanos, e a epístola de Hebreus é que a direção da fé é uma caminhada que se faz no “agora”, mas com o destino final no futuro; o escrito de Hebreus ainda ressalta que aqueles que tomam a direção da fé, conseguem ver o que está no destino final

dessa caminhada, algo que Paulo na epístola aos Romanos não ressalta. Outra semelhança entre Hebreus e o material paulino é a metáfora da corrida ou luta de um atleta usada pelo autor de Hebreus, leva-nos aos escritos de Paulo, como a epístola de I Coríntios 9,24-26 (BJ):

Não sabeis que aqueles que correm no estádio, correm todos, mas um só ganha o prêmio? Correi, portanto, de maneira a consegui-lo. Os atletas se abstêm de tudo; eles, para ganharem uma coroa perecível; nós, porém, para ganharmos uma coroa imperecível. Quanto a mim, é assim que corro, não ao incerto; é assim que pratico o pugilato, mas não como fere o ar.

Outro texto paulino que usa a metáfora da “corrida” é epístola aos Gálatas 2,2 (BJ): “Subi em virtude de uma revelação e expus-lhes – em forma reservada aos notáveis – o Evangelho que proclamo entre os gentios, a fim de não correr, nem ter corrido em vão.”. Outros textos de Paulo que se utilizam da metáfora estão na epístola aos Filipenses, como trecho de 2,16 (BJ): “mensageiros da Palavra de vida, Assim, no Dia de Cristo eu terei a glória de não ter corrido nem ter me esforçado em vão. ”; e 3,13-14 (FL): “Irmãos, não considero [como o] tendo alcançado. Mas [há] uma coisa: esquecendo-me das coisas que estão para trás e lançando-me para as vêm à frente, corro em direção à meta, para o prêmio do chamamento para o alto de Deus em Cristo Jesus.”. Dos textos de Paulo apresentados anteriormente, podemos perceber que os trechos das epístolas aos I Coríntios e Filipenses se aproximam da ideia do texto da epístola aos Hebreus.

CONCLUSÃO

Ao pesquisarmos o discurso de fé nas epístolas neotestamentárias de Romanos e Hebreus abordamos algumas das características desses escritos, como a questão da autoria, sendo a epístola aos Romanos considerada genuinamente de Paulo; por outro lado, a epístola aos Hebreus tem como discussão e dúvida a sua autoria, onde diversos personagens são apresentados como seus possíveis autores, inclusive o próprio Paulo. Ainda nesse primeiro momento da pesquisa realizamos uma rápida abordagem sobre a questão do uso da arte retórica nas duas epístolas pesquisadas, e percebemos a aplicação dos autores da arte retórica em seus escritos. Achamos necessário, nesse primeiro momento, abordar de maneira resumida a questão do discurso retórico no mundo antigo.

No segundo momento da pesquisa, abordamos o discurso de fé desenvolvido por Paulo na epístola aos Romanos, no estudo de três textos, onde Paulo desenvolve o seu pensamento sobre a fé. Procuramos desenvolver um estudo exegético dos textos para uma melhor compreensão do discurso de fé que Paulo transmitia aos seus destinatários.

No último momento da pesquisa abordamos o discurso de fé desenvolvido pelo autor de Hebreus no estudo de dois textos da epístola. Percebemos a necessidade de uma abordagem resumida do texto que antecedia o primeiro trecho a ser analisado de 11,1-3, pois o autor já abordava sobre a fé no trecho de 10,36-39. Como na análise da epístola aos Romanos, também procuramos desenvolver um estudo exegético dos dois textos de Hebreus. Procuramos através de nossa análise, fazer uma comparação do discurso de fé da epístola aos Hebreus com o pensamento paulino desenvolvido na epístola aos Romanos.

Após a pesquisa do discurso de fé no cristianismo primitivo nos textos analisados, percebemos, em dois escritos, como que o entendimento sobre a fé, nos primórdios do cristianismo, era orientado. Paulo classifica como uma direção a ser tomada pelo ser humano, uma direção indicada pela Divindade para o acesso a justiça Divina, proporcionando o acesso a própria Divindade. A revelação do evangelho se desenvolve por meio da fé, revelando a justiça Divina, sendo como uma garantia do livramento da ira Divina. Essa garantia não é conquistada por

méritos humanos, sendo tais méritos insuficientes para o livramento da ira Divina, mas é concedida pela providência Divina, portanto, a própria Divindade proporciona a direção da fé para o ser humano alcançar a justiça Divina. A direção da fé proporciona a paz com a Divindade.

No escrito de Hebreus a fé funciona como instrumento de apoio diante das dificuldades, sendo uma direção de segurança, portanto um garantidor para o destino final. A direção da fé proporciona o entendimento para circunstâncias e acontecimentos inexplicáveis para a racionalidade humana. O abrir dos olhos humanos para enxergar e compreender o impossível. A direção da fé apresenta ingredientes: a perseverança e a esperança.

Percebemos algumas diferenças e semelhanças entre Paulo e o escrito da epístola aos Hebreus em relação ao discurso de fé. Notamos que o discurso de fé no pensamento do cristianismo primitivo proporcionava uma amplitude de ideias. Paulo, na epístola aos Romanos utiliza do seu discurso de fé para abordar a questão da justiça Divina em relação ao ser humano, enquanto a epístola aos Hebreus utiliza o discurso de fé para exortar, incentivar os seus destinatários, que enfrentam dificuldades, a prosseguirem na caminhada.

Para Paulo e para o escrito de Hebreus a direção da fé é uma ação conjunta entre a Divindade e o ser humano. Mesmo que a epístola de Hebreus seja um escrito que foi influenciado por Paulo, ou até mesmo escrito por ele, percebemos que o discurso de fé se diferenciava em suas ideias. Não podemos esquecer, também, a questão do contexto das epístolas: a epístola aos Romanos, Paulo se preparava para visitar uma comunidade que ele não tinha fundado, mas que o próprio Paulo expõe as suas ideias teológicas; a epístola aos Hebreus tinha como objetivo exortar a comunidade, apresentando também um pouco de pensamento teológico.

Há algumas questões que ficaram em aberto, pois a presente pesquisa não conseguiria abordar a totalidade do discurso de fé. Nos escritos do Novo Testamento podemos encontrar outros discursos de fé que definiriam a fé com outras perspectivas, como exemplo a definição que Jesus apresentou em seu discurso sobre a fé em Mt 21,18-21. Necessitaria de uma nova pesquisa de comparação do discurso de fé apresentado nos evangelhos com o discurso de fé dos autores das epístolas, apontando prováveis perspectivas diferentes do discurso de fé.

Um tema que apontaria para uma nova pesquisa seria a relação do discurso de fé como pensamento escatológico das primeiras comunidades cristãs. Como que o discurso de fé ou conceito de fé era percebido pelas primeiras comunidades através do conceito conhecido como doutrinas dos últimos tempos. Pesquisa essa que poderia fazer uma relação mais próxima entre fé e esperança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRIANO FILHO, José. **Peregrinos Neste Mundo**. São Paulo: Loyola, 2001.

AGUIAR, Adenilton T. de. **Retórica e Teologia nas Cartas de Paulo: Discurso, Persuasão e Subjetividade**. Santo André, SP. Academia Cristã, 2012.

Aristóteles. **Arte Retórica e Arte Poética**. Tradução: Antônio Pinto de Carvalho. 17^o ed. Rio de Janeiro. Ediouro, 2005.

BARTH, Karl. **A Carta aos Romanos**. Tradução: Uwe Wegner. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2016.

BEALE, G. K.; CARSON, D. A. **Comentário do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. Tradução: Robinson Malkomes, Fabiano S. Medeiros, Valdemar Kroker, Carlos Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2014.

BERGER, Klaus. **As Formas Literárias do Novo Testamento**. Tradução: Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Loyola, 1998.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Português. Nova Edição, Revista e Ampliada. São Paulo: Paulus, 1998.

BÍBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. 5^o ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

BÍBLIA. Novo Testamento. Volume II. Apóstolos, Epístolas, Apocalipse. Tradução: Frederico Lourenço. São Paulo. Companhia das Letras,

BÍBLIA. Português. Bíblia Shedd. Revista e Atualizada. 2^o Edição. São Paulo: Vida Nova; Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

BORTOLINI, J. **Como Ler a Carta aos Romanos**. O Evangelho é a Força de Deus que Salva. 1 ed. São Paulo: Paulus, 1997.

BORING, M. Eugene. **Introdução ao Novo Testamento. História, Literatura e Teologia**. Volume 1. Questões Introdutórias do Novo Testamento e Escritos de Paulo. Tradução: Adenilton T. Aguiar, Darcy P. Pinto, Diego R. da Silva Barros. Santo André: Academia Cristã. São Paulo: Paulus, 2015.

_____ Volume 2. Cartas Católicas, Sinóticos e Escritos Joaninos. Tradução: Adenilton T. Aguiar, Darcy P. Pinto, Diego R. da Silva Barros. Santo André: Academia Cristã. São Paulo: Paulus, 2015.

BROWN, Raymond E. **Introdução o Novo Testamento**. Tradução: Paulo F. Valério. 2º ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

BOSCH, J. Sánchez. **Escritos Paulinos**. Introdução ao Estudo da Bíblia. Tradução: Alceu Luiz Orso, Jaime Sánchez Bosch. São Paulo: Editora Ave Maria, 2002.

CARNEIRO, Marcelo. **Introdução ao Novo Testamento**. 2º ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.

DAVIDSON, Benjamin. **Léxico Analítico Hebraico e Caldaico**. Tradução: Daniel de Oliveira, Willian Lane. São Paulo: Vida Nova, 2018.

DATTER, Frederico. **A Carta aos Hebreus**. São Paulo: Paulinas, 1980.

DUNN, James D.G. **A Teologia do apóstolo Paulo**. Tradução: Edwino Royer. 2º ed. São Paulo: Paulus, 2008.

ELLIOT, Neil. **Libertando Paulo. A Justiça de Deus é a Política do Apóstolo**. Tradução: João Resende Costa. São Paulo: Paulus, 1998.

Fé: In: **Dicionário de Ecumenismo**. Org. Juan Bosch Navarro. Tradução: Ivo Montanhese. Aparecida, SP: Santuário 2002.

FERREIRA, Moisés O. **A Arte Retórica nos Discursos do Apóstolo Paulo. As Estratégias de Convencimento e Persuasão Frente à Diversidade de Auditórios.** Orientadora: Profa. Dra. Lineide do Lago Salvador Mosca. Coorientador: Prof. Dr. Henrique Graciano Murachco 2011. 625 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras, e Ciências Humanas. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de Filologia e Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

GOUVÊA, Ricardo Q. **Paixão Pelo Paradoxo.** Uma Introdução aos Estudos de Soren Kierkegaard e de sua Concepção da Fé Cristã. São Paulo: Novo Século, 2000.

GUNDRY, Robert H. **Panorama do Novo Testamento.** Tradução: João Marques Bentes, Fabiano Medeiros, Valdemar Kroker. 3º ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

GUSSO, Antônio R. **Gramática Instrumental do Hebraico.** 2º ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2008.

HALLIDAY, Tereza L. **O que é Retórica.** São Paulo. Brasiliense, 1990.

HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. **Dicionário de Paulo e Suas Cartas.** Tradução: Barbara Theoto Lambert. 2º ed. São Paulo: Vida Nova; Paulus, Loyola, 2008.

KOESTER, Helmut **Introdução ao Novo Testamento.** 1 História, Cultura e Religião do Período Helenístico. Tradução: Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005.

_____. **Introdução ao Novo Testamento.** 2 História e Literatura do Cristianismo Primitivo. Tradução: Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005.

KUSS, Otto; MICHL, Johann. **Carta a Los Hebreos y Cartas Católicas.** Tradução: Florencio Galindo. 2º ed. ampliada e revisada. Barcelona: Editorial Herder, 1977.

LAUBACH, F. **Carta aos Hebreus**. Comentário Esperança. Tradução: Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2000.

LEENHARDT, Franz J. **Epístola aos Romanos**. Comentário Exegético. Tradução: Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: ASTE, 1969.

MALHEIROS, Issac. A Autoria de Hebreus: a sobrevida acadêmica da Hipótese Paulina. **Protestantismo em Revista**. São Leopoldo. v. 43, n. 2, p. 71-88, jul. /dez. 2017. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp>. Acesso em 15 de out 2021.

MARGUERAT, Daniel (org.). **Novo Testamento. História, Escritura e Teologia**. Tradução: Margarida Oliva. São Paulo. Loyola, 2009.

MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. **História da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina – de Paulo à era Constantiniana**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo. Loyola, 1996.

MOUNCE, Willian D. **Léxico Analítico do Novo Testamento Grego**. Tradução: Daniel de Oliveira. 1º Ed. São Paulo. Vida Nova, 2013.

O NOVO TESTAMENTO GREGO. 4º Edição Revisada. São Paulo: Sociedade Bíblica Alemã e Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

OSBORNE, Grant R. **A Espiral Hermenêutica**. Uma Nova Abordagem à Interpretação Bíblica. Tradução: Daniel de Oliveira, Robinson N. Malkomes, Sueli da Silva Saraiva. São Paulo. Vida Nova, 2009.

PESSANHA, José Américo M. **Tópicos; Dos Argumentos Sofísticos**. Aristóteles – Vida e Obra. Tradução: Leonel Vallandro, Gerd Bornheim. 4º Edição. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

PLEBE, Armando. **Breve História da Retórica Antiga**. Tradução: Gilda Naécia Maciel de Barros. São Paulo: EPU, 1978.

POHL, A. **Carta aos Romanos**. Comentário Esperança. Tradução: Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2000.

REGA, Lourenço S.; BERGMANN, Johannes. **Noções do Grego Bíblico**. Gramática Fundamental. 1º Ed. São Paulo. Vida Nova, 2004.

SANCHES, Sidney de M. A Contribuição da Análise Retórica para a Exegese do Novo Testamento: Um Exemplo da Epístola aos Hebreus. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo. v. 49, n. 1, p.129-143, jan. /jun. 2009.

SANTOS, Lysias O. dos; PROENÇA, Paulo S. **Romanos**. Comentário Bíblico Latinoamericano. São Paulo. Fonte Editorial, 2018.

SANTOS, Zilda Andrade L. dos. Recursos Retóricos Baseados em Exemplos Como Fonte de Lugar Comum em Cartas de Paulo aos Coríntios. **Revista Caminhando**. São Paulo, v.21, n.2, págs. 113-126, jul. /dez. 2016.

SCHIERSE, Franz J. **Epístola aos Hebreus**. Tradução: Waldomiro Pires Martins. Petrópolis: Vozes, 1970.

SHREINER, Josef; DUATZENBERG, Gerhard. **Forma e Exigências do Novo Testamento**. Tradução: Benôni Lemos. 2ªed. São Paulo, 2004.

SOUZA, Itamir N. de. **Pregando a Palavra com Apóstolo Paulo em Romanos**. São Paulo. Rádio Trans Mundial, 2012.

TENNEY, Merrill C. **O Novo Testamento. Sua Origem e Análise**. 2º ed. São Paulo: Vida Nova, 1972.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da Fé**. Tradução: Walter O. Schlupp. 2º Ed. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1980.

VANHOYE, Albert. **A Mensagem da Epístola aos Hebreus**. Tradução: Álvaro Cunha. São Paulo: Paulinas, 1983.

VASCONCELLOS, Pedro L. **Como Ler a Carta aos Hebreus**. Um Sacerdote Fiel para o povo a Caminho. 1 ed. São Paulo: Paulus, 1991.

VIELHAUER, Philipp. **História da Literatura Cristã Primitiva**. Introdução ao Novo Testamento. Tradução: Ilson Kayser. Santo André: Academia Cristã, 2012.

ZUCK, Roy B. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução: Lena Aranha. 1º ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1994.